UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

" O LÚDICO E O AGRESSIVO NA PSICOSE INFANTIL:
CONTRIBUIÇÕES DA ETOLOGIA À PSICOPATOLOGIA "

Candidato: CHRISTIAN INGO LENZ DUNKER
Orientadora: Professora Doutora Emma Otta

Dissertação apresentada ao Instituto
de Psicologia, Universidade de São
Paulo, como parte dos requisitos pa-
ra obtenção do grau de Mestre em
Psicologia - área de concentração
PSICOLOGIA EXPERIMENTAL.

Comissão Julgadora

Professora Doutora Jussara Falek Brauer

Professora Doutora Vera S. Raad Bussab

Professora Doutora Emma Otta

Defesa - 1991

ÍNDICE:

Agradecimentos.....	02
Resumo.....	03
Abstract.....	04
I- <u>Introdução</u>	05
1- Apresentação Sumária do Projeto.....	05
2- Justificativas para uma Etologia Humana.....	09
3- Aproximação Etologia-Etnologia.....	15
4- Justificativa para a Escolha da Psicose Infantil e dos Comportamentos Associados.....	19
II- <u>Método</u>	25
1- Sujeitos.....	25
2- Ambiente.....	28
3- Procedimento.....	36
III- <u>As Formas de Determinação da Loucura</u>	55
1- Da História da Loucura.....	55
2- Loucura e Antropologia.....	69
3- Posição da Psiquiatria.....	76
4- A Superação do Impasse Cultura-Natureza.....	80
IV- <u>Agressão e Brincadeira Turbulenta</u>	88
1- Agressão.....	88
2- Brincadeira Turbulenta.....	106
V- <u>Resultados e Discussão</u>	118
1- Análise Qualitativa.....	118
2- Análise Quantitativa.....	124
VI- <u>Conclusão</u>	173
1- Síntese dos Resultados.....	173
2- A Função do Corpo na Psicose.....	176
3- O Averso do Corpo.....	179
4- A Repetição.....	181
5- A Parcialização.....	184
VII- <u>Referências Bibliográficas</u>	187
VIII- <u>Anexos</u>	209

À Cris...

Pois não há saber sem amor.

Agradecimentos:

A Ana Cristina, pelas noites mal dormidas, pelo apoio técnico, científico e pela paixão com que assumiu comigo essa aposta.

A minha mãe, pelo exemplo de carinho e amor às coisas do "espírito".

A Herr Klaus, que me ensinou a seriedade e dedicação ao trabalho.

Aos meus avós, Ruth e Colin, que tornaram possível o início desta longa jornada.

A Simone e Kita, pela paciência.

To ant Marion, for the helping hand on translation.

As instituições que nos acolheram e às crianças de quem aqui falamos.

A S. Tarcisio e dona Anna e a Tarcisinho pela engenharia de texto.

A Vera, César, Marilda e todo o pessoal da Experimental.

A Jonhy e Lu, pela preciosa interlocução e à Lucila, Gilmar, Leônidas e a pequena Ariadne, pela inacreditável paciência.

A CAPES, pelo financiamento que tornou possível a realização deste projeto.

E finalmente, acima de tudo, à Emma, que foi mais, muito mais, que uma orientadora, foi "mamãe Emma"

Dunker, C.I.L.

O Lúdico e o Agressivo em Crianças Psicóticas:

Contribuições da Etologia à Psicopatologia

São Paulo - 1991 (218 páginas)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

RESUMO

Onze crianças entre sete e onze anos, diagnosticadas como psicóticas, foram sujeitos de um estudo observacional, visando a descrição e ocorrência dos comportamentos de agressão e brincadeira turbulenta. As crianças pertenciam a duas instituições especializadas. Aos critérios de Blurton-Jones (1967) para brincadeira turbulenta, novos foram acrescidos bem como variáveis de contexto. Problemas metodológicos ligados à descrição na Etologia e na Psiquiatria são discutidos, assim como a tradição nosológica envolvida. Contribuições da Antropologia e da Psicanálise foram utilizadas na articulação dos resultados. Nestes, verificou-se que meninos interagem, de maneira geral, mais do que as meninas. Entre as meninas, a brincadeira turbulenta foi mais frequente do que a agressão. Entre os meninos, não se observou o mesmo. Os meninos agredem com maior frequência do que as meninas. Diferenças individuais foram grandes. Há modos preferenciais para a agressão (física) e para a brincadeira turbulenta (diferente para os sexos). Oposições entre os dois comportamentos foram constatadas tanto quanto a padrões motores quanto para a frequência. Essa oposição foi analisada para demonstrar uma estrutura interna aos dois comportamentos, sugerindo uma relação dialética entre o símbolo e a imagem. Formulamos a hipótese de que o comportamento se estrutura como uma linguagem.

Dunker, C.I.L.

The Play and the Aggressive Behaviour in Psychological Children: Contributions from Ethology to Psychopathology
São Paulo, (218 pages)

Dissertation for Master Degree,

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

ABSTRACT

Eleven children, between the ages of seven and eleven, diagnosed as psychotic were the subjects of an observational study. The research was looking for descriptions and occurrences of the aggressive behaviour and rough-and-tumble play. They were observed at two specialized institutions. To the criteria of Blurton-Jones (1967), for rough-and-tumble, new ones were added and also context variables were taken into account. Methodological problems linked to the question of the description in Ethology and Psychiatry were discussed as also the nosology tradition involved. Anthropological and Psychoanalytical contributions were used on the articulation of results. It was verified that in general boys interact more than girls. Girls' rough-and-tumble was more frequent than aggression. In the case of boys, this difference did not appear. Boys are more aggressive than girls. Individual differences were great. There were preferential forms of aggression (physical) and of rough-and-tumble (different for each sex). Oppositions shown between one and another behaviour were found which refer to motor patterns and occurrences. This opposition was analysed to demonstrate an internal structure to both behaviour which leads us to believe that a dialectical relationship exists between the symbol and the image. From this, it suggested that behaviour has the same structure as a language.

T- Introdução:

"... os animais se dividem em:
a) pertencentes ao imperador, b)
embalsamados, c) domesticados, d)
leitões, e) sereias, f) fabulosos,
g) cães em liberdade, h) incluídos
na presente classificação, i) que
se agitam como loucos, j)
inumeráveis, k) desenhados com um
pincel muito fino de pelo de
camelo, l) etcetera, m) que acabam
de quebrar a bilha, n) que de
longe parecem moscas."

Antiga Enciclopédia Chinesa

1- Apresentação Sumária do Projeto:

Nesta pesquisa, focalizamos dois comportamentos, a brincadeira turbulenta e a agressão, segundo sua ocorrência e fenomenologia em crianças com diagnóstico de psicose.

Crianças entre sete e onze anos foram observadas em situação de interação lúdica, realizadas no interior de instituições especializadas no atendimento de jovens com problemas mentais. Este trabalho pretende apresentar algumas contribuições ao estudo da psicopatologia humana.

Ver-se-á , no decorrer dessa dissertação, que a própria noção de psicopatologia será questionada de forma a fazer emergir o que há de mítico no seu interior. Para tanto, discutiremos algumas formas de entendimento da psicose, aderindo-nos tanto a uma compreensão histórica como etnológica do problema.

Algumas questões surgem quando se pretende utilizar a Etologia, inicialmente voltada para a observação do comportamento animal em ambiente natural, no estudo do Homo sapiens sapiens.

Classificar repetições e associá-las a um ente organizador é construir artificialidades; característica humana por excelência. Dizemos, com isso, que a Natureza é produto contínuo da abstração do homem. Mesmo supondo que esta artificialização da Natureza tem seu apriori na filogenia, a questão não está resolvida. Classificar supõe, pois, uma posição do sujeito num certo "ambiente natural"; supõe formas da igualdade à diferença e supõe um sistema de descrição legítimo.

Neste sentido, parece necessária uma breve investigação acerca do discurso das ciências da vida e sua "demarché" histórica. O debate sobre a Etologia humana impõe a necessidade de uma epistemologia que explique seu engendramento. Remontaremos, portanto, períodos críticos do desenvolvimento da própria Biologia como forma de compreender e situar a obra central e fundante da Etologia, qual seja a de Darwin. Um recenseamento dos discursos sobre a natureza, mais que nos situarem historicamente apontam para a gênese de certos paradoxos

sucitados pela Etologia humana. Procuraremos a seguir demonstrar como o lugar da loucura se associa à Natureza justificando duplamente nossa escolha.

Os dados obtidos a partir da observação serão tratados de forma a evidenciar certos perfis de funcionamento da brincadeira turbulenta e da agressão. Supomos que exista um articulação entre brincar de brigar e brigar, uma articulação que gira em torno de um eixo central: as transposições de estados de ser, virtualmente fundamentais para o desenvolvimento da criança. A brincadeira turbulenta sugere um mimetismo com relação a agressão. Esse mimetismo é sincrônico ao que alguns autores chamam de função simbólica. A simbolização da agressão é peça chave do desenvolvimento infantil. Como afirma Winnicot, D.W. (1971):

"Na fantasia inconsciente, crescer é, inerentemente, um ato agressivo." (pág. 195)

Pensando desta maneira, a brincadeira turbulenta oferece subsídios operativos para este processo de simbolização. Vários autores, notadamente da Psicologia, entendem a psicose como um distúrbio de desenvolvimento (Klein, M - 1969 por exemplo). O que se passaria, segundo esta linha de pensamento, é uma espécie de infantilização levando-se a considerar a psicose como uma parada no desenvolvimento psíquico, deixando o indivíduo sujeito a processos mais primitivos da personalidade, como a cisão por exemplo.

Seguindo este raciocínio seria de se esperar diferenças qualitativas e quantitativas quanto ao brincar na psicose (fato atestado pela bibliografia). No entanto, a brincadeira turbulenta tem recebido pouca atenção dos clínicos em geral e quanto a Etologia em particular sua atenção com relação à psicopatologia carece de maior aprofundamento.

2- Justificativas para uma Etologia Humana:

A Etologia surge em sua forma moderna na década de 1950 a partir de estudos de Tinbergen, N (1951) e Lorenz, K. (1963), basicamente apoiada nas observações do comportamento animal. Poderíamos caracterizar este período a partir de um movimento metodológico que se caracteriza da seguinte forma:

- a) observação direta no ambiente natural da espécie
- b) enfoque na homologia e analogia
- c) busca de explicações funcionais

Produziu-se nesse momento dados significativos acerca do comportamento animal. A força dessas explicações residia basicamente no ineditismo temático e na falta de rigor com que o assunto havia sido tratado até então. Lembremos que desde Aristóteles já haviam descrições sobre animais, inclusive sobre seu comportamento.

As primeiras aproximações entre estes resultados para o entendimento do ser humano foram entretanto mais polêmicas do que substantivas. As idéias de Morris, D. (1967) e da sociobiologia de Wilson, E.O. (1978) geraram mais celeuma do que propriamente um plano de investigação científico. A aproximação entre animais bastante distantes na escala filogenética, confundindo por vezes analogia e homologia ou explicações funcionais com explicações causais conduziram a Etologia humana a um descrédito inicial.

A aproximação do homem ao animal tem sido recebida com reserva notadamente entre as ciências humanas. Objeções diversas são reduzidas a uma espécie de crítica metafísica pelos etólogos, seguros de sua posição científica. Vejamos então a origem deste debate. A idéia de transformação das espécies é bem anterior a Darwin; autores como Diderot, Bonnet e Maupertuis já haviam assinalado-a, evidentemente sem o mesmo rigor do naturalista inglês. Posto que a idéia não era original por que sua recepção foi tão efervescente ?

Vejamos com mais detalhe as repercussões de " Origem das Espécies" no cenário intelectual inglês do final do século XIX. Por ocasião da célebre reunião da Associação Britânica ocorrida em Oxford (1860), as idéias darwinianas foram defendidas por Huxley, então um jovem de apenas trinta e quatro anos, em debate aberto onde o bispo Wilbeforce aparentemente representava as forças da metafísica.

A eminência parda desta oposição religiosa, não tão ingênua quanto possa se pensar, era representada pelo conhecido paleontólogo R. Owen (segundo Huxley, J. e Kettlewell, H.D.B. - 1984), discípulo de Cuvier e inimigo da idéia de transmutação. Representava, portanto, o que havia de melhor entre os fixistas. Articulam-se, aí, idéias metafísicas propriamente ditas e argumentos de um poderoso pensador da Biologia. Como demonstra Foucault, M. (1966), Cuvier encontra-se no ponto de viragem da História Natural para a Biologia (1789 - 1815), constituindo um marco de referência para as ciências da vida.

A relação entre metafísica e fixismo pode ser simplificada na medida em que ambas primam, igualmente, por certas características, quais sejam:

- a) formalismo axiomático, onde há um começo absoluto das ordens de referência (o tsim-tsum da cabala judaica, o parabrama da mitologia védica, o "Eiat Lux" da tradição judaico-cristã);
- b) apriorismo, onde premissas fundamentais, decorrentes da abstração, sustentam o sistema;
- c) um projeto de dedução universal a partir desses postulados axiais;
- d) uma imobilidade basal.

Desta forma, a taxonomia fixista supoe uma hierarquia entre os seres classificados, hierarquia esta cujas implicações políticas são evidentes, e que está ausente no pensamento de Darwin. Como deixa claro em The Descent of Man (1864), o estudo do homem no campo da natureza não implica que suas diferenças internas (raças, apreciações estéticas e morais) possam submeter-se a uma taxonomia hierarquizante; projeto, não obstante, pretendido por Spencer (1878). É também neste livro de Darwin, que se inaugura a Etologia humana, que aparece uma das incidências do pensamento evolucionista sobre o homem. Quase três quartos do livro se dedicam a um problema específico: a seleção sexual.

Duas formas caracterizariam a seleção sexual: o combate e a exibição. O combate físico e a ameaça de combate caracterizam a seleção sexual entre os mamíferos, levando o macho, via de

regra, ao desenvolvimento de aspectos ligados ao tamanho e à força.

É interessante que justamente o aspecto ritual deste combate seja o tema que atrai Lorenz, K. (1951) no estudo que empreende sobre a agressão. O subtítulo de sua obra capital (Sobre a Agressão - O Pretendido Mal) adverte sobre o interlocutor privilegiado do texto. No ressurgimento da Etologia, novamente, coloca-se um dos mais antigos temas da metafísica: o mal. O que Lorenz pretende é, num primeiro movimento, esvaziar certas implicações éticas que interligam agressão e maldade. Tentando situar a agressão como uma exigência de valor filogenético, aparentemente Lorenz retiraria o arbítrio humano sobre a questão.

Já num texto de divulgação posterior (Os Oito Pecados Capitais do Homem Civilizado - 1973), Lorenz sugere uma nova ética, que se sobreponha, legitimamente, àquela antes criticada. É nesse ponto, que novamente, a Etologia humana se torna vulnerável a críticas, justas a nosso entender. O projeto de construção de uma ética apoiada na natureza é francamente contraditória. Tal projeto diz respeito ao que Guatarri, F. (1989) denomina Ecosofia, ou seja:

" Uma Ecosofia de um tipo novo, ao mesmo tempo prática e especulativa, ético-política e estética, deve a meu ver substituir as antigas formas de engajamento religioso, político, associativo..." (pág. 54)

Não discutiremos aqui todas as implicações deste gênero híbrido entre Etologia e Ética (que aliás possuem o mesmo radical éthos em suas origens etimológicas); diremos apenas que esta articulação está no centro do debate da filosofia contemporânea. Ela traduz a oposição entre informação e sentido, tal como aparece no pensamento de Habermas, J. (1968), ou na oposição entre filosofia sistemática e filosofia edificante no pensamento de Rorty, R. (1979). A polêmica é semelhante na medida em que a produção de fatos (tarefa da etologia descritiva) demanda, mesmo que se recuse a isso, um sentido ou um valor para esses fatos, constituindo assim uma etologia hermenêutica.

A etologia humana apresenta-se como que disposta a romper com uma arbitrariedade, ela faz supor um antivoluntarismo (que explica de certa forma sua pequena penetração no clima intelectual americano e sua gênese essencialmente germânica). Situa-se desta maneira, aparentemente na contramão do projeto geral das ciências humanas.

Propomo-nos, neste trabalho, a pensar uma articulação que reintroduza a Etologia no seio das ciências humanas. Para tal, utilizaremos algumas contribuições da linguística estrutural. Consideraremos, desta maneira, o comportamento como um signo.

Um signo, de acordo com a formulação de Sausurre, F. (1916) compreende um significante, aspecto material da palavra, e um significado, aspecto ideativo ou sua representação fonemática,

que são separados por uma barra (/). Desta forma, não há qualquer espécie de conaturalidade entre significante e significado, daí a arbitrariedade do signo. Pensando, por analogia, nos parece possível a formalização de uma "gramática do comportamento", onde as implicações semânticas (éticas) tornem-se independentes.

Ressaltamos que não se trata aí de estudar a linguagem em si, nos seus aspectos paralinguísticos, psicolinguísticos ou evolutivos, como se vem procedendo regularmente dentro da etologia humana; e sim pensar o comportamento articulado como uma linguagem. Esperamos com isso ressituar o comportamento na vertente de um sistema autônomo, claramente diferenciado da sua significação. Não se trata de abandonar a significação, mas de considerá-la apropriadamente.

Pensamos que os comportamentos humanos executam uma espécie de dança sincronizada que tem, como supomos, leis próprias determinadas por um sistema binário de oposições.

A oposição que escolhemos para demonstrar nossa tese se dá entre brincadeira turbulenta e agressão. Por um lado, localizamos uma oposição significativa (sinais faciais associados, padrões motores, etc.), por outro uma oposição de significados (o lúdico teoricamente saudável ao desenvolvimento, e o agressivo, eticamente condenável).

Estudar as oposições significantes não significa deduzir suas implicações na ordem dos significados; são duas tarefas que não se confundem e que pretendemos levar a cabo.

3- Aproximação Etologia-Etnologia:

Comportamentos não deixam fósseis. Por isso, os etólogos interessados na evolução dos comportamentos humanos recorrem a outros artifícios, além da Paleontologia, em seus estudos. Ao contrário do material pré-histórico paralizado no tempo infinito de uma rocha, a matéria prima do etólogo é evanescente.

O que caracteriza um comportamento filogeneticamente? O raciocínio utilizado para responder essa pergunta implica a acariação de indícios; indícios que ganham força pela sua associação. São indicações de que um comportamento possui valor adaptativo:

- a) sua precocidade;
- b) sua universalidade;
- c) independência de estímulos para manifestar-se;
- d) sua resistência à modulação por aprendizagem.

As vezes, a especialização metodológica que incide sobre cada um desses indícios, leva à independência de áreas de pesquisa. A distância física gera a especiação, esta velha máxima do pensamento evolucionista parece valer entre os acadêmicos. Assim, acerca da precocidade surge toda uma linha de pesquisas com observação de crianças e bebês. Sobre a independência do comportamento, situam-se estudos de privação, como os de Harlow, (1978) com primatas. Sobre a resistência à modulação, destacam-se estudos realizados no interior do debate entre Etologia e Behaviorismo.

3- Aproximação Etologia-Etnologia:

Comportamentos não deixam fósseis. Por isso, os etólogos interessados na evolução dos comportamentos humanos recorrem a outros artifícios, além da Paleontologia, em seus estudos. Ao contrário do material pré-histórico paralizado no tempo infinito de uma rocha, a matéria prima do etólogo é evanescente.

O que caracteriza um comportamento filogeneticamente? O raciocínio utilizado para responder essa pergunta implica a acariação de indícios; indícios que ganham força pela sua associação. São indicações de que um comportamento possui valor adaptativo:

- a) sua precocidade;
- b) sua universalidade;
- c) independência de estímulos para manifestar-se;
- d) sua resistência à modulação por aprendizagem.

As vezes, a especialização metodológica que incide sobre cada um desses indícios, leva à independência de áreas de pesquisa. A distância física gera a especiação, esta velha máxima do pensamento evolucionista parece valer entre os acadêmicos. Assim, acerca da precocidade surge toda uma linha de pesquisas com observação de crianças e bebês. Sobre a independência do comportamento, situam-se estudos de privação, como os de Harlow, (1978) com primatas. Sobre a resistência à modulação, destacam-se estudos realizados no interior do debate entre Etologia e Behaviorismo.

O ponto que vamos destacar diz respeito à universalidade, pois neste campo os etólogos recorrem à Etnologia, não só pela comparação direta das descrições, mas também pelas aproximações metodológicas que esta pode oferecer àquela. Assim como a Etologia, a Etnologia parece possuir suas raízes na clássica História Natural. O termo foi empregado pela primeira vez por volta de 1810, possivelmente pelo historiador B. G. Neebuhr (segundo Poirer, J., 1969). A Etnografia visava, a princípio, uma classificação de grupos humanos, a partir de suas características linguísticas, voltando-se depois para a análise da cultura material. Sua forma moderna está ligada a dois movimentos, a análise etnográfica, que produz documentos de base e a síntese etnológica, que procede à interpretação desses.

Já aí se nota uma proximidade com a etologia de campo, que descreve comportamentos, em etogramas por exemplo, e a teoria etológica, às vezes confundida com o darwinismo ou neodarwinismo em si.

Entre os precursores da etnologia moderna, encontram-se Lamarck, Cuvier e Virey; autores quem, como antes vimos, compõem o cenário epistemológico dos primórdios etológicos.

Ainda sobre esta dupla articulação epistêmica, podemos optar o índice de coincidências pela introdução de um terceiro elemento. Como diz Poirer, J. (1969):

" Mas a Etnologia sempre
avançou, a um só tempo, com seus
homens de campo e com seus sábios de

O ponto que vamos destacar diz respeito à universalidade, pois neste campo os etólogos recorrem à Etnologia, não só pela comparação direta das descrições, mas também pelas aproximações metodológicas que esta pode oferecer àquela. Assim como a Etologia, a Etnologia parece possuir suas raízes na clássica História Natural. O termo foi empregado pela primeira vez por volta de 1810, possivelmente pelo historiador B. G. Neebuhr (segundo Poirer, J., 1969). A Etnografia visava, a princípio, uma classificação de grupos humanos, a partir de suas características linguísticas, voltando-se depois para a análise da cultura material. Sua forma moderna está ligada a dois movimentos, a análise etnográfica, que produz documentos de base e a síntese etnológica, que procede à interpretação desses.

Já aí se nota uma proximidade com a etologia de campo, que descreve comportamentos, em etogramas por exemplo, e a teoria etológica, às vezes confundida com o darwinismo ou neodarwinismo em si.

Entre os precursores da etnologia moderna, encontram-se Lamarck, Cuvier e Virey; autores quem, como antes vimos, compõem o cenário epistemológico dos primórdios etológicos.

Ainda sobre esta dupla articulação epistêmica, podemos optar o índice de coincidências pela introdução de um terceiro elemento. Como diz Poirer, J. (1969):

“ Mas a Etnologia sempre avançou, a um só tempo, com seus homens de campo e com seus sábios de

gabinete. Paralelamente a esses viajantes, que sabiam assumir riscos reais, pensadores continuavam os "filósofos" mas com uma diferença capital: queriam ser homens de ciência e começavam a lançar as bases de disciplinas especializadas. Dentre eles devemos citar Franz Bopp, Wilhem von Humboldt e Renan, que, de fato, criaram a Linguística." (pág. 24)

Durante algum tempo, a porção interpretativa da Etnologia recorreu diretamente às idéias evolucionistas de Darwin, como vemos em Morgan (1871) por exemplo. De certa forma Morgan foi o primeiro a introduzir um sistema ordenador que organizasse as inumeráveis pesquisas que se haviam produzido até então. Sua leitura de Darwin é entretanto algo primária, uma vez que assimilava como noção central a idéia de progresso, erradamente associada a de evolução no sentido darwiniano. Ecos das contribuições de Morgan podem ser sentidos no funcionalismo, notadamente em Malinowsky (1922).

As críticas, tanto do difusionismo quanto fundamentalmente de F. Boas (1904) levaram a um gradual abandono das idéias de Morgan. O autor no qual nos apoiaremos mais diretamente é, de certa maneira um herdeiro da tradição de F. Boas e M. Moss (1950); falamos de C. Lévy-Strauss (1962).

Apoiando-se em dados etnográficos, muitas vezes colhidos diretamente (*Tristes Trópicos* - 1965) o grande mérito de Lévy-Strauss é a maneira original com que organiza e interpreta o material de campo, naquilo que chamou método estrutural. À guisa

de introdução ao seu pensamento nos serviremos da apresentação que Thion, S. (1966) executa. Segundo este comentador a análise estrutural parte dos seguintes pressupostos:

a) de que o objeto da linguística e o da Antropologia são homólogos;

b) de que o objeto último das investigações estruturais será o conjunto das constantes que estão ligadas a certos desvios diferenciais;

c) de que o antropólogo procura tornar visíveis estas estruturas elementares;

d) de que seu método se organiza a partir de três premissas: a economia de explicação, unidade de solução, possibilidade de predição.

Na presente pesquisa, procuraremos demonstrar a existência de uma estrutura elementar de comportamento. Realizando uma pesquisa de campo, daremos um tratamento tradicional aos dados brutos, a partir daí procuraremos demonstrar como o par brincadeira turbulenta/agressão possui certas especificidades que se traduzem sob forma de regras que compõe um sistema. São, por assim dizer, um jogo ordenado de significantes comportamentais cujas diretrizes fazem referência ao sexo do parceiro e a posição do indivíduo.

4- Justificativa para a Escolha da Psicose Infantil e dos Comportamentos Associados :

Estudos etológicos acerca da psicopatologia humana e animal não consituem um fato novo. Poderíamos citar dois autores que se dedicaram especificamente sobre o assunto; MacGuirre & Fairbanks, L.A. (1977) e Bracinha Vieira (s.d.), além do próprio Tinbergen, N. (1972) que dedidou um artigo ao tema do autismo infantil. Comentaremos mais profundamente estes projetos em capítulo posterior, não obstante apresentamos desde já nossa posição.

Há uma confusão crucial entre a etologia de campo e a e a interpretação do material produzido por ela. A separação, clara como vimos na Etnologia, parece ser menos lúcida entre os etólogos. O que se nota nas tentativas acima mencionadas é uma leitura em termos de teoria da evolução dos fenômenos descritos pela Psiquiatria. Acentuamos, descritos pela Psiquiatria e não pela própria Etologia. Segundo Feierman (1987):

"Há menos de cem publicações sobre Etologia e Psiquiatria entre 1950 e 1985. Na maioria dos artigos interdisciplinares, a Psiquiatria fornece a descrição e a Etologia, a teoria e a metodologia."

Alegar-se-á que a descrição oferecida pela Psiquiatria é tão ou mais objetiva e científica do que as que provêm de nossos etólogos. Esperamos demonstrar quais as raízes destas descrições além do solo infértil no qual se sustentam.

A loucura não carece de mais descrições "objetivas", diríamos mesmo que lhe falta uma descrição subjetiva, uma apreensão que a situe fora da doença mental. Enquanto observarmos doentes, só poderemos produzir doença. Pensamos que não há um continuum entre saúde e doença mental. A questão é de diferença, diferença estrutural e não de hierarquia como já sublinhamos acerca de outro ponto.

Referimos que nossos sujeitos tratavam-se de crianças com diagnóstico de psicose. Em estudo precedente, Otta, E., Dunker, C. et alli (1988) verificaram diferenças quantitativas quanto a brincadeira turbulenta e agressão em duas populações diversas, crianças de periferia e crianças de classe alta. A hipótese formulada então se referia a existência de diferentes subculturas, conforme indicação de Hall, E. (1959). Pensamos então por que não estaria a psicose submetida a uma interculturalidade institucional particular.

Interessantemente, os estudos sobre brincadeira turbulenta, inicialmente descrita por Blurton Jones, N. (1967) em crianças inglesas pré-escolares, dirigiram-se logo em seguida para sua constatação em outras culturas. Assim, os mesmos padrões foram observados em crianças Zhun/Twa, por Konner, M. (1972), e em crianças Ko! por Eibl Eibesfeldt, I. (1974). Tratam-se de povos nômades que vivem em sistema de coleta e caça, na África Setentrional. Outro estudo, dirigido por Fry, P (1987), veio a fortalecer as possibilidades de que a brincadeira turbulenta se ligue à filogenia. Este pesquisador registrou a presença desse

comportamento numa cultura onde a agressão não ocupa lugar tão central, os Zapotec, grupo de camponeses agrícolas do deserto de Oaxaca, no México.

A peculiaridade dos sujeitos e do ambiente institucional no qual foram observados se liga a esta perspectiva que procura integrar diferenças trans e interculturais. A escolha de crianças com diagnóstico de psicoses vai de encontro, além disso, a uma indicação precisa na obra de Darwin, C. (1858), diz ele:

" De modo a obter um fundamento tão sólido quanto possível e a determinar, independentemente da opinião comum, em que medida é que certas mímicas e gestos são de fato expressivos de certos estados psíquicos (...) ocorreu-me que os doentes mentais deviam ser estudados porque são dados às mais fortes paixões e lhes dão livre curso."
(pág. 58)

De acordo com Hoff, J. (1976), a brincadeira turbulenta pode se diferenciar da agressão principalmente por certos sinais faciais associados. Fica assim caracterizado que as categorias comportamentais em questão se ligam também à especificidade dos sujeitos.

Há entretanto, outros motivos que nos levam a focalizar esses comportamentos com relação a esse grupo em particular. A representação social da loucura comporta em sua história um personagem (ou figura, como chama Foucault, M., 1966) que nos chama a atenção. Trata-se do mito do louco furioso; um mito que

é, inclusive, presente na iconografia, como observamos na tela de Gericault (" O Alienado Cleptômano ou O Louco Assassino", Museu de Belas Artes - Gand.); uma idéia que perpassa, enfim, a própria Psiquiatria. Nela são inúmeras as referências à agressão como fator patognomônico (indício que descrimina uma doença da outra), especialmente em certas formas nosológicas. Assim temos em Bleuler, E (1943), Kraepelin, E. (1917) e Ey, H. (1954) referências a este pareamento entre agressividade e loucura.

Um problema que se coloca nesse ponto diz respeito exatamente à definição de nossos sujeitos, definição que segue um diagnóstico, mas que ao nos determos mais atentamente, nos leva a um emaranhado de opiniões divergentes, ou seja àquilo que vem sendo chamado de "querela dos diagnósticos". Pretendemos refletir sobre este ponto de forma a considerar o percurso da loucura em sua biunívoca relação com a instituição que a engendra e legitima. Assim, nossas observações se dão dentro de um "ambiente natural" da loucura, a instituição especializada.

Independente da abordagem teórico explicativa do problema da psicose, há que se levar em conta que se tratam de crianças que mantêm intercursos lúdicos, de forma particular, e que podem fornecer subsídios à compreensão do comportamento. Muitos estudos vêm sendo realizados de modo a privilegiar a brincadeira tanto no diagnóstico da psicose infantil quanto no que diz respeito à sua terapêutica. Destacam-se neste contexto os trabalhos de Klein, M. (1969), Winnicot, D. (1975), Manonni, M. (1987) e Dolto, F. (1974). Todos eles, apesar de argumentações

teóricamente diversas, destacam o brincar como peça chave do desenvolvimento infantil, uma vez que se articula com a elaboração simbólica da criança. O que merece destaque é a particularidade fenomênica do brincar na criança psicótica; seria esta particularidade igualmente encontrada com relação à brincadeira turbulenta ?

Segundo Blurton Jones, N. (1972), brincadeira turbulenta designa um conjunto de comportamentos lúdicos exibidos durante grande excitação e que simulam ações agressivas. Sobressai aí o aspecto simulativo da brincadeira turbulenta.

A referência ao pensamento de Lacan, J. (1988) se faz necessária. Segundo este autor, a psicose é uma estrutura que se define não por sua fenomenologia mas pela relação do sujeito com o campo da linguagem. Estaria ausente, neste caso, um representante da lei, um ordenador denominado significante do Nome-do-Pai. Segundo Cabas, C. (1980):

" É que o inconsciente é um sistema simbólico cujo pivô situa-se a nível do símbolo fálico. Em suma, o inconsciente é um sistema de significantes, capaz de girar em torno de um significante axial: o significante do falo." (pág.27)

O Nome do Pai é pois um significante que está em jogo no complexo de Édipo. Essa ausência implica numa função diferente do corpo, pois o que é rejeitado na ordem simbólica retorna no real (corpo). Além disso, haveria uma alteração da atividade

simulativa, se a tomarmos como uma mentira na ordem do corpo pois, segundo Lacan, o psicótico não pode mentir; ele diz a verdade o tempo todo.

Assim, não tratamos de uma determinação do normal e do patológico e muito menos da investigação de certa naturalidade da psicose. Nosso percurso histórico epistemológico mostrará tratar-se de uma prática tão antiga quanto ineficiente.

II- Método:

1- Sujeitos:

Foram observadas 11 crianças com idades que variavam de sete a onze anos. A distribuição das idades é apresentada na tabela a seguir:

idade	número de sujeitos	identificação
7 anos	2	1B e 3B*
8 anos	4	1A, 5A, 6A* e 2B
9 anos	2	3A e 8A*
10 anos	1	2A
11 anos	2	4A e 7A*
média	8.72 anos	11

Destas, sete eram do sexo masculino e quatro do sexo feminino (*). O pequeno número de meninas encontrado nas instituições especializadas às quais nos dirigimos é por si só um dado significativo. Em pequeno estudo pessoal realizado na Clínica Psicológica da Universidade de São Paulo, pudemos constatar que a demanda de atendimento psicológico é significativamente maior, considerando-se apenas infantes, para meninos. Em comunicação pessoal mantida com profissionais da área, esta tendência pareceu confirmar-se. Na idade adulta, a situação se inverte. Numa pesquisa extensa, Ember (1981) observou

uma predominância maciça da doença mental em mulheres em diversas culturas (EUA, Colômbia, Nigéria, populações esquimós, etc). Somente entre os habitantes de Ghana e entre Yorubás, constatou-se uma maioria masculina. Sugerimos que uma pesquisa mais atenta e minuciosa detenha-se sobre este fato.

Os sujeitos frequentavam instituições especializadas no atendimento de crianças que possuíam afecções mentais de diversas ordens. Tivemos a preocupação de observar apenas crianças que já estivessem há pelo menos três meses frequentando a instituição. Suponha-se, com isso, que as relações intergrupais estivessem de certa forma estáveis.

Ao nos dirigirmos às instituições, um contato com o corpo clínico era realizado, de forma que as crianças com diagnóstico de psicose pudessem ser localizadas. Discutiremos a validade e a eficácia dos diagnósticos em geral no capítulo III. Por hora, diríamos que acolhemos o discurso da instituição, conscientes de que uma padronização clara dos quadros da nosologia psiquiátrica e psicológica ainda está por ser constituída; se é que isto é possível.

Foram observadas, em cada instituição, todas as crianças que preenchiam os quesitos acima. Em dois casos, iniciou-se observações, e devido a ausência dos sujeitos (abandonaram a instituição) não foi possível completar o número de sessões observacionais a que nos propunhamos. Nestas circunstâncias, desprezamos os dados obtidos até então.

Outro ponto digno de nota é o que diz respeito à escolha das instituições. Realizamos um pequeno recenseamento entre as instituições voltadas a saúde mental infantil, no qual pudemos constatar fatos do tipo:

a) raros são os lugares onde se encontram, num mesmo grupo de trabalho, elementos com problemáticas semelhantes. A heterogeneidade parece ser uma constante nesta área. Assim, encontramos instituições dirigidas indistintamente a crianças com dificuldades cognitivas (Síndrome de Down), dificuldades neuropsicológicas (Paralisia Cerebral e demais Encefalopatias), dificuldades afetivas (Síndrome de Kanner - autismo), dificuldades orgânicas propriamente ditas (oligofrenias) e psicoses de todos os tipos. Procuramos escolher instituições com um maior grau de homogeneidade possível.

b) o tipo de intervenção que pudemos constatar nestas instituições igualmente varia: de instituições com claros fins pedagógicos a instituições com finalidades clínicas explícitas. Os gêneros híbridos entre uma e outra espécie institucional foram recusados de forma que pudéssemos proceder uma comparação apenas qualitativa, dado o reduzido número de sujeitos. Optamos, portanto, por realizar nossas observações em uma instituição clínica e noutra pedagógica.

2- Ambiente:

As observações se deram no local onde normalmente as crianças desenvolviam suas atividades recreativas. Consideramos que no caso desta pesquisa se faz necessário, além da descrição do ambiente material, alguns comentários no âmbito específico da Psicologia Institucional.

Passemos então a descrição das instituições em questão:

Instituição A:

a) espaço físico:

A área destinada a recreação possui aproximadamente 150 metros quadrados em configuração retangular compreendendo dois subespaços, um deles cercado por tela de arame, o outro não. Em nossa posição observacional tínhamos excelente acesso visual e acústico a ambos os ambientes. O ambiente onde estávamos compreendia uma área de circulação e corredores que davam acesso ao resto das instalações. Os dois subespaços eram a céu aberto. Na área cercada encontravam-se apenas brinquedos fixos, a saber: trepa-trepa, gira-gira, escorregador, quatro balanças, uma barra fixa e uma gangorra. Durante as observações duas professoras se encarregavam do grupo. Ocasionalmente outras monitoras compareciam durante o período recreativo para acompanhar as crianças. No total encontravam-se 25 crianças e, apesar de possuírem liberdade para transitar entre um e outro

espaço, acabavam por se dividir de forma que as mais novas ocupavam o subespaço cercado e as mais velhas preferiam a área de circulação.

b) Espaço institucional:

Introduzir-se na instituição constituiu tarefa gradual. A administração algo centralizada e o natural receio diante de um elemento novo no interior da organização pareciam dificultar nosso trabalho. Depois de um período de quatro meses entre a explicitação de nossas intenções e o pleno aceite da coordenadoria pudemos dar início a pesquisa de campo propriamente dita.

As instrutoras foram informadas sobre o teor da pesquisa. Indicou-se-lhes que não alterassem sua postura e atitude com relação aos incidentes que observaríamos.

Tivemos acesso às fichas diagnósticas e a produção gráfica das crianças, além de suas anamneses. A partir disso pré-selecionou-se alguns candidatos a sujeito observacional. Uma entrevista com a chefe do corpo clínico concluiu o grupo a ser observado.

Não poderíamos considerar tal organização uma instituição total no sentido que fala Goffman (1961), especificando melhor, ao contrário das instituições tradicionais de saúde mental o local onde se deram nossas observações:

b.a) não tinha um perfil asilar-psiquiátrico;

b.b) possuía uma orientação mais pedagógica que clínica propriamente dita;

b.c) as crianças permaneciam apenas um período na

instituição;

b.d) ausência de cerimoniais de humilhação e rebaixamento dos clientes;

b.e) raras vezes observou-se a utilização de formas de coerção física direta;

b.f) a relação entre os funcionários (professoras) e a clientela (crianças) era afável, direta e recíproca;

b.g) a questão instituinte (Guirado, M. - 1987) era relativa ao ensino.

Instituição B:

a) espaço físico:

Área destinada às crianças de aproximadamente 70 metros quadrados em forma retangular, compreendendo três subespaços, dois fechados e outro a céu aberto. Neles, encontravam-se apenas brinquedos móveis, a saber: carrinhos, bonecas, jogos, material gráfico, etc. Os três subespaços encontravam-se assim distribuídos: uma área aberta maior onde havia uma mesa, um tanque onde as crianças brincam com água, além de uma parte ajardinada, na segunda subárea, encontra-se um espaço fechado, acarpetado que comunica-se com o espaço aberto através de uma larga passagem, e o terceiro espaço era um pequeno cubículo que servia de depósito e que as crianças apreciavam muito utilizar.

b) Espaço institucional:

Por tratar-se de uma instituição que visava a pesquisa na clínica das psicoses, não era possível observarmos as interações sem, de certa forma, engajarmos-nos na proposta da organização. Desta forma, estagiamos durante três meses nesta instituição de forma que as crianças acostumassem com a presença de mais um terapeuta (havia 4 terapeutas para cinco crianças).

Ao contrário da primeira instituição onde nosso lugar como pesquisador-estranho era bem delimitado, nesta pudemos nos integrar ao corpo clínico da instituição realizando uma pesquisa participante de certa forma.

O corpo clínico foi informado sobre o teor de nossa pesquisa e instruído para que não mudasse sua postura com relação aos comportamentos cruciais.

Igualmente não se caracterizava como uma instituição total (Goffman, 1961), pois :

b.a) não tinha um perfil asilar-presidiário;

b.b) as crianças compareciam quatro vezes por semana no período da manhã;

b.c) incluía uma perspectiva clínica que norteava-se antes por escutar as crianças do que lhes impor tarefa ou atividade de qualquer espécie;

b.d) ficam pois excluídos os rituais de humilhação e rebaixamento;

b.e) a relação entre os funcionários (terapêutas) e clientes-crianças era afável, direta e recíproca marcando-se pelo interesse na particularidade;

b.h) a questão instituinte (Guirado, 1987) era a clínica das psicoses.

3- Procedimento:

As crianças foram observadas segundo os critérios sugeridos por Altmann (1974), naquilo que denominou de "observação do sujeito focal". Trata-se de um método no qual sorteia-se ou elege-se uma criança e procede-se a anotação minuciosa dos comportamentos por um determinado período de tempo. Para uma análise mais minuciosa das justificativas técnicas desta metodologia veja-se Bateson e Martin (1986). No caso desta pesquisa, decidiu-se realizar cinco sessões observacionais para cada sujeito, consistindo cada qual de dez minutos. Não foi realizada mais de uma sessão por dia, em relação a cada sujeito. Tal procedimento se justifica na medida em que as variações e contingências como disposição anímicas e institucionais podem ocasionar um aumento ou decréscimo na frequência dos comportamentos, bem como alterações na sua caracterologia.

No caso da presente pesquisa decidiu-se realizar os registros de forma cursiva, isto é, anotar por extenso todos os atos da criança que guardam proximidade com a definição observacional. Tal procedimento, que se opõe ao método pelo qual após um período de levantamento de categorias passa-se a sua contagem, se justifica na medida em que consideramos de suma importância as possíveis diferenças qualitativas que possam ser encontradas de indivíduo a indivíduo.

Apresentamos a seguir um exemplo transcrito de uma sessão observacional:

Sujeito: 3A

T1: 15:27

Sessão: 3

T2: 15:37

Data: 26/10/89

No balanço 1, levanta abruptamente e sai chorando com as duas mãos para cima. Quase bate na professora que o contém, segurando-o em seus antebraços, leva-o de volta ao balanço. Sua face tem uma leve contração. Sai do balanço para a menina menor entrar. Corre em direção à professora e tenta agredi-la, como antes. A professora fala com ele. Ele volta ao balanço e agarra o pescoço da menina menor que ri com dupla exposição. A professora leva-o para o trepa-trepa, conversa com ele. Ele bate nela com as mãos, atingindo seus braços, a professora segura-o pelo antebraço e fala mais forte. Ficam assim até que a menina menor sai do balanço. Sujeito dirige-se então para o balanço e prepara-se para sentar, olha a menina menor perto da escada do escorregador. Sujeito solta o balanço e dirige-se em direção à menina menor, agarrando seu pescoço e empurrando sua cabeça para trás. Menina menor não chora nem ri, faz cara de assustada e põe o polegar na boca. A professora intervém, puxando o sujeito. O sujeito bate nela novamente. A professora pega-o pelo antebraço e o retira do parque. A professora tenta por o braço em seu ombro. O sujeito reage violentamente afastando o braço e batendo as mãos contra as da professora.

Quanto a postura do observador, levamos em conta a linha sugerida por dois autores, MacGrew (1969) e Hartup (1974). Segundo MacGrew, deve-se evitar os dois extremos:

- a) iniciar intencionalmente interações com os sujeitos, que pode dificultar o tipo de registro planejado;
- b) uma atitude completamente desinteressada, que poderia incomodar pela artificialidade.

Segundo Hartup, o observador deve postar-se à parte do centro de movimentação do grupo, sendo minimamente responsivo aos sujeitos, sem contudo evitar qualquer contato.

Com relação ao treino observacional, pôde-se considerá-lo concluído ao início deste trabalho, uma vez que o pesquisador realizou uma pesquisa precedente a esta (Otta, Dunker et alli, 1988), na qual utilizou metodologia semelhante.

Apresentaremos aqui o fato de que o pesquisador, no caso da instituição B, auxiliara no trabalho empreendido pelo corpo clínico, vindo a este se integrar. Desta forma, durante o período de trabalho na instituição, selecionava-se alguns momentos onde se dariam as observações e, durante os quais procurava-se obedecer os critérios acima sugeridos. Acreditamos que tal situação se afiniza com a pesquisa participante, modelo metodológico surgido na etnologia (vide Cardoso, 1988), diferenciando-se portanto das contingências clássicas de pesquisa em etologia.

Posteriormente às observações, cursivamente registradas, elaborou-se uma ficha decodificadora com o objetivo de sistematizar os dados obtidos. A réplica de uma dessas fichas encontra-se na página seguinte.

Modelo da Ficha de Registros:

sujeito focal e número da observação: _____

agente_____
categoria_____
expressão facial_____
parte do corpo usada_____
alvo_____
categoria_____
expressão facial_____
parte do corpo tocada_____
causa_____
efeito_____
observações

Definições Observacionais:

A constituição de categorias observacionais é uma das questões nas quais o método da Etologia se particulariza. Ao contrário de outras metodologias que estabelecem seu objeto a priori, recorrendo a uma formalização nomotética como no behaviorismo, a Etologia se marca pelo fato de que suas categorias decorrem de uma observação inicial. O estudo de Tinbergen (1951) com gansos é axiomático. Antes da categorização há um período "piloto de observação ad libitum a partir do qual pensa-se as categorias.

É interessante que este movimento é semelhante ao que opera Freud, S. (1893) nos primórdios da Psicanálise. Ana O. (1893-1895), paciente de Freud, criadora do termo "talking cure" (cura pela palavra), insiste para ser escutada antes de qualquer coisa. Daí, a idéia de que a Psicanálise se constitui a partir da clínica, não sendo pois uma teoria de gabinete.

Da mesma forma, a Etologia se detém diante da Natureza e ao invés de escutá-la, como na Psicanálise, observa. Deixemos para outro momento a continuidade deste paralelo entre a escuta analítica e o olhar etológico, que não obstante parece-nos frutífero.

Foi desta forma que criamos as categorias específicas incluídas nesta pesquisa, isto é, anotamos os comportamentos levando em conta um detalhamento das interações que nos

parecessem relevantes e depois formulamos sua categorização mais precisa.

BRINCADEIRA TURBULENTA:

Para discriminar o comportamento de brincadeira turbulenta levamos em conta os critérios sugeridos pela bibliografia, ajustando-os à realidade observacional com a qual nos deparamos.

Apresentamos a seguir critérios de autores nos quais nos apoiamos. A partir dessas definições, pudemos subdividir a brincadeira turbulenta em seis tipos, especificados posteriormente.

1- Gross, K. (1901)

Talvez seja este o primeiro autor a descrever a brincadeira turbulenta e a pesquisá-la. Com publicações que datam do final do século XIX, a descrição de Gross é introduzida aqui pois sugere mais do que um padrão claro de comportamento, uma noção do "espírito" lúdico nele envolvido.

"Nós todos sabemos como as crianças se deliciam nesse tipo de arrelia. Empurrar um companheiro por trás repentinamente, socar ou fazer cócegas e beliscar ele, derrubar o seu boné, puxar seu cabelo, tirar um biscoito da sua mão, e se ele for pequeno, segurá-lo numa altura que ele não possa pegar-lo. Tudo isso produz uma agradável sensação de superioridade ao 'agressor'." (pág. 69)

2- Piaget, J. (1962)

Entende que os exercícios cognitivos são espécies de jogos onde o sujeito põe em prática habilidades ou atividades adaptativas. Neles portanto, deve estar subentendida alguma regra operativa.

3- Hoff, J. (1976)

Diferencia a brincadeira turbulenta da agressão principalmente por certos sinais faciais associados, isto é, sorriso ou riso frequente na brincadeira turbulenta e olhar fixo com sombrancelhas franzidas, na agressão.

4- Blurton Jones, N. (1972)

Inclui: rir/cara de brincadeira, correr, pular, bater em e engalfinhar-se, que apresentam altas correlações já na definição de 1967. Além dessas, sugere que a inclusão de comportamentos como beliscar, morder, chutar, correr, dar tapas, acariciar, cair, esmurrar, ou lançar muito provavelmente não alteraram a definição da brincadeira turbulenta. Esses comportamentos tendem a ocorrer em associação.

5- Di Pietro, J. (1981)

Inclui ações como bater em outra criança com uma parte do corpo ou algum objeto, agarrar roupas e acessórios, empurrar ou obstruir outra criança. É necessário que estes comportamentos não sejam acompanhados de vocalizações proibitivas, de dor ou medo. A expressão facial dos participantes deve transmitir afeto positivo ou excitação.

6- Otta, E., Dunker, C. et alli (1988)

Descrevem sete características da brincadeira turbulenta. São elas: expressão facial com sorrisos ou risos frequentes, maior variabilidade de conteúdo, inversão de papéis frequente, auto-contenção, reação desproporcional do alvo, maior tempo de duração e quando se encerra os parceiros tendem a continuar juntos.

7- Smith, P. (1984)

A brincadeira turbulenta diz respeito a atos mimicamente agressivos mas que são acompanhados de risos e de uma tendência a que os parceiros permaneçam juntos após o incidente, trata-se de uma brincadeira aparentemente agressiva.

A seguir, apresentamos as definições utilizadas por essa pesquisa, a partir das observações realizadas e das outras definições acima descritas.

BTP- BRINCADEIRA TURBULENTA DE PERSEGUIÇÃO:

Inclui ações de deslocamento espacial coordenado envolvendo duas ou mais crianças. As expressões faciais compreendem risos e sorrisos frequentes. O contato físico pode estar presente ou não. Os principais comportamentos associados à brincadeira turbulenta de perseguição são: correr, olhar para o perseguidor durante a perseguição com expressão facial de sorriso ou riso além da manutenção da diade após o incidente. Este tipo de brincadeira turbulenta parece bastante frequente em algumas

duplas ao passo que em outras sua manifestação é mais rara.

Exemplo 4A/1

"Sujeito põe a mão no colo do parceiro. Parceiro se levanta, faz caretas na frente do sujeito. Ambos riem. Parceiro sai correndo, sujeito corre atrás do parceiro. Parceiro vocaliza - Você não me pega, bobão! Ambos riem."

BTV - BRINCADEIRA TURBULENIA COM CONTATO FÍSICO VIOLENTO

Inclui os padrões de brincadeira turbulenta mais típicos descritos por Blurton Jones, N (1967) sem caracterizar plenamente uma luta simulada. Nesta categoria podemos considerar comportamentos como: empurrar ou obstruir outra criança. Discrimina-se esta categoria da brincadeira de luta simulada pois no caso de luta, esquemas motores mais próximos dos da agressão estão presentes.

Exemplo 2A/2

"Sujeito é puxado pelo braço por uma menina menor. A parceira empurra-o e ri, aperta sua barriga e balança sua mão. Sujeito sorri."

BTL - BRINCADEIRA TURBULENIA DE LUTA SIMULADA

Inclui ações mais claramente definidas como miméticas em relação ao comportamento agonístico em geral. Nele o contexto de jogo está presente e comportamentos que a caracterizam são: bater

com as mãos espalmadas, bater com objetos, revidar uma ação desta espécie.

Exemplo 5A/3

"Parceiro se aproxima do sujeito e acerta-lhe um tapa com a mão aberta. Sujeito com sorriso de dupla exposição revida com um tapa no antebraço do parceiro em seguida dá um pulo no lugar. Parceiro dá uma gargalhada."

BTLS -- BRINCADEIRA TURBULENIA DE LUTA SIMULADA SEM CONTATO FÍSICO

Inclui ações como tentar atingir outra criança, nos moldes de uma luta simulada sem atingi-la diretamente. Trata-se de uma categoria ampla que poderia admitir duas subdivisões, a restrição e a autocontenção, nos dois casos há apenas um gesto que não se consuma. Aqui, as consideraremos como uma única categoria.

Exemplo 3B/1

"Sujeito de mãos dadas com professora, se debruça sobre ela. Tenta bater na cara da professora que se desvia (sempre rindo). Professora se levanta, sujeito tenta agarrar professora, dá uma gargalhada. Professora vocaliza - Oöööhh ! E ri."

BTC - ENGALEINHAMENTO AMISIOSO

Inclui ações como rolar no chão, agarrar-se no corpo ou vestuário de outra criança ou emaranhar-se com um companheiro corporalmente.

Exemplo 4A/2

" Sujeito e parceiro estão emaranhados. Parceiro tenta se desvencilhar. Ambos riem. Sujeito abraça o parceiro com força, agarra sua cabeça e lhe dá um beijo na boca. Sujeito levanta a perna do parceiro que ri, mas tenta se livrar."

PBT - PROPOSTA PARA ENGAJAMENTO EM BRINCADEIRA TURBULENTA

Neste caso o sujeito focal incita um companheiro a se engajar em quaisquer das interações anteriormente descritas, o que dá especificidade à PBT é o fato de que o parceiro não se engaja na brincadeira turbulenta. A causa dessa dissincronia pode ser atribuída a uma problemática motivacional (não há interesse do parceiro) ou como pensamos demonstrar, uma problemática comunicacional (não há entendimento do parceiro de que se trate de uma interação lúdica).

Exemplo 3A/3

"O parceiro menor conversa com sujeito, empurra-o pelo ombro, levanta e sai correndo. Parceiro para e olha o sujeito (face neutra e sentado). Volta para perto do sujeito e empurra-o pelo ombro, vocaliza algo."

AGRESSÃO

A definição de agressão parece ser bem mais complexa que a de brincadeira turbulenta, talvez pelo maior número de publicações sobre o assunto. Vários modelos já foram construídos para dar conta de seu entendimento. Metodologicamente, optamos pela convergência entre alguns autores. Apresentamos a seguir, sinteticamente, algumas definições que acolhemos.

1- Hartup, W. (1974)

Divide a agressão em crianças em três grupos: bloqueio, contato corporal e derrogações.

2- Carvalho, A.M. & Castro, M.F. (1981)

Discrimina a causalidade da agressão dando ênfase a sua motivação. Apesar de não ser propriamente uma definição de padrões observacionais, levamos em conta suas categorias na avaliação judicativa de cada incidente observado. Os contextos desencadeadores da agressão são:

- a) disputa pela propriedade de um brinquedo
- b) propriedade de local
- c) prioridade na utilização de determinado brinquedo
- d) brincadeira física que se transforma em briga
- e) recusa ao envolvimento na interação
- f) causação acidental de danos físicos
- g) ameaça física ou verbal
- h) impedimento da continuidade comportamental de uma

criança

- i) agressão verbal
- j) agressão física
- k) agressão contra objetos ou propriedades
- l) acusações falsas
- m) rir do outro
- n) ameaçar a respeito de ameaça relatada
- o) motivos não identificados

3- Di Pietro, J. (1979)

Inclui os mesmos comportamentos expressos para a brincadeira turbulenta. A distinção se baseia na expressão facial diversa; no caso da agressão, o agente (agressor) transmite raiva enquanto que o atingido (agredido) transmite medo, raiva ou aflição. As vocalizações do agente podem incluir insultos ou serem proibitivas e de modo geral a ação deve transmitir dor física ou psíquica aos envolvidos.

4- Blurton Jones, N. (1972)

Entende que os padrões agressivos só estão plenamente estabilizados após o quarto ano de vida sendo os comportamentos mais diretamente relacionados à agressão: fixar os olhos, franzir as sombrancelhas, bater, empurrar, tirar, puxar e agarrar com força. É importante notar que a agressão não pode ser entendida unidimensionalmente (bem como a brincadeira turbulenta) e sim pela associação de vários elementos motores, vocais e contextuais.

5- Laplanche, J. & Pontalis, J. (1986)

Assim como fizemos no caso da brincadeira turbulenta, introduzimos, ao lado das definições observacionais mais precisas, outra que forneça subsídios para uma compreensão mais hermenêutica capaz de ser levada em conta quando se atribui uma conotação a um conjunto de comportamentos.

Verbetes do Vocabulário de Psicanálise:

" Agressividade

Tendência ou conjunto de tendências que se atualizam em comportamentos reais ou fantasmáticos, estes visando prejudicar outrem, destruí-lo, constrangê-lo, humilhá-lo, etc. A agressão conhece outras modalidades além da ação motora violenta e destruidora; não existe qualquer comportamento, quer negativo (recusa de auxílio por exemplo) quer positivo, simbólico (ironia por exemplo) ou efetivamente atuado, que não possa funcionar como agressão." (p. 37)

Apresentamos aqui, as definições observacionais utilizadas por essa pesquisa.

AF- AGRESSÃO FÍSICA

Inclui ações como bater com a mão fechada, chutar, empurrar, puxar-tirar, ou agarrar com força.

Exemplo 1A/1

" O parceiro acerta um soco com a mão fechada nas costas do sujeito que mantém expressão de dor e cai no chão."

AV- AGRESSÃO VERBAL

Inclui ações proibitivas geradoras de ações fisicamente agressivas, insultos, gritos de afugentamento. O julgamento deste comportamento se liga basicamente a reação do interlocutor alvo da emissão verbal.

Exemplo 2B/3

"Parceiro puxa o caderno onde o sujeito estava escrevendo. Sujeito põe o pé na cabeça do parceiro e diz - Larga. Dá então dois chutes no traseiro do parceiro. A expressão é de raiva. É contido pela professora que fala com ele. Sujeito se dirige ao parceiro e grita com raiva - Gordo!!"

obs.: Neste caso, há uma agressão física e outra verbal.

AN- TENTATIVA DE AGRESSÃO NÃO CONSUMADA

Inclui tentativas de efetuar uma ação agressiva que acabam por não se realizar tanto pela intermediação de outro elemento contendo o sujeito, quanto pela autocontenção quando se observa uma interrupção da sequência de padrões motores típicas da agressão. A categoria inclui tanto a auto-restrição quanto o impedimento; não consideramos necessário separá-los dada a exiguidade das duas situações.

Exemplo: 3A/3

"Sujeito está no balanço. Levanta-se abruptamente chorando, com as mãos para cima. Corre em direção à professora e

tenta atingi-la com um tapa. A professora evita, segurando seu antebraço e vocalizando proibitivamente."

AA- AMEAÇA E FUGA

Compreende os atos de intimidação do sujeito que podem envolver tanto expressões verbais quanto padrões motores capazes de evoluir diretamente para um enfrentamento agressivo. A reação do parceiro neste caso é sempre de fuga, quer de por deslocamento espacial no sentido de distanciar-se do sujeito, quer pela busca de uma situação de segurança (junto à professora, num lugar elevado, etc.).

Exemplo 1A/1

Parceiro maior ameaça verbalmente o sujeito. Ambos trocam intimidações. Aproximam-se e distanciam-se sincronizadamente. Parceiro avança com as mãos para cima. Sujeito corre em direção à professora."

AO- AGRESSÃO COM OBJETO

Inclui ações como bater no parceiro com um brinquedo ou com um pedaço de pau, também quando empurra-se um brinquedo ou móvel onde está situado o parceiro de forma que sua reação mostre os efeitos de uma intervenção agressiva.

Exemplo 2B/4

"Sujeito está brincando com o cabo de uma vassoura,

parceiro se aproxima e tenta pegar o brinquedo de sua mão. Sujeito bate com a vassoura na cabeça do parceiro (expressão de medo)."

AC- AMEAÇA

Inclui ações preparativas à consecução de uma agressão, podendo ou não realizar-se sua evolução plena. Comportamentos como bater com o pé, com força, no chão à frente do parceiro e também padrões verbais como denegrir e ofender o parceiro diferindo da agressão verbal propriamente dita pelo tom provocativo da vocalização.

Exemplo 1A/3

"Parceiro posiciona-se a frente do sujeito e vocaliza: Blaaagh!!. Bate com o pé no chão. Movimenta a mão com rapidez à frente do rosto do sujeito, que mantém expressão de medo."

AGAC- AGRESSÃO ACIDENTAL

Inclui-se nesta categoria ações vocais e motoras que têm por efeito padrões de dor física ou psíquica no parceiro sem que este esteja claramente constituído como alvo da agressão. Normalmente, o foco visual não está circunscrito ao alvo atingido.

Exemplo 3B/2

"Sujeito está de mãos dadas com a professora, observa um

incidente agressivo. Levanta-se e sai correndo, esbarra em um menino menor que está em seu caminho. Menino cai, batendo com a cabeça no chão e chora muito. Sujeito observa a cena assustado.

III- As Formas de Determinação da Loucura:

1- Da História da Loucura:

1.1- Etnografia da Loucura:

Ao determo-nos sobre o problema da loucura, cabe a pergunta sobre a sua pregnância histórica. Tal indagação pode esclarecer se a loucura é um fenômeno típico das sociedades modernas, especialmente as do período pós-industrial do século XIX ou, ao contrário, incide aleatoriamente no tempo e no espaço.

O modo de vida de caça e coleta, segundo designação de Leakey, R. (1981), costuma ser utilizado tanto pelos etólogos quanto pelos pesquisadores da antropologia física como uma espécie de equivalente fóssil no estudo da sociedade. Ao contrário do que uma interpretação mais rápida pode sugerir a adoção do modo de vida de caça e coleta como paradigma da socialização humana não significa que tratemos aí de uma certa "sociedade natural". Assim como não podemos hoje desprezar as antinomias típicas e particulares de sociedades diferentes não cabe considerar as sociedades de caça e coleta como uma forma única e monolítica. O material obtido pelas pesquisas de Konner (1981) junto aos !Kung, bosquimanos do deserto do Kalahari apresenta diferenças com relação aquele obtido por Sorenson, E.R. (1979) na Nova Guiné. Diferenças que, entretanto, permitem induzir certo funcionamento acerca da estrutura de tais sociedades.

O estudo das assim chamadas "doenças mentais", especialmente a psicose, remonta a pelo menos cinquenta anos no campo da Antropologia.

A referência inicial acerca deste tema na Antropologia remonta aos estudos de Benedict, R. (1934). Esta autora pode ser considerada um marco no estudo da "anormalidade" inaugurando toda uma tradição de pesquisa. Muito se modificou a partir das concepções de Benedict, R. (1934), cuja idéia central é de que haveria uma certa "força emoldurante da cultura" capaz de estabelecer diferenças e promover a pertença grupal. Trata-se de uma idéia inicial para explicar porque o que em uma cultura é considerado "normal" pode, em outra, ser dito "anormal" e vice-versa.

A idéia de que o relativismo cultural pode dificultar o estudo objetivo da loucura levou vários autores a considerar a loucura na esfera do mito. Nesta perspectiva situam-se entre outros Szaz, T. (1977), Rosenham, (1973), Scheff, (1966) e Lemert, (1967). Deteremo-nos um pouco nas premissas de Scheff, (1966). Segundo este autor a cultura instrumentaliza suas diferenças a partir de uma base linguística muito particular. As infrações e os infratores situam-se na ordem dos termos que os designam. Segundo o autor:

"... a cultura do grupo provê um vocabulário de termos para categorizar as violações das normas."
(pág. 33)

Até então nada de muito novo se formula, mas o sociólogo vai além afirmando que apesar da cultura prover um vocabulário que dê conta dos desviantes, este vocabulário nunca é preciso e explícito na construção das categorias desviantes. Apesar desta imprecisão, a uniformização das categorias parece ser bastante inteligível para cada um dos membros do grupo e mesmo assim não pode ser plenamente descrita.

É fato que esta associação mito-loucura possui já uma história, não nos consta entretanto nenhuma pesquisa que leve a cabo a análise rigorosa deste mito enquanto tal. Os estudos acima citados insistem mais na não objetividade da loucura enquanto fenômeno, daí seu aspecto mítico, do que nas formas de funcionamento deste mito.

Recolocamos agora nossa questão: como situar a loucura a partir de sua pregnância no espaço e no tempo? Utilizaremos um estudo comparativo realizado por Murphy, J.M. (1981) onde a autora toma diversas culturas e analisa a incidência da loucura. Comparando dados acerca de esquimós, habitantes de uma certa ilha no estreito de Behring, yorubás, habitantes da Nigéria além de populações na Gâmbia, Sudão e Vietnã do Sul a autora verifica a existência de noções próximas àquilo que em nossa cultura chamaríamos de loucura. Todas as culturas estudadas pareciam conceber alguma diferença entre mente e corpo além de comportarem termos específicos para ambos. A palavra esquimó **nuthkavihak** parece se referir a:

1. falar consigo mesmo
2. gritar com alguém que não existe
3. acreditar que um marido ou filho foi morto por uma bruxa, quando ninguém mais acredita
4. recusar-se a falar
5. acreditar que outra pessoa é um animal
6. ficar perdido
7. beber urina
8. ficar forte ou violento

Por outro lado a palavra *yorubá were* inclui entre outras as seguintes significações:

1. ouvir vozes
2. rir quando ninguém mais ri
3. fazer perguntas a si mesmo; e respondê-las
4. falar o tempo todo; ou nunca falar
5. atear fogo em algum lugar despropositadamente
6. pegar uma arma e atirar em alguém repentinamente
7. acreditar que uma pessoa exala um odor característico que não pode ser removido

Um estudo realizado por Edgerton, (1966) em quatro sociedades do leste africano apresentou vinte e quatro comportamentos que nossa cultura associa à esquizofrenia obtendo alta concordância com o que poderia ser chamado de loucura nestas sociedades.

Outro estudo, este realizado por Zelby, (1974) mostra que os índios Zapotec do México também parecem reconhecer a loucura, atribuindo a ela:

"... algo a ver com a alma que foi sintomatizado pela agitação motora, ataraxia, movimentos violentos e incapacidade para falar de modo que outras pessoas possam entender." (pág.41)

Indicações acerca da significação da loucura, associada a a ~~psicose~~ podem ser encontradas em várias pesquisas que apenas citaremos aqui para dar uma amostragem da atividade sobre o tema:

Field (1960), Kaplan e Johnson (1964), Price (1964), Cawte (1972), Beiser, Bur, Ravel e Collomb (1973), Burton-Bradley (1975) e Carstairs e Kapur (1976).

De toda forma parece razoável afirmar, a partir destes estudos, que o que os esquimós chamam de **nuthkavihak** ou os gorubás de **were** relaciona-se sempre a um conjunto vocabular e comportamental que não é unívoco. Assim "ver o futuro", proferir sortilégios e curar, atividades habitualmente relacionadas ao chaman e que poder-se-ia confundir com atributos da loucura não se confundem de fato nas sociedades estudadas. Isto sugere que ver, ouvir ou acreditar em coisas que não são visíveis, escutáveis ou críveis ora se liga a loucura e ora não. A definição portando não pode se dar apenas tendo em conta as categorias retiradas de seu contexto, fora do seu "ambiente natural". Assim como há um delírio que faz com que o sujeito se imagine Cristo, há também entre os Cree e Ajibwa uma certa

identificação com **wittiko**, um monstro canibal mitológico, segundo a pesquisa de Parker (1960). A princípio poderíamos dizer que se trata do mesmo fenômeno que ocorre segundo manifestações diversas. Isto nos remeteria a uma espécie de essência subterrânea da loucura, sua determinação mais íntima e sua etiologia. O que se verifica entretanto é que a suposição central que estrutura esta "natureza" da loucura determina também suas formas de manifestação. O estatuto do louco numa dada sociedade interfere diretamente no modo como ela aparece a nível fenomênico.

O estatuto de um **were** ou de um **nuthkavihak** é diferente do que ocupa o louco em nossa sociedade. Algumas pesquisas como as de Benedict (1934), Deveroux (1973), Linton (1956) e Silverman (1967) sugerem que o papel do chaman ou "médico de bruxas" pode ser ocupado por alguém que em nossa cultura seria chamado psicótico. Entre os yorubás, por exemplo, a **were** não é condição necessária para ocupar o papel de "curador", mas também não é impossível que um **were** chamanize. Por outro lado a hipótese etiológica sobre a loucura parece obter alguma concordância, isto é, via de regra trata-se do efeito de espíritos maléficos. O caráter de possessão, sob o qual a idade clássica entendia a loucura segundo Foucault, M. (1961), parece estar igualmente associado à loucura no caso destas outras culturas. Não se registra, entretanto cerimônias de sacrifício, como seria de esperar, de outra forma, segundo Edgerton (1969), Field (1960), Kaplan e Johnson (1964), Kiev (1968), Lambo (1964) e Price (1964). Parece haver uma cerimônia apropriada para a

"cura" da loucura. Esta cerimônia costuma estar associada com representações fundamentais da natureza, especialmente os fenômenos climáticos.

De toda forma o tratamento dado aos indivíduos tomados por loucos não comporta nenhuma forma de exclusão ou reclusão, bem como formas de humilhação, que fala Gofman, E. (1961) . Geralmente ficam vagando pela aldeia e são generosamente alimentados pelo resto da tribo. A atitude com relação ao indivíduo parece estar mais relacionada ao tipo específico de comportamento do que a alguma essência pessoal malévola ou benéfica do louco. Poderíamos atribuir este tratamento a uma ausência de proibitividade ou a um caráter permissivo das culturas estudadas. Segundo Murphy, J. M. (1981), há uma designação clara para o desviante, no sentido que atribuímos ao termo psicopata. O desviante não se confunde com o louco nas sociedades ditas primitivas. **kungelata** em esquimó ou **arankan** em gorubá referem-se a uma espécie de violação da norma, como o banditismo ou o abuso sexual. Tanto um como o outro naq são considerados "doentes" sendo o chaman inútil para estes casos. Fica claro portanto a diferença entre o louco e o marginal social.

Cabe ainda diferenciar entre o louco e o doente como se entende no sentido tradicional, isto é, um distúrbio anátomo fisiológico decorrente de uma causalidade específica. Um doente é pois, aquele que porta os signos da doença. Seriam loucura e doença adjetivos concêntricos ? Segundo Fraize Pereira, J.

A. (1985):

"Pode-se dizer que, em culturas primitivas, uma doença (orgânica ou mental) é apenas parte de uma totalidade que a transcende e engloba. As manifestações visíveis da enfermidade (sintoma) remetem a um significado sobrenatural, invisível." (pág.51)

Pois, se a nível dos comportamentos parece haver uma razoável coesão subjetiva acerca da loucura cumpre agora pensar no significado destes comportamentos e o contexto em que se introduzem. O mito que associávamos à loucura incide pois sobre sua explicação.

1.2. Hipóteses sobre a Loucura :

A. Hipóteses Psiquiátricas:

a) Hipótese Processual (endógena)

Descendente da antiga teoria de degenerescência de Esquirol e Morel, pensa a loucura como resultante de um "germe" mórbido, possivelmente hereditário que, incidindo sobre o sujeito, levaria a um processo contínuo e inexorável de demenciação. O paradigma dessa idéia se relaciona com a descoberta de que a sífilis conduzia à paralisia geral progressiva (catatonia). É exemplo deste tipo de perspectiva a idéia de que os surtos psicóticos se associam às convulsões epiléticas, postulada pelo brasileiro Anibal Silveira (1962). Para os defensores desta hipótese a doença mental é, antes de tudo, uma doença cerebral.

b) Hipótese do Fator Desencadeante:

Tem como premissa a existência de uma personalidade patogênica que desenvolveria, clinicamente, a loucura a partir de um evento desencadeante, chamado também de traumático. Essa hipótese está por trás dos estudos caracterológicos que tiveram grande incremento até a década de 1960, como os estudos de Gall (1972), Kretschmer (1954). Por outro lado, vão considerar como Bleuler, E. (1943) situações-chaves no aparecimento do quadro como a *Eolie a deux* e as perturbações mentais dos prisioneiros. O organodinamismo de Ey, H. (1954) situa-se nesta perspectiva assim como aqueles que procuram associar a existência de doenças encefalodegenerativas (Síndrome de Pick, por exemplo) com a loucura, na linha de De Clérambault, G. (1973).

As premissas do organodinamismo poderiam ser reduzidas aos seguintes postulados:

- 1- A doença mental é inerente à organização psíquica;
- 2- A estrutura da doença mental é basicamente negativa ou regressiva, constituindo-se a partir de dissoluções ocorridas em níveis superiores;
- 3- Os sintomas da doença mental são basicamente regressivos ou negativos devido ao desenvolvimento incompleto.

B- Hipóteses Psicológicas:

a) Hipótese do Ambiente Patogênico:

Compreende diversas variantes desde as que tomam por ambiente a sociedade, como Laing (1969); a instituição como Basaglia (1973) ou a família como a escola de Palo Alto. Em todos os casos, a determinação recai no elemento exterior à loucura e patogêno por motivos que vão do político ao constitucional. Em geral, destacam contradições criadas pela sociedade a partir da modificação do seu *modus vivendi*, como a redentorização, a acumulação de excedentes, o comércio e a exploração.

Situa-se nesta vertente, os trabalhos da Etnopsiquiatria de Devereaux (1973) e demais teorias que pensam a loucura como uma forma de resistência social. Segundo Devereaux:

"A pedra angular de todo edifício psicótico é seu caráter privado que não é mais que uma manifestação extrema do que eu denominei 'negativismo social.'"
(pag 120)

b) Hipótese Fenomenológica:

K. Jaspers(1973) inaugura esta abordagem apoiando a noção de processo psíquico à noção de desenvolvimento da personalidade. Processo psíquico compreende relações de compreensão onde o doente sofre de ilusões além de prejuízo quanto ao juízo crítico que faz com que certas experiências

(*Erlebnis*) determinem a irrupção de fases ou períodos de loucura. A hipótese fenomenológica é uma hipótese descritiva. A importância dada, dentro da psiquiatria alemã, aos chamados delírios de interpretação antecipa de alguma forma a contribuição de Jaspers.

Destacam-se os trabalhos de Minkowski (1966) que alcançam primordialmente a questão da percepção.

C- Hipóteses Psicanalíticas:

a) Apontam no sentido de que a loucura teria intimas relações com as primeiras experiências no contato mãe-bebê. Pesquisas como as de R. Spitz (1965), J. Bowlby (1973) assinalam que um contato menor qualitativamente pobre entre a mãe e sua criança podem constituir o núcleo da patologia. A descrição que Freud empreende no estudo do caso Schreber (*Pontualizações Psicanalíticas sobre um Caso de Paranoia - Dementia Paranóides - Descrito Autobiograficamente*) considera, como núcleo da psicose o narcisismo e a projeção além da importância do elemento paterno na determinação do quadro. A teoria das relações objetais (M. Klein, Bion, etc.) apontam para a importância do instinto de morte, que é inato, na determinação da patologia, situando-se assim, próxima da hipótese processual. Em Winnicott (1952) há uma relação direta entre uma teoria do cuidado sobre o bebê e uma teoria da saúde mental, enfatizando desta forma o papel da mãe. Já para J. Lacan (1988), a relação com a linguagem naquilo que de

simbólico determinaria a loucura, o fator básico desse processo é a função paterna, naquilo que articula em relação à Lei (castração). Para Lacan, o psicótico se relaciona de forma diferente com a ordem simbólica, como diz no Seminário III(1955):

" A estruturação do mundo animal é dominada por um certo número de imagens fundamentais que dão a esse mundo suas linhas de força, como na psicose" (210)

D- Hipóteses Filosóficas:

Destacam-se as perspectivas de Deleuze (1985) e Guatarri(1989), relativas à esquizo-análise e a de M. Foucault (1961) que aborda o problema da loucura a partir dos discursos que sobre ela incidiram, constituindo-a na sua forma moderna a partir do século XV. A esquizo-análise desconsideraria o problema da etiologia deslocando a questão para o sac e sua ontologia tomando a própria noção de etiologia, enquanto conhecimento das causas e portanto essência da loucura, sem sentido. Foucault representaria uma forma híbrida entre a determinação ambiental e a indeterminação pelo esvaziamento de sentido que traz com relação a pergunta acerca da constituição própria da loucura.

E- Hipóteses Etológicas:

Partem da premissa de que o programa sócio-comportamental da espécie tem sua ordenação comprometida no caso da psicose. Assim, os comportamentos patológicos corresponderiam

" (...) Uma intrusão dos níveis biológicos da personalidade nos seus níveis psíquicos e anímicos, tornando-se suscetíveis de homologia com comportamentos não humanos e primáticos, bem como com esquemas motores remotos da ontogênese." (Bracinha Vieira, s/d, pág.12).

Certas matrizes primordiais do comportamento, ligadas à sua importância no processo de seleção natural, e de forte valor adaptativo emergiriam deslocadamente na psicose, explicando-lhe a fenomenologia. Desta maneira, Bracinha Vieira, por exemplo, associa a Síndrome Paranóica ao engrama territorial, isto é, toma a sintomatologia paranóide como análoga a comportamentos de territorialidade, como marcação de espaço, defesa e posse de território. No caso das psicoses afetivas, o engrama em questão é o hierárquico o que explica a polarização entre mania e depressão pela semelhança com as atitudes de liderança e submissão. A anorexia nervosa é entendida pela intrusão excessiva na chamada distância crítica (espaço ideal que separa os parceiros numa determinada relação). Têm-se por efeito, algo análogo ao que acontece em animais em ambientes superpovoados. Já as Síndromes Psicomórtoras ou Demenciais são associadas pelo autor ao retorno de níveis ontogenéticos primários do indivíduo; uma espécie de infantilização tardia que alcança inclusive os reflexos inatos.

A mesma perspectiva geral encontramos na excelente compilação de Macguire, Lynn e Fairbanks (1977) de artigos sobre Etologia e Psiquiatria. O projeto geral é de anexar ponto a ponto sintomas, signos e distúrbios a disfunções relativas à

desorganização de matrizes filo e ontogenéticas.

Destes artigos, destacamos um quadro que nos interessa mais de perto por situar o comportamento agonístico em sua escala e que está presente em Scott (1973):

O periódico *Ethology and Sociobiology* dedicou um número às relações entre Etologia e doença mental; nele reencontramos a perspectiva acima enunciada. Nos dizeres de Lorenz:

"Esses dados demonstram que a teoria etológica e seus métodos podem contribuir significativamente para expandir o conhecimento da Psiquiatria tendo em vista tanto a saúde quanto a doença mental."
 (1987)

2- Loucura e Antropologia:

Desde Kant (1724-1804), as ciências humanas têm reservado um lugar especial à Antropologia como forma básica de sustentação de seus projetos de estudo. A rocha antropológica, de que fala Kant (apud Deleuze, G. - 1976), deu formas finais ao conceito moderno de homem. Desta forma, a Antropologia serve de árbitro privilegiado para aqueles que entendem o homem, segundo a tradição platônica, como um conhecedor de essências. A circularidade, expressa na afirmação de que a essência do homem é sua capacidade de conhecer essências, projeta para as ciências humanas, e também para suas regiões periféricas como a Etologia, uma tarefa inglória. Ao mesmo tempo que procuram estabelecer uma descrição objetiva e operacionalizável de mundo, e para isso remetem-se à tarefa de tornar positivos seus vocabulários (através da redução aos enunciados protocolares, como em Carnap, 1966), o sistema ordenador teórico que formaliza este projeto compromete a sua objetividade rigorosa.

Levi- Strauss (1957) parece contornar razoavelmente o problema ao introduzir o método estruturalista na Antropologia. Assim, reconhece valor na produção etnológica sem, ao mesmo tempo, considerá-la uma descrição infinita. A diferença entre o que descreve (etnólogo) e o que explica (antropólogo) não resolve o problema ; mas situa-o de maneira menos confusa.

O método de Levi-Strauss (1957) infere uma gramática subjacente à fala bruta. A estrutura elementar, também chamada

estrutura de parentesco, funciona segundo leis próprias que transcendem o observado mas sem dúvida, a ele fazem referência. Particularmente brilhante nos parece a demonstração deste método no que toca a análise dos mitos. É justamente aí, seguindo a linha de argumentação de autores como Szasz (1974), Rosenhan (1973) e Scheff (1966), que podemos introduzir o tema da loucura.

A loucura não pode ser tomada diretamente como um mito (um mito moderno) se bem que seja tentador pensar desta forma. Vejamos, agora, o que significaria tratar a loucura como mito segundo a definição proposta por Levi-Strauss (1955):

a) o mito nos conduz a constatações contraditórias pelas versões diferentes em que aparece.

- A loucura é igualmente constituída por suas versões, que são também contraditórias. Basta retomar as hipóteses etiológicas analisadas anteriormente para nos certificarmos da impossibilidade de uma definição clara e consensual, mesmo entre especialistas de um único campo. As últimas tentativas de sistematizar as psicopatologias de forma universal e padronizada continua a produzir impasses. O DMS-III, tentativa americana dar um ponto final à questão, é logo contestado pela psiquiatria inglesa. Apesar disso parece haver um razoável acordo entre os clínicos em geral o que não é de todo incompreensível pois o mito tem como função justamente isto: promover pertença social.

b) o mito é um fato de língua pois só subsiste graças a sua transmissão (oral ou escrita)

- A loucura pode ser apreendida a partir de duas formas basicamente; ou se trata de uma série de comportamentos, formas de pensar e perceber características e essenciais a determinados indivíduos ou, por outro lado trata-se de algo que é representado como tal, que não contém nada de essencial em si mesma mas que é resultado do que dela se fala. Alguns exemplos que seguem o percurso de Foucault em A História da Loucura podem mostrar melhor a variação a que a loucura esteve sujeita:

nas sociedades originárias - o xamã (?)

na idade média - o personagem, sujeito da experiência trágica

no século XVI - um problema assistencial (encarnação do grande mal)

no século XVII - um problema jurídico e penal

no século XVIII - um problema médico

no século XIX - um problema psiquiátrico (especialmente no final do século)

no século XX - um problema psiquiátrico, psicológico e filosófico

Segundo este ponto a loucura só se adequa a forma de mito se a tomarmos como uma representação social, que seria o equivalente a dizer que a loucura se define pela sua categorização como tal pela cultura.

c) o mito diz respeito a acontecimentos passados sugerindo as vezes desdobramentos futuros

- É sugestivo que, nos modos de entendimento e descrição da psicose, a idéia de que um acontecimento passado exerce papel fundamental é apresentada por diversos autores. O estatuto deste acontecimento, mítico, real ou imaginário varia, mas costuma estar associado a história onto ou filogenética do indivíduo.

d) a substância do mito não se encontra nem no estilo, nem no modo de narração, nem na sintaxe, mas na própria história que é relatada.

- Este tópico faz com que consideremos como história da loucura aquilo que dela se falou e não o estilo (poético ou científico) em que ela se expressa ou a sintaxe (orânica ou psicológica). Os argumentos do item b) podem ser repetidos aqui.

e) o mito pode ser decomposto em grandes partes constitutivas (semantemas ou mitemas).

- Aqui poderíamos invocar as unidades constitutivas descritas pelos discursos psiquiátrico e psicológico. Fazer isto significa, no entanto, o mesmo que analisar uma cultura apenas pelo relato de seus informantes, no estilo da Antropologia de Morgan (1871) por exemplo. O resultado disto não é nulo ou vago mas sem ~~...da~~ estudos que se atém aos princípios como os da observação participante, no próprio ambiente "natural" parecem

mais consistentes. O etnocentrismo pelo que prima o primeiro tipo de análise (inerente ao informante não esclarecido) é equivalente ao daquele que do lugar de "normalidade" fala sobre o outro patológico (o louco). O tipo de descrição que esperaríamos encontrar é o clássico. Nele o foco de observação é sempre aquilo que faz do louco algo de diferente. A busca é a de encontrar os signos da loucura, como se faria com qualquer outra doença. Assim o delírio, a alucinação, as perturbações do pensamento, da memória, dos afetos são temas centrais da observação. A bibliografia referente a estas descrições parece interminável: delírio de aposentadoria, delírio interpretativo, delírio de autoreferência, delírio a dois, delírio institucional... Uma lista onde cada tema parece se prestar a uma descrição tão minuciosa quanto vazia. O mais interessante é que estes projetos de nominalização da loucura se dão no interior de um espaço comprometido com a intervenção sobre seu objeto, isto é, as descrições passam a autorizar uma prática. Isto não significa que o estudo da loucura só possa ocorrer a partir do próprio louco, nem que o etnólogo deva se tornar um bororo, mas significa que a diferença entre o etnólogo e o antropólogo deve permanecer clara, assim como a do etólogo e o psicólogo. O olhar viajante do etnólogo de que fala Cardoso, S. (1988) não se confunde com o observar sistemático, mas também não o exclui.

f) não há uma versão verdadeira do mito, da qual todas as outras seriam cópias ou ecos deformados. Todas as versões pertencem ao mito.

- Pensar na loucura desta forma poderia justificar certas impropriedades epistemológicas como por exemplo pensar que psiquiatras e psicólogos falem da mesma coisa, do mesmo fato objetivo, ou que a substância da loucura seja a soma direta de suas explicações. De outra forma, pensamos que podemos tratar as versões da loucura de modo a alcançar a estrutura.

g) a repetição tem uma função própria que é a de tornar manifesta a estrutura do mito

- as contendas pelo estabelecimento da descrição das psicoses nos dão a medida da importância da repetição na consolidação de uma base vocabular comum.

h) o crescimento do mito é contínuo em oposição a sua estrutura que permanece descontínua.

- a própria capacidade que a loucura parece possuir de atrair discurso sobre si, explicação e descrição, demonstra a sua expansão contínua, chegando a constituir não apenas um tema científico mas também um assunto popular, folclórico e artístico.

i) o mito se relaciona a questões da sociedade que o produz mas também aquelas que lhe são contíguas.

- neste sentido a loucura responderia uma pergunta sobre a normalidade. Vários autores apontam para o papel que o desviante exerce na configuração de uma dada sociedade. Veja-se

para isso os trabalhos de Berger e Luckman (1973) ou Goffman, E. (1961).

Conclusão:

Visto que a análise da loucura como um mito resiste razoavelmente a uma aproximação inicial ressaltaremos então dois pontos que são necessários mas não suficientes na abordagem metodológica do problema:

1. que a loucura constitua-se no campo representacional
2. que a estudemos de acordo com princípios observacionais rigorosos de modo a não tomar aquilo que constitui miticamente sua essência (alucinação e demais fenômenos elementares) e sim uma determinada atividade comportamental não isolada.

O método etológico parece respeitar estas duas premissas pois:

- leva em conta o ambiente natural, que no caso do homem é o próprio vínculo humano e sua representação
- utiliza um olhar preocupado com seu próprio comprometimento, não é neutro e asséptico entretanto.
- produz matéria prima para organização subsequente

3. Posição da Psiquiatria:

O debate acerca da descrição e etiologia da loucura funda a psiquiatria como ciência da patologia mental. Depois de um período em que a atitude ética sobrepuja-se à médica propriamente dita, período esse onde Pinel na França e Tuke na Inglaterra representam, a psiquiatria se vê as voltas com a formulação de um método.

A tarefa princeps de Kraepelin (1917) nos primórdios da Psiquiatria moderna era similar a da Botânica e se quisermos levar a comparação adiante, similar a da Química de Lavoisier (apud Kuhn, T.S - 1962). São disciplinas que se constituem em sua forma moderna quando conseguem estabelecer um vocabulário próprio e universal para tratar dos fenômenos a que propõem. Até então movimento similar a de qualquer ciência. O que as diferencia é que este proceder se marca por um certo acumulacionismo, isto é, a Botânica e a Zoologia de forma mais geral partem de uma descrição basal, cabendo a cada novo pesquisador acrescentar elementos as descrições passadas até que o conjunto possa ser classificado. Já na descrição supõe-se algumas premissas como a de que a planta constitua um sistema químico-físico e não qualquer outra entidade animica.

A tarefa de Kraepelin, (1917) se assemelha muito a este projeto, que ainda hoje marcha adiante em livros como o DSM-3 (Diagnostic and Statistic Manual of Mental Disorders - third edition). O prognóstico que se visaria obter seria um equivalente

ao conhecimento do desenvolver de uma dada espécie para o botânico.

O acumulacionismo no entanto não passou de um projeto, como afirma Paim, I. (1978). A organização taxonômica se converteu em disputa pelo poder de descrever, para não dizer poder farmacológico. Como diz Simon, P. (1989):

"Em definitivo, será assim surpreendente esta literatura da quimioterapia? Não, pois sabemos de onde provém: essencialmente, da indústria farmacêutica. Efetivamente, os industriais perceberam que os médicos, e mais particularmente os psiquiatras, não prescrevem um medicamento se não lhes é oferecida, além da eficácia terapêutica, uma descrição de seu mecanismo de ação. Não basta ouvir. "Isso atua, mas ignora-se como". Então é preciso que os fabricantes inventem - e eles propõe mecanismos... que ninguém compreende." (p.79)

A Psiquiatria por sua posição epistemológica interna a Medicina lê os signos da loucura a partir de um construto, as vezes silencioso de normalidade. Pois a semiologia médica se estrutura justamente na diferença entre estes dois polos. Apesar disso a etiologia não remete necessariamente à uma anomalia anátomo-fisiológica. O que está em jogo aí não é a essência da loucura mas suas formas de cura. São as práticas de sanidade que comprometem a observação com a intervenção. Fazem do olhar um olhar funcionalmente modificador. Ao lado da ética da saúde a Psiquiatria está desde os primórdios comprometida com algo que só muito recentemente vem fazer parte do programa dos botânicos: a intervenção. A ética preservacionista formula uma Ecologia que

ainda pensa seus primeiros passos. Na Psiquiatria ao contrário, a "naturalização" da loucura justifica sua "aculturação institucional".

É paradoxal que justamente esta certa interligação efetuada pela Psiquiatria entre loucura e natureza nunca releve a primeiro plano a observação, com os rigores e cuidados de uma observação etológica. O resultado desta demanda de nominalizar a loucura é a formulação de categorias anteriores à observação, algo que desde Tinberger, N. (1951) parece francamente não criterioso. Acerca dos problemas relativos aos critérios psiquiátricos podemos nos dirigir as palavras do ex presidente da Associação Psiquiátrica Mundial, Samuel-Lajeunesse (1989):

"Isto requer três observações: a primeira é que não existe, ainda hoje, acordo entre esses diferentes critérios, e como prova, por exemplo, existem de maneira concorrente sete sistemas de critérios diferentes para a esquizofrenia." (p.72)

"A segunda observação, mais importante ainda, é uma dificuldade de aplicação quotidiana, na prática, desses sistemas de obtenção de dados." (p.75)

Num estudo notável, Dinske et alii (1987) observou 130 crianças de 2 a 17 anos com diversos diagnósticos psiquiátricos com o objetivo de checar o suposto significado biológico-evolutivo dos signos constitutivos dos sintomas descritos no DSM-III. Através de uma análise rigorosa, ficou claro que associações como distúrbio depressivo = baixa competitividade; ansiedade = evitação do perigo, ou ainda cuidados parentais problemáticos =

distúrbios de afeto demonstram-se inconsistentes. Além disso, a distinção entre um signo, um sistema e um distúrbio não resiste a uma análise etológica. A noção de um "bom funcionamento mental" não equivale à noção etológica de adaptação.

O que dificulta mais ainda a posição da Psiquiatria é que ao mesmo tempo que busca estabelecer um discurso final sobre o assunto, respaldada por um status supostamente equivalente ao da Biologia, não possui a mesma especificidade epistemológica.

A discussão não diz respeito a uma dicotomia facilmente enunciável, que reduz os discursos psiquiátrico e psicológico a uma oposição do tipo natureza ou cultura, orgânico ou mental, objetivo ou subjetivo. Como diz Wartel, R. (1989):

" Nós porém continuamos a ouvir e a ver funcionar o preconceito da doença mental, repartido falaciosamente entre dois clãs, aqueles para quem é uma questão de doença, e aqueles para quem é uma questão mental." (p. 83)

Como veremos mais adiante não nos parece se tratar nem de uma questão mental apenas, nem de doença apenas. Recusamos também a perspectiva que pensa num certo interacionismo, que ao que consta se compromete com as duas posições sem trazer frutos a nenhuma. A dicotomia se resolve exatamente pelo ponto em que ela incide: a linguagem. Um terceiro elemento que faz pensar na descrição e suas polêmicas não mais como uma "querela de diagnóstico" mas como sintoma metodológico.

6- A Superação do Impasse Natureza-Cultura:

Tomemos a nosso propósito a superação da dicotomia natureza-cultura a partir da introdução de um terceiro termo entre eles. É importante que a resolução do impasse se dê não apenas na esfera desta dicotomia, mas que incida também sobre suas reduplicações (mente-corpo, inato-aprendido).

Sabemos tratar-se de uma questão intrincada que retorna de forma sintomática à pauta das ciências humanas. Podemos localizar no ambiente intelectual alemão do final do século XIX e início do século XX uma de suas últimas incidências. Neste momento se formula a **Naturphilosophy** de Herbart.

A controvérsia entre a **Naturwissenschaft**, ciências da natureza, e a **Geistwissenschaft**, ciências do espírito, animou, de Husserl, E. (1901) a Heidegger, M. (1929) e Merleau-Ponty, M. (1990), o debate filosófico, conduzindo a diferentes enfrentamentos. Ora remetendo o problema à sensibilidade, ora à significação, estes autores se dirigem ao campo da hermenêutica, isto é, interpretação de sentido. De outro lado, segundo a classificação de Rorty, R. (1989), posicionam-se os filósofos, assim chamados, sistemáticos. Interessados na construção de vocabulário final, estes últimos entendem que o problema do conhecimento se resolve pela depuração da linguagem. Nesse projeto se inserem os positivistas lógicos como Carnap, R. (1966), e o primeiro Wittgenstein, L. (1958).

Já na década de 70, localizamos uma mudança não só temática mas metodológica na abordagem do problema. Referimo-nos, especificamente, à contribuição de alguns autores no campo das ciências humanas e que se confrontavam com reduplicações da dicotomia cultura-natureza. São eles:

- a) Lévi-Strauss na Antropologia;
- b) Lacan na Psicanálise;
- c) Foucault na Filosofia e na História;
- d) Derrida na Linguística;
- e) Barthes na Semiótica e Teoria Literária;
- f) Althusser no Materialismo Histórico.

Trata-se de uma coletânea de autores mormente denominados estruturalistas. A formulação de homogeneidade teórica entre eles é discutível e a atribuição de um mesmo nome (estruturalistas) é imprecisa não comportando as imensas diferenças entre seus trabalhos, cuja aproximação mostra muito de artificial.

Não obstante, reformularam radicalmente o modo de apreensão do problema em suas áreas de estudo. Fizemos comparê-los aqui pela indicação que fazem de um terceiro elemento que resolve a dicotomia: a linguagem.

A linguagem é tomada e entendida a partir de um precursor chave, Saussure, F. (1916). É interessante que o método que surge em relação ao Curso de Linguística Geral resolvam dualismos inscritos em cada uma das áreas acima mencionadas, a saber:

- a) dualismo cultura-natureza (Antropologia);
- b) dualismo consciente-inconsciente (Psicanálise);
- c) dualismo prática-discurso (História e Filosofia);
- d) dualismo ideologia-ciência (Materialismo Histórico).

A grande descoberta desse conjunto de pensadores, e a questão que ora nos interessa, é que existe algo entre a mente e o corpo, ou entre a coisa em si e o sujeito transcendental, segundo a formulação kantiana, ou entre o sujeito e o objeto. Este algo é a linguagem tomada no sentido não instrumental. A linguagem de que falamos aqui não é mais espaço da significação como era para os fenomenólogos ou a linguagem representacional (composta de enunciados protolares) como para o neopositivismo. A linguagem é autônoma, possuindo leis próprias que podem organizar uma estrutura.

Quando Prado Coelho, E. (1967) afirma que o estruturalismo é um "antiempirismo", um "anti-historicismo" e um "antipsicologismo", fica claro que não se trata apenas de uma recusa do objeto, mas do sujeito também. Por outro lado, isto não significa a abolição da observação ou da experiência e uma reclusão final ao gabinete, como se houvesse uma espécie de fim da História e da Filosofia (sob os algúrios de Nietzsche), como se houvesse um encerramento da conversação inaugurada por Platão.

Recoloquemos, então, a questão como se dá para a Etologia. Devemos abandonar a idéia de que é possível conhecer a

essência da Natureza e nos dirigirmos à construção de uma estrutura que dê conta não dos movimentos (comportamentos) em si mas articulando-os segundo leis próprias. Como aponta Lévi-Strauss, C. (op.cit.):

"(...) existe uma teleologia inconsciente que, embora histórica, escapa completamente à história humana; aquela teleologia que a linguística e a psicanálise nos revelam alguns aspectos, e que se baseia no jogo combinado de mecanismos biológicos e psicológicos." (p.35)

A busca de determinada naturalidade pode ser abandonada sem que desprezemos a Natureza por si. A Natureza tem que ver com algo de impossível, algo além de qualquer discurso que busque apreendê-la. Consideramo-la como um resto, uma sobra que se precipita da ciência. A Natureza, neste sentido, pode ser entendida como uma estrutura. Isso nos faz pensar de fato se ela corresponde aos quesitos tradicionais e de qual estrutura estamos falando. Citemos alguns exemplos de definições antes de nos dirigirmos à comparação. Segundo Barbut, M. (apud Prado Coelho 1966):

"(...) uma estrutura é algébrica pois compreende um conjunto formado por quaisquer elementos, mas entre os quais existem a defini-los uma ou várias leis de composição ou operação." (p.11)

Segundo Lévi-Strauss, C. (op.cit.):

" (...) uma estrutura oferece um caráter de sistema; consiste em elementos combinados de tal forma

que qualquer modificação num deles implica uma modificação nos outros." (p.11)

Já para Hjenslev (apud Prado Coelho 1966):

"(...) estrutura é uma entidade autônoma de dependências internas" (p.11).

Segundo Prado Coelho, E. (op.cit.), podemos reduzir a definição de estrutura a três noções:

a) um conjunto de elementos com leis próprias independentes das leis que regem cada um desses elementos;

— a Natureza compreende igualmente leis próprias que parecem regular a vida das espécies. A filogenia diz respeito a uma lei, a da adaptação e seleção, que funciona de forma independente quando entendida no plano da ontogenia. As leis funcionais e as leis causais são independentes apesar do objeto em si (ser vivo) ser aparentemente o mesmo. A máxima darwiniana de que a seleção atua sobre a espécie e não sobre os indivíduos supõe leis próprias e distintas para cada um dos grupos: espécies e indivíduos.

b) a existência de tais leis relativas ao conjunto implica que a alteração de um dos elementos provoque alteração de todos os outros;

— o enunciado acima parece mais uma definição de ecossistema do que uma definição de estrutura. A concepção de Darwin, C. (1872) conduz a uma indissociação fundamental entre o

ser e o meio ambiente. O naturalista promove uma verdadeira "exteriorização do ser" a partir da idéia de evolução das espécies movida pela adaptação ao contingente. Darwin faz supor um sistema não mais a partir da essência de seus elementos (anátomo-fisiologia) mas que a própria "essência" se constitui a partir da estrutura, isto é, a partir das relações de oposição e combinação entre seus elementos.

c) dado que o valor de cada elemento não depende apenas do que ele é por si mesmo, mas depende também, e sobretudo, da posição que ele ocupa em relação a todos os outros do conjunto.

- de fato o valor de cada espécie não pode ser mais entendido a partir de critérios extra-sistêmicos pois cada elemento (espécie) admite valor pelo seu lugar na cadeia alimentar ou no nicho ecológico e nunca independentemente.

É notável como cada uma destas noções clarifica os pressupostos da teoria de Darwin, não só estabelecendo uma conexão ponto a ponto com o sentido de estrutura mas também permitindo uma sistematização do problema mais operativa. Pensar na Natureza como uma estrutura retira os nocivos corolários éticos que habitam subliminarmente o uso do termo "adaptação" aproximando o de "melhor", etc. Por outro lado abre margem para que possam ser organizados os dados, obtidos pela observação direta, de forma que estes ultrapassem a constatação simples. A constatação de que um determinado comportamento é inato, pela sua universalidade, precocidade e espontaneidade nos faz supor que

ele deva ter admitido uma função adaptativa, senão no momento, durante a história evolutiva da espécie.

Diríamos ainda que a Natureza não é uma realidade concreta e observável diretamente, ao contrário, ela é justamente aquilo que não se pode ver em estado puro, a Natureza é antes de tudo uma hipótese; uma hipótese que se apreende pelos seus efeitos.

A teleologia implícita na suposição de que haveria uma certa naturalidade nos eventos da Natureza fez, de acordo com a tradição clássica, com que aproximássemos a Natureza de entes como Deus, o Universo ou o Cosmos. Nada mais procedente, se pensarmos desta maneira, que esta Natureza contenha em si uma certa ética adaptacionista. Essa ética, que vimos funcionar nas formas de entendimento da loucura é injustificada uma vez que a naturalidade que supunha-se habitar o louco, investindo-o como doente, não é de fato aquilo que pretende ser: científica.

Conclusão

A introdução da linguagem como terceiro elemento separando natureza e cultura revela uma nova aplicação aos dados etológicos. De que forma? Normalmente a Etologia busca observar sistematicamente comportamentos que contenham um valor adaptativo para a espécie. Deste modo quando se realiza um etograma parte-se de uma estrutura funcional suposta: alimentação, reprodução e linguagem (aí sim no sentido instrumental). Os resultados, assim

chamados, são na verdade descrições. Descrições estatisticamente viáveis, que reproduzem segundo o esperado o comportamento da espécie. Supõe-se assim que os fatos (comportamentos) estejam claramente distinguidos dos valores (a interpretação a ser dada a eles). Isto nos parece fundamental pois permite ao etólogo distinguir a parte hermenêutica da sistemática. Desta forma a Etologia não seria uma ciência propriamente humana e muito menos biológica e sim um campo descritivo empírico. No mesmo sentido em que pensaríamos empírico o trabalho de campo do etnólogo ou sociólogo.

IV- Agressão e Brincadeira Turbulenta*

I- Agressão:

1- Etimologia:

Oriunda do baixo latim AGREDIOR, tinha originalmente o sentido de marchar em direção a. A palavra agressividade é mais recente. Segundo Caneghen D.V. (1978), ela foi introduzida pela linguagem jornalística no século XVII em substituição à palavra maldade. Assim, constitui-se no lugar de uma noção um tanto quanto vaga, explicando de certa forma o vazio explicativo com que hoje nos deparamos ante a palavra agressividade.

As palavras agressão e agressor datam do século XIV onde possuíam um conteúdo ético-jurídico preciso, designam o ato que atinge a integridade de outra pessoa e o sujeito responsável pelo prejuízo ou deterioração das relações que antecedem o combate. Estão implicados, portanto, os elementos da relação agressiva onde cada um procura antes defender, depois dominar.

A agressividade como causa do incidente agressivo é anacrônica em relação a sua existência de fato. Isto justifica a conotação que recebe a agressividade como um fenômeno permanente de disposição para o ataque, aliando-se a uma naturalidade que pode ser observada e julgada moralmente.

Esta articulação entre agressão e natureza já a encontramos em J.J. Rousseau e G. Hegel. A agressão é pois aquilo que se recusa a submeter-se ao arbitrário. As passagens

linguísticas acompanham as formas de entendimento da agressão.

Segundo Canenghem, D.V. (1978):

"Este deslizamento do vocabulário, de um humanismo moral para um naturalismo cientificista, continuou a se acentuar no século XX, colocando fora de circuito toda idéia de responsabilidade, isto é, de causalidade primeira por decisão voluntária e livre." (pp 18)

Não importa onde se localize a gênese da agressividade, ela é sempre um apaziguador, algo de que se sofre. Padecer de agressividade explica a sua interveniência na semiologia psiquiátrica e também na composição do estereótipo da marginalidade.

Várias tentativas de objetivar a agressividade, ou seja, aquilo que está anterior à agressão em si, foram empreendidas com resultados em geral insatisfatórios. Como diz Reuchlein, M. (1972):

"(...) nos testes de personalidade a rubrica "agressividade" não descreve qualquer traço bem definido; seu valor para previsão é nulo, pois não permite dizer como se orientará a agressividade, se será socializada ou desviante, realista ou simbólica, etc."

Ao contrário do alargamento semântico compreendido pela palavra agressividade, a palavra agressão se presta a uma definição mais precisa. Agressão diz respeito a um rompimento, a um corte em relação à Lei. Esperamos demonstrar como a brincadeira turbulenta constitui um exercício de ritualização desse arbitrário e de que forma podemos compreendê-lo entre os

animais.

O termo *agonística* nos remete ao caráter formal tanto da brincadeira turbulenta como da agressão. O radical *agon* do qual deriva a palavra *agonística* parece datar do século VI a.C. e vem do grego. Segundo Vernant, J.P. (1989):

"Todo domínio do 'pré jurídico' enfim, constitui em si uma espécie de *agon*, um combate codificado e sujeito a regras, em que se defrontam grupos, uma prova de força entre *gana* comparável à que põe em combate os atletas no curso dos jogos." (pp 32)

Está pois, desde a origem etimológica, marcada a idéia de que a agressão não é uma atividade anômica, selvagem ou irracional.

Além do combate, a palavra para a agressão, entre os gregos, expressava uma certa ambiguidade (Pereira, I. 1951); pois remetia tanto a zombar de outrem como censurar e repreender alguém. A palavra grega tem uma conotação ligada a insaciável.

2- A Etologia:

Apontaremos aqui algumas encruzilhadas onde a pesquisa etológica se viu conduzida. Nossa apresentação não será exaustiva e nem completa, se levarmos em conta a infinidade de problemas que o estudo da agressividade implica; procuraremos apenas situar alguns impasses que no nosso entender se ligam à própria condição epistemológica da Etologia como excessivamente ligada ao pensamento darwiniano.

1- Definição:

A Etologia como ciência da descrição não se apóia numa definição "mentalista" da agressão como aquelas que exigem um suposto como a intenção para se figurarem. Admite pois pressupostos empiristas para definir seu objeto, isto é, o comportamento deve ser codificado de acordo com suas condições sensíveis, notadamente a sua visibilidade. Mas uma agressão não pode ser vista *em si*, pois só o abstrato (como o número) pode ser *em si*. O sensível portanto só pode ser organizado num segundo nível posterior a percepção. É neste nível que as imagens adquirem contiguidade capaz de fazer da agressão uma palavra com sentido.

A agressão se diferencia da agressividade pois enquanto a primeira se deduz dos atos, a segunda faz supor algo anterior à própria atividade. A agressividade é uma adjetivação, uma qualidade não imediatamente apreensível da agressão. Ela remete a

uma motivação que funciona como causa da ação. Segundo Lagache (1960) só o conceito de agressividade pode dar unidade de significação ao universo de agressões. A agressividade reúne portanto diversas formas de agressão. A imprecisão que a palavra agressividade traz consigo faz com que atos tão diferentes como o ataque do pássaro carapau ao se o expor à tonalidade vermelha e o ritual de cortejamento do ônix africano sejam associados ao mesmo termo. A palavra agressividade parece ser empregada em sentido abusivo, quando por exemplo se a emprega para descrever o funcionamento das células de defesa alérgicas e imunológicas do indivíduo.

Resultante dessa confusão, surge a necessidade de diferenciar-se a agressividade da combatividade. A combatividade seria o conjunto de combates adaptativos para a espécie. É desse tipo de comportamento que parece se referir Lorenz (1988) quando aponta que os animais lutam basicamente por três motivos:

- a) a disputas territoriais;
- b) disputas de hierarquia;
- c) disputas de acasalamento.

Acentua ainda que entre os animais, esses combates raramente são mortais e que é no seu interior que pode-se observar os rituais de inibição responsáveis pela evitação de um ferimento mais grave ou morte. Para Lorenz, a agressividade é como que um efeito da combatividade.

Para Lorenz (1988) a inflação da agressividade no homem

se deve a ineficácia dos apaziguadores (movimentos emblemáticos que detêm a agressão em vias de se consumir), pela invenção das armas que distanciam os oponentes, por exemplo.

No entender de Canegham (1978), a palavra combatividade serviria para designar a agressividade humana se o etólogo Gustard não tivesse observado que a combatividade implica em algo estereotipado e automático que pode ser ainda dividido em adversidade (combatividade ofensiva) e abversidade (combatividade defensiva). O problema em definir a agressividade humana nesses temas surge da interveniência simbólica na agressividade humana que se diferencia da abversidade envolvida na combatividade animal.

Existe pois uma agressividade no plano do sentido que atribuímos a determinados comportamentos. Sem essa noção de significação, poderia se confundir a agressão com a predação (ataque à outra espécie mediada pela cadeia alimentar), ou com a violência, ou ainda produzir-se antropomorfizações como a idéia de agressão celular.

A agressividade ou pulsão agressiva era colocada por Lorenz (1963) ao lado da fome, do medo e da pulsão sexual como um dos quatro grandes instintos. Discordava, portanto, de Tinbergen que não pensava tratar-se de um instinto em si mas a derivação de outro (fome ou sexualidade por exemplo).

Discorrendo sobre a importância adaptativa da agressão, Lorenz aponta para seu aspecto ritualizado entre os animais. A idéia da agressão como ligada a uma contingência inata foi reforçada pelos trabalhos de Eibl-Eibesfeld (1961).

Essa idéia levantava algumas questões que não passaram despercebidas para Lorenz, e nem para os críticos da Etologia. Entre elas, destacamos duas:

- a) se a agressividade é inata, não pode ser eliminada.
- b) se não pode ser eliminada, o que fazer com os inconvenientes que ela parece trazer para a espécie humana?
- c) se ela é inata e regulada por uma sequência ritual, por que a espécie humana parece escapar a esse ritual, sendo qualitativa e quantitativamente diferente nesse aspecto das outras espécies?

Quanto às possibilidades de controlar a agressividade humana, Lorenz permaneceu cético, apontando-nos um moralismo vago e paliativo.

A grande indicação, porém, nos dá Lorenz acerca das contingências da agressividade humana. Ele nos diz que as diferenças encontradas na qualidade da agressão humana se devem a um aspecto particular do ser humano: ele é algo que fala. É sem dúvida um ponto que ele precisa pouco mas cuja sugestão parece não ter sido percebida por seus continuadores. Os rituais de combate entre os animais são mediados por signos, daí podermos falar numa linguagem de sinais e imagens, de ferormônios, de um

código de mapeamento das abelhas ou das formigas. Ocorre que esta linguagem é de tipo cibernético, binário. Os ajustes e reviravoltas signícas se dão pela concorrência entre espécies e não entre indivíduos. Se pudéssemos tomar a concorrência pela fêmea num grupo de símios, teríamos como analogia com a linguagem humana uma espera de gerações para que uma mensagem pudesse ser recebida pelos genes e assim responder à pressão seletiva. A agressividade de que fala Lorenz em termos filogenéticos não é boa nem má, ela faz parte da definição de ser vivo. Mas ela pode constituir um problema ético no caso do homem, justamente porque além dessa dimensão de linguagem, o homem possui uma dimensão da fala através da qual podem surgir conceitos como a verdade e o erro. A fala, ao contrário da linguagem dos animais, permite algo que não se cogita para as outras espécies: o engano.

Como diz Lorenz:

" Todos os grandes perigos que ameaçam a humanidade com a extinção são consequências diretas do pensamento conceitual e da linguagem verbal (...)"

No lugar dos rituais signícos, o homem parece ter produzido algo chamado SÍMBOLO. A etimologia da palavra nos remete a SUN-BALLEIN - arremessar junto, bater-se com; que para sociólogos como Tervuer e Geiard faz supor como primeiro gesto simbólico lançar as armas junto, depô-las ao mesmo tempo; o que no entender de Canegham (1978) implica que:

- a) eles tenham se batido antes;
- b) eles tenham apreendido o potencial letal em jogo no

combate.

O sun-hallein transforma o ataque em apego (duas palavras de mesma origem), ritualizando duas agressividades e criando algo sem precedentes no mundo animal, relação de dominação simbólica.

Os estudos etológicos com infantes (crianças que ainda não falam) tocam justamente esse momento da passagem da imagem ao símbolo. Os fenômenos isolados nessas pesquisas apontam para uma iconologia básica sobre a qual o agressivo ainda é imagético.

Assinalemos melhor ao que nos referimos:

a) observou-se na criança, como no animal, que formas pontudas ou movimentos bruscos causam reação de defesa. Bolwby vê nisso uma repetição de padrões de fuga ao agressor.

b) observou-se que a agressividade é contemporânea da sexualidade (que implica em diferença de signos e imagens). Lorenz assinala este ponto apontando a amizade como um fenômeno posterior.

c) há uma captação do sujeito na imagem do outro, como demonstra os trabalhos de Spitz com as caricaturas da face humana; e as do casal Papouseck acerca da sincronicidade do olhar entre mãe-criança.

No caso do comportamento animal permanece-se neste nível, se pensarmos nas relações da presa com o predador. Há um jogo de comunicação pelas imagens, uma linguagem toda que se

articula filogeneticamente, se o estímulo é a cor a presa escolhe o mimetismo, se é o movimento, a sideração e assim por diante.

Assim esses elementos icônicos (que se estenderiam a estímulos de odor, som, voz, forma) constituem o centro do movimento pré-simbólico e também os elementos que servirão de subsídio e objeto para a agressão propriamente dita. /A Etologia vem se dedicando a formalização desses elementos cujos exemplos podem ser apresentados sumariamente para a agressão:

a) gamos de Creta

O combate só ocorre se os animais se apresentam de frente, quando um deles tomba ou vira de lado o adversário escova o chão com os cascos numa substituição (Dempsey, Horst, Siewer e Lorenz)

b) lúcios, enguias, cegonhas, etc.

A fêmea devora os filhotes em caso de superpopulação, o mesmo ocorre com ratazanas quando se lhes impede de lambar as partes genitais antes e após o parto (Blin e Forrean in Brion)

c) Carapau, Pintoroxo

atacam estímulos visuais precisos que podem ser substituída em experimentos.

d) gorila

ataca tudo que olha de frente ou ameaça o filhote com o olhar

e) peixes-torpedos, arraías e enguias que atacam ao estímulo elétrico por volta de 600 V (Chauris, 1965) Os exemplos poderiam se suceder dada a grande quantidade já acumulada de

pesquisas nessa linha. O que se pode depreender é que o estímulo desencadeador sempre se relaciona com o lugar do animal na escala filogenética e alimentar, com seu ecograma enfim. Se trata de um ajuste à linguagem de cada espécie. As "armas biológicas" fornecem a pré condição sensível para a forma do ritual.

Seria irrisório supor que estes esquemas estivessem ausentes no caso do ser humano. A passagem desse modo icônico para o simbólico pode medir suas incidências na relação entre brincadeira turbulenta e agressão.

[É importante notar que tratar o plano do comportamento a nível da imagem e de sua articulação com o símbolo põe problemas para a noção de psicogênese, entendida como um processo de formação e desenvolvimento da mente. A dicotomia mente-corpo demonstra-se assim dissolvida pela introdução da linguagem como terceiro termo, como já discutimos anteriormente. Seguindo um raciocínio análogo Lacan (1954) chega a seguinte conclusão:

"Uma outra maneira de exprimir as coisas, e que vai muito mais longe, é dizer que o psicológico se tentamos examiná-lo bem de perto, é o etológico, o conjunto dos comportamentos do indivíduo, biologicamente falando, nas suas relações com o meio natural. Eis aí uma definição legítima de psicologia." (pág. 16)

3- Psicanálise:

Essa descoberta fundamental da Etologia que é a existência de padrões de captação do ser humano (e não só dele) pela imagem e som de sua própria espécie não passam despercebida para alguns psicanalistas. Desde o surgimento da Etologia moderna as aproximações com a Psicanálise foram logo sugeridas. Vejam-se os trabalhos de Spitz na década de 50 e de Bolwby na de 60. De fato, algumas aproximações podem ser feitas entre as contribuições etológicas e o pensamento freudiano. Até agora, apenas alguns esboços foram formulados, campos genericamente comuns como o desenvolvimento infantil, o aparente instintivismo freudiano (fruto de uma má compreensão do termo Trieb - pulsão e não instinto), a importância da interação adulto-criança, etc.

No tocante ao tema da agressão, a perspectiva de Freud é consoante com a de Lorenz, diz ele (em *Mais Além do Princípio do Prazer*, 1922): "Parto do princípio de que a tendência à agressão é uma disposição inata, independente e instintiva da natureza humana."

Também em *Mal Estar na Civilização* (1925) alude ao fato de que a agressividade não pode ser debelada dado o estado de cultura do homem. Na verdade, Freud hesita em reconhecer uma pulsão agressiva (introduzida por Adler em 1908) e só o faz quando se vê com a questão clínica onde, na transferência, a agressividade parece se manifestar pela via da resistência à análise, especialmente na neurose obsessiva.

A relação entre agressão e sexualidade, que já vimos assinalada por Lorenz é também encontrada em Freud .

Ora, tomada como uma pulsão, a agressividade deve ser assimilada à noção de que toda pulsão é um resto de atividade (segundo Lagache, 1960). O que vem a ser este resto de atividade?

A resposta parece se relacionar com a encruzilhada estrutural da subjetividade humana: o Complexo de Édipo, onde se estabilizam a hostilidade e o amor produzindo o que chamaríamos de matriz simbólica. O engendramento dessa matriz organiza o mundo de imagens onde se dá a formação do eu, o mundo das protofantasias na acepção de M. Klein (1973), ou o imaginário na acepção de Lacan.

É justamente Lacan quem irá desenvolver esse dado fundamental da Etologia e formular a partir daí uma nova concepção da experiência pré-ediípica no que chamou estágio do espelho.

O estágio do espelho compreende um período que vai dos 6 aos 18 meses de idade onde a criança se identifica com a imagem de seu semelhante produzindo assim uma imagem de seu próprio corpo. Até então, a imagem que a criança teria de seu próprio corpo seria a imagem de um corpo despedaçado (como se observa na produção gráfica de psicóticos). Esse corpo desconjuntado se associa a uma certa insuficiência orgânica. Até aí, Lacan se vale

da antiga teoria da fetalização de Baldwin, precursora da idéia de neotenia. Como diz:

" A noção objetiva do inacabamento anatômico do sistema piramidal como de certas remanências humorais do organismo materno, confirma este ponto de vista que formulamos como o dado de uma verdadeira prematuração específica do nascimento no homem" (pp 89, "O Estádio do Espelho" 1949)

Neste período, a libido infantil é basicamente narcisista, implicando uma verdadeira alienação do eu no outro. Alienação pois a imagem de si mesmo vem do olhar do outro (veja-se a importância do olhar materno e do "motheress"). É dessa alienação que advém a agressividade, pois a ruptura desse olhar implica a ruptura de si mesmo. Note-se que não se trata aí de um sujeito, efeito da linguagem, mas de um eu, efeito da imagem. Daí o fato do eu (ego) ser considerado algo da ordem da ilusão pois ele só coincide consigo mesmo a partir de um espelho que faz do semelhante.

Lembremos aqui a idéia de Freud (1923) de que o ego é antes de tudo um ego corporal. Isto não significa entretanto que ele exista desde logo mas que ele exige para se constituir uma "nova ação psíquica" (Introdução ao Narcisismo), essa ação psíquica corresponde à sua fascinação inata pela "boa forma" (o seio, a face da mãe, sua voz, etc).

"Uma outra imagem é a da serpente e do pássaro fascinado pelo olhar. A fascinação é absolutamente essencial para o fenômeno de constituição do eu" (pp 70, Seminário II)

Note-se que nessa acepção, a agressividade é constitutiva, porém o que a redimensiona é a possibilidade de ordená-la mais ou menos eficazmente pela via do símbolo. Isso permite uma releitura do material levantado por críticos da Etologia que sai à cata de contraprovas como as levantadas por Montagu (1978) acerca da existência de sociedades fundamentalmente não agressivas como os Tasaday de Mindanao, os Ifaluk do Pacífico, os pigmeus da floresta Ituri e os próprios !Kung examinados por Konner (1981).

A resposta está aí no próprio argumento, os que as diferencia não é a constituição diferente da amígdala central ou do sistema colinérgico mas a incidência particular disso que Lacan chamou de ordem simbólica.

Na Antropologia Ficcional que Freud apresenta em *Totem e Tabu* (1914) a agressão ao pai da horda primitiva (agressão primária) segue-se a constituição do totem e à refeição entre os filhos que passam a comê-lo (antropofagia?) nas cerimônias não mais tendo em vista sua imagem ou seu corpo mas o símbolo que a partir desse evento se inaugura.

Podemos falar de uma motivação agressiva apenas no momento em que há algo além do eu preso a essa imagem do outro, passagem que se dá a partir do Édipo (sentimentos hostis X sentimentos eróticos). Daí a diferença fundamental da agressão no homem e nos animais. A possibilidade de trocar a coisa (corpo do pai) por um seu representante (refeição totêmica) inaugura uma

mudança no tipo de linguagem. Por isso, ao falarmos numa motivação agressiva ao invés de uma regulação do comportamento destrutivo por seus efeitos, procedemos uma projeção antropomórficas. Quando denominamos agressão o comportamento violento dos babuínos contra as fêmeas (cuja função é elevar a excitação para induzir a cópula) ou de homicida o acasalamento do louva-deus que devora a cabeça do macho para assimilar vitaminas que contribuem à cópula, fazemos uma passagem pelo como se, pela metáfora. Utilizamos a agressão tal como incide no homem para referenciar a agressão entre os animais.

4- Nossa Posição:

Para levarmos adiante nosso estudo acerca da agressão em crianças psicóticas, adotaremos algumas considerações metodológicas:

1- que a agressão se vincula ao campo imaginário onde se inscrevem certas formas específicas para cada espécie.

2- que como em toda espécie essas formas seguem uma gramática que vêm da exposição à contemplação.

3- que é possível separar os aspectos significantes (materiais e descritivos) dos de significado (efeito ou significação) na formalização dessa gramática do comportamento agressivo

4- que estes significantes comportamentais são significantes na medida em que mantêm uma relação de oposição com outros significantes

5- que no caso da psicose, essa função da imagem se encontra comprometida pela ausência de um organizador simbólico

6- que podemos deduzir esse funcionamento particular no caso da psicose a partir da ausência dos padrões de oposição significantes ou pelo seu deslocamento.

7- que uma oposição se dá entre dois níveis de

realidade, simbólicamente separados, entre agressão e brincadeira turbulenta

8- o que implica que nossa definição de agressão se dá pela relação desta com a agressão mimetizada ou seja, a brincadeira turbulenta.

II- Brincadeira Turbulenta:

1) Etimologia:

LUDOS, do latim refere-se em sentido próprio a:

- jogo, divertimento, passatempo
- jogos de caráter religioso ou oficial
- representações teatrais
- por extensão aula, escola " ludum ajutire"

Uma observação importante se refere ao fato de LUDOS designar principalmente "jogo físico" em oposição a IOCUS, gracejo.

De certa forma a definição de Huizinga (1984) ao chamar o homem de "homo ludens" é pertinente pois a capacidade de contratualizar regras sob forma de jogo, fornecendo uma lei caracteriza o ser humano.

O lúdico pois, desde o seu princípio não se refere a algo desordenado, sem sentido ou aleatório que a conotação da palavra brincadeira pode sugerir. Já Freud (1905) acentuava a importância dos chistes ou se assim pudéssemos dizer "brincadeiras verbais" atribuindo-lhes o estatuto de formação do inconsciente. Neste estudo, Freud introduz a idéia de que há um sentido naquilo que aparentemente constituía um campo irracional.

2- O Brincar na Constituição do Signo:

O estudo da brincadeira nos seus diversos âmbitos, vem se constituindo um dos temas fundamentais da Etologia humana. Os textos clássicos como os de Smith (1989) e Blurton Jones (1981) destacam a importância e a quantidade de pesquisas encontradas nesta área.

De fato, o estudo da criança é uma tônica em se tratando do comportamento do homem e o brincar se insere aí como a atividade *princeps* dessa fase. Por trás disso jaz, muito provavelmente a idéia de que a criança se presta muito mais do que o adulto para a observação do filogenético. A própria definição de um comportamento como tal inclui a precocidade.

O que se nota entretanto é uma dificuldade em circunscrever, conceituar a brincadeira. Há um alargamento que leva a uma assimilação quase total da atividade infantil ao brincar. Em termos de motivação, a vida infantil parece se pontuar pela brincadeira e pela exploração ambas incluídas no que Hinde (1974) chamou de orientação social do ser humano. Segundo Morin (1986), essa motivação se insere no contexto da neotenia e estaria preservada na vida adulta.

De fato, muitas espécies, notadamente mamíferos, brincam acentuadamente no início de suas vidas. O brincar parece decair na medida da maturação sexual (Vieira, 1991); esta última apresentando-se como um corte no processo lúdico. Não estaria aí a substituição de uma brincadeira por outra? No caso do homem, não

seria esta a principal brincadeira, turbulenta até, do adulto?

Levando adiante essa hipótese, teríamos de cotejar os rituais de acasalamento anteriormente analisados do ponto de vista da agressão. Como vimos, não se trata de uma agressão mas primordialmente de um jogo o que causa problemas para definir o que pode constituir a agressão entre os animais. Pois bem, por que não pensar o ritual de acasalamento numa ordem da brincadeira turbulenta? A resposta que nos aparece de imediato é que a brincadeira é um evento muito mais plástico, em termos de padrões motores inclusive, do que o ritual.

A Brincadeira turbulenta se constitui a partir da premissa de que ela não é uma agressão mas por outro lado só pode existir em referência a esta e vice-versa. Na própria definição apresentada por Blurton-Jones (1967) o problema já está colocado. Mas como operar com isso numa pesquisa etológica sem produzir na definição mesma os resultados que de outra forma queremos revelar?

Situamos até agora a agressão no universo do que chamamos imaginário. Vamos agora opor a agressão pela via da imagem a brincadeira turbulenta como o intermediário entre a agressão e a palavra plena. Brincar com o corpo põe em jogo a possibilidade de torná-lo como um brinquedo, tomá-lo afinal pelo que ele não é e experimentar possibilidades do que ele possa vir a ser. Ao observarmos a produção gráfica das crianças psicóticas, notamos a expressão de um corpo fragmentado, algo que representamos a seguir da seguinte forma:

Corpo que é reunido pelo olhar, notadamente pelo olhar materno, o que vai de encontro a constatação de que o homem, ao contrário da grande maioria dos animais, é um ser visual. Trevarthen (1984) registrou mesmo uma sincronicidade entre mãe-criança em torno dessa relação especular. A própria descrição de Bowlby (1984) da mãe-base com a qual a criança mantém um contato visual durante suas incursões exploratórias nos dá a importância do visual para o apego. Pois bem, reencontramos aqui a questão da necessidade da presença como determinante da existência do objeto. Fato apontado por Piaget (1978) igualmente. O olhar materno parece, ainda em concordância com Bowlby, ser substituído por algo que o represente em ausência, como o objeto transicional de Winnicott (1983) ou o objeto internalizado de Klein (1969).

Assim, o brincar poderia ser entendido de acordo com a concepção de Csikszentmihaly (1979) como um exercício de ser em repetições autogratiificadoras ou ainda de Bates (1979) que o pensa como uma expressão de linguagem capaz de dar conta do paradoxo entre desejo e realidade.

Sutton Smith e Kellybyrne (1989) levantam a nosso entender pontos cruciais, que procuraremos levar em conta em nosso estudo; para eles o brincar não é algo intrinsecamente motivado nem igualitário, flexível e ligado a afetos positivos necessariamente; nela os aspectos agressivos e eróticos são sistematicamente negados. Segundo Sutton Smith o engajamento no brincar se relaciona ao manejo do risco, e, a possibilidade

efetiva da ocorrência de danos reais representa sua essência. Quanto a maneira de explicá-la o autor supõe que o brincar é uma atividade multidirecional não podendo ser entendida num contexto social, cognitivo ou adaptativo mas em todos eles.

Mas esta plasticidade é encontrada sobretudo no ser humano, o que aparece na facilidade de observar a brincadeira no etograma animal e sua dificuldade no caso do Homo sapiens. Por outro lado, a brincadeira supõe desde o início a subversão do mundo contratualizado e a construção de uma alternativa metafórica. Nisso ela implica sempre um como se. Daí aproximarmos a brincadeira ao conceito de signo, isto é, conforme a definição inaugural de S. Agostinho :

"Um signo é uma coisa que, além da espécie ingerida pelos sentidos faz, por ela mesma, vir ao pensamento alguma outra coisa." in Ducrot (1972) pág. 101

Desde aí, já se apresenta o aspecto duplo do signo. Mais recentemente (Ducrot, 1972) a definição de signo diz respeito a algo que:

- 1) pode se tornar sensível pela parte significante (Saussure 1916)
- 2) para um grupo de usuários assinala uma falta nela mesma, pela parte ausente no significado.

A relação entre ambas as partes do signo denomina-se significação. Mas esta não é a única forma de embricamento entre

as partes do signo. Será necessário retornar aos estóicos para discriminar melhor o que chamaremos de símbolo. Para os estóicos, a parte perceptível do signo poderia se relacionar de três maneiras:

- 1- com "a coisa real" - DENOTAÇÃO
- 2- com a "imagem psíquica" - REPRESENTAÇÃO
- 3- com o "dizível" - SIGNIFICAÇÃO

Dessas três, as duas últimas poderiam se conceder a qualificação de símbolo. Portanto, a simbolização compreende uma relação parcialmente estável entre duas unidades de mesma ordem significante/significante ou significado/significado. Desta forma no signo, segundo Saussure, as relações significante significado são:

- a) arbitrárias
- b) imotivada
- c) necessária (um não existe sem o outro)

Ao passo que no símbolo esta relação é:

- a) motivada (por contiguidade ou semelhança ou no que Pierce (1932) chama de ícone e índice)
- b) não necessária (pois depende da produção ou arranjo de uma certa comunidade falante e até do indivíduo)

Quando afirmamos que a brincadeira turbulenta e a agressão se estruturam como uma linguagem visamos dizer que elas fazem um sistema de signos, pois não podemos isolar um do outro. Isso não significa que se trate de um sistema simbólico

necessariamente, pelo menos nas crianças que pesquisamos, pois a linguagem se compõe de diversos sistemas significativos como :

- a) o código (como nos animais ou na música);
- b) sistema de signos; (como nos comportamentos)
- c) sistema simbólico (como na fala).

Outra forte idéia é a de que a brincadeira se insere num contexto simbólico, tese essa que dá margem aos projetos de uma clínica infantil. Assim, o adulto fala, a criança brinca. Klein (1969), Dolto (1971) Hanoni (1988) e no geral a psicanálise de crianças parece coincidir quanto a essa tese. Mas o que significa essa conotação simbólica? Significa não outra coisa que se joga aí com uma arbitrariedade. Assim cada criança particulariza essa arbitrariedade segundo sua criação, joga por assim dizer com os elementos que tem a mão, ossos na Zâmbia ou Batman na Inglaterra são apenas suportes dessa estrutura básica que coloca de um lado uma referência e de outro uma duplicação imaginária. Uma duplicação que trabalha com duas vertentes dialéticas, o ser ou não ser e o ter ou não ter. A arbitrariedade do brincar diz respeito a uma regra que ordena o funcionamento dessas cadeias dialéticas, assim o mundo intencional infantil evolui a partir da inclusão do elemento que inaugura essas negações e que no fundo constitui uma dialética da ausência e da presença. Chegamos aí novamente ao símbolo, isto é, aquilo que põe uma presença na ausência. A criança brinca de ser um herói só porque ela não é este herói, como a menina brinca de casinha porque ela não tem uma casa. A plasticidade se dá em torno da fenomenologia e não da estrutura. A estrutura do ritual de combate compreende uma ordem

de exposições a padrões de "boa" ou "mã" forma. Na ausência da presença não há ritual, na presença da ausência não há símbolo. Assim como na presença da presença há ritual e na ausência da ausência não há símbolo, é a psicose. Tal é o entendimento último de autores como Klein (1969), Dolto (1971) e Winnicott (1983). Na psicose infantil a criança não brinca com brinquedos, ela é um brinquedo. O raciocínio trabalha a psicose como uma falta de falta, daí a impossibilidade do como se. O psicótico toma as palavras como coisas, desde a chamada equação simbólica de Klein (1969) (que não implica uma simbolização de fato) até a concretude psicótica apontada pelos manuais de psiquiatria.

Nessa linha, vemos como muito útil a separação das psicoses tal como Cabas (1988) em psicoses de ausência, onde falta um sentido primordial e organizador do mundo e portanto o simbólico não opera pois tudo é vazio (como na esquizofrenia, autismo e catatonia) e psicoses de presença onde existe apenas um sentido que aprisiona o sujeito numa situação impossível, uma situação de morte (como na paranóia e nas psicoses maniaco-depressivas). Nas psicoses de ausência suporíamos um predomínio da agressão enquanto nas psicoses de presença haveria um predomínio da brincadeira turbulenta. Na primeira encontramos o nível do código e da denotação e a segunda o nível do signo e da representação.

Podemos agora esboçar um quadro que introduz a brincadeira turbulenta e a agressão:

FUNCIONAMENTO DA DIALECTICA

Ritual de combate	---	Presença	---	ser
Brincadeira animal	---	Presença	---	Ter
Psicoses de Presença	----	Presença na Presença	---	Ser ou não ter
Psicoses de Ausência	----	Ausência na Ausência	---	Não ser ou Não ter
Brincadeira Turbulenta	--	Presença na Ausência	---	Ter ou não ter
Agresão	---	Ausência na Presença	---	Ser ou não ser

Voltemos agora às relações do par brincadeira turbulenta - agressão e a sexualidade. O que se introduz quando se fala na sexualidade é uma pura diferença, é pela etimologia uma secção, uma separação no interior da qual funcionam os juízos existenciais e atributivos tão claramente observados no lúdico. Essa separação que afasta o filhote da mãe quando de sua maturação sexual, que implica uma preferência por parceiros de mesmo sexo e que está na raiz da chamada seleção sexual. Entendemos que é nessa via que podemos articular o predomínio da brincadeira turbulenta entre meninos.

Explicar as funções e o valor da brincadeira turbulenta no contexto filogenético, como fazem por exemplo Smith e Lewis (1983), implica em situá-la, na maioria das hipóteses levantadas (treino de habilidades específicas, treino dos padrões de hierarquia por exemplo) a partir de pressões seletivas diversas

para o sexo masculino e para o feminino.

O acesso aos signos ontogenéticos dessas duas posições básicas da cultura se dá, a nosso entender, como se a criança dispusesse de determinadas captações inatas por padrões de imagens, e responderia a essas captações com esquemas inatos chamados por nós de significantes comportamentais. Num determinado momento esses significantes, plenos inicialmente na sua presença, se associariam a significados (que esboçam a capacidade de metaforização). É quando a criança pode fingir que agride, que nasce o brincar turbulentamente (pesquisas indicam a precocidade da agressão em relação a brincadeira turbulenta).

Ao fazer isso podemos falar legitimamente em agressão como o contrário da ficção turbulenta. Temos aí o signo comportamental. Essa associação é bastante instável o que vai de encontro ao sentido da evolução dos comportamentos (da B.T. para a agressão, e não o contrário). Desse signo comportamental ao símbolo entretanto ainda é necessário outra passagem. Passagem esta que esperamos realizar na conclusão deste trabalho.

3- Nossa Posição:

Para levarmos adiante nosso estudo acerca da brincadeira turbulenta consideraremos algumas premissas:

1- que a brincadeira turbulenta se vincula a organização de certos esquemas icônicos inatos.

2- que nas espécies em que ela está presente seu aparecimento é logicamente posterior ao dos padrões agressivos.

3- que a brincadeira turbulenta exerce função análoga ao dos apaziguadores da agressão intraespecífica em outras espécies.

4- que esses apaziguadores são modelados pelo momento da constituição do signo comportamental a partir da oposição significativa.

5- que no caso da psicose essa função do signo encontra-se comprometida pela ausência de um organizador simbólico.

6- que podemos deduzir o seu funcionamento articulado no caso da psicose pela ausência dos padrões de oposição ou pelo seu deslocamento.

7- o que implica em pensar na brincadeira turbulenta como um momento intermediário entre a imagem e o símbolo.

V- Resultados e Discussão:

"Toda existência é fruto do acaso das combinações e de um resultado que seleciona algumas combinações, dotando-as de uma relativa estabilidade, de uma faculdade de durar algum tempo ao sabor de uma aptidão para a repetição, sem a qual nenhuma existência é concebível. Existir, para um fenômeno físico ou biológico, é inscrever-se num processo de repetição, para uma lei jurídica, é poder aplicar-se a um número indeterminado de casos; para uma obra estética, é ser executada, reproduzida, em suma, repetida."

C. Rosset, C. - A Anti Natureza

1- Análise Qualitativa:

Acrescentamos aqui uma pequena descrição de cada um de nossos sujeitos.

1A- Trata-se de um menino considerado como muito "turbulento", capaz de instigar todo o grupo contra si. Insubmisso, passou três semanas suspenso da instituição devido a um enfrentamento com uma professora. Sua história de vida marca-se por um estupro do qual foi vítima no começo da infância. Não obstante, parece um indivíduo inteligente, verbalizando com facilidade além de demonstrar uma habilidade social excepcional. Destaca-se por comportamentos cuja conotação sexual é implícita. Observamos atividades como beijos, declarações amorosas e carícias trocadas com uma menina (7A) que envolvia-se também frequentemente em ataques agressivos contra ele. Diagnosticado

como psicótico, foi considerado pelo corpo clínico uma criança ideal para que procedêssemos nossas observações.

2A- É um menino pouco sociável, não obstante bastante querido dentro da instituição. Fala pouco, além de interagir com dificuldade. Apresenta um maneirismo característico que consiste em distender todos os dedos das mãos e mantê-los assim sob seu olhar fixo. Passa grandes períodos desta forma. Por vezes, bate com os dedos esticados na boca e na cabeça. Notamos que este maneirismo desaparece quando ele faz uso da linguagem. Sua expressão facial é rígida, exprimindo quase permanentemente um sorriso com dupla exposição; sorriso este que não é acompanhado sincronicamente pelo resto da face, produzindo assim, uma certa combinação entre as faces de alegria e medo, como descritas por Eckman (1975). Apresenta também solilóquios constantes (fala consigo mesmo).

3A- Menino muito solitário, permanece em grande parte do tempo na balanço, a maioria das interações que pudemos registrar se deram em torno da ocupação e usufruto deste brinquedo. Seu olhar mantinha-se perdido num ponto qualquer do horizonte, mesmo durante a brincadeira. A situação parecia ser confortável para o grupo de monitores, uma vez que raramente demandava atenção. Pouco pudemos ouvir a seu respeito, além do fato de que possuía uma irmã que também se encontrava naquela instituição. Certa vez, depois de usufruir do balanço durante algum tempo, levantou-se abruptamente partindo de forma violenta para agredir uma professora, atingindo-a surpresivamente. Apesar dos apelos,

restrições e da própria contenção física que esta procurava impor, o sujeito continuou a agredi-la como que insurdecido às investidas da professora.

4A- Criança muito sociável e afetiva, mantinha inclusive laços de companheirismo com indivíduos mais velhos. Extremamente alegre, estava constantemente envolvido em interações lúdicas. Caracterizou-se pela diade que formava com um garoto bem mais novo e bastante ativo, que não está incluído entre os sujeitos desta pesquisa. Relata-se uma hipótese de que seu potencial cognitivo encontra-se rebaixado. Fazia uso da linguagem com frequência.

5A- Menino aparentemente tímido, formava uma diade com outra criança coetânea que não se inclui em nossas observações. Seu papel nesta diade é digno de nota. Apesar de falar muito pouco (quando o fazia, utilizava um tom de voz muito baixo) parecia exercer uma considerável atração sobre outras crianças. Na diade, parecia proceder como um boneco (sem muita expressão facial além do tônus muscular rebaixado) às exigências do parceiro duplo. Certa vez, todo um grupo de crianças reuniu-se à sua volta para manipular sua mão, distendendo-a etc. Apesar da indicação do corpo clínico apontar no sentido da psicose, havia ainda uma questão se afinal não se trataria de um caso de autismo.

6A- Menina bastante solitária, quase não mantinha interações. Destaca-se seu relacionamento com objetos, pois

chegava a passar períodos inteiros acariciando um pequeno pedaço de planta, como se esta contivesse uma misteriosa qualidade, numa atitude de reverência. Movimentava-se constantemente, sempre na periferia da área reservada à recreação. Um menino manifestava interesse em se aproximar dela mas era invariavelmente rechaçado em suas iniciativas. Relata-se um desenvolvimento cognitivo bastante grande.

7A- Menina aparentemente tímida, raramente se movimentava pela área de recreação. Mantinha-se geralmente sentada murmurando ao ouvido de um companheiro. Seguiam-se risos, mas não foi possível intuir o conteúdo da conversação. Foi alvo de uma declaração amorosa, efetuada por 1A, à qual reagiu enrubescendo-se. Pudemos acompanhar um namoro embrionário entre eles. Parecia possuir uma razoável integração no grupo apresentando uma grande diversidade de parceiros tanto nas interações lúdicas como agressivas.

8A- Menina muito alegre, possuía uma relação significativa com uma das professoras. Muito ativa, apresentava uma sequência de comportamentos característicos: pulava no lugar, batia palmas, corria até um determinado ponto e voltava reiniciando o processo. Formava uma díade com outra menina coetânea fora do grupo observacional. Nesta díade, ela (sujeito) ocupava o lugar ativo, e sua companheira o passivo, isto é, as iniciativas pertenciam sempre a ela.

1B- Menino muito querido pelo corpo clínico da instituição, apresentava dificuldade em verbalizar e quando o fazia isto parecia representar uma experiência marcante pois geralmente tratava-se de conteúdos significativos. Muito turbulento, executava um ritual que compreendia jogar todos os brinquedos pela sala no início de cada encontro. Sua oralidade é intensa (come muito e põe constantemente objetos na boca). Parece possuir uma predileção por atirar objetos no chão e quebrar janelas, o que de fato executou com um soco mais de uma vez, causando ferimentos nas mãos. Os raros episódios de autoagressão que pudemos observar ocorreram com esta criança. Certa vez, atirou uma xícara ao chão e perfurou seu pé nos cacos de porcelana até produzir um corte de mais de 10 cm. O mais inusitado, é que uma semana após este incidente, ele repetiu a tentativa, desta vez com uma garrafa, sendo contido instantes antes de mutilar-se. Chama a atenção, a rapidez com que procede, apesar da extrema atenção que o corpo clínico dispensa, suas tentativas constantemente são levadas a cabo.

Esses episódios nos fizeram perguntar se se trataria de uma questão relativa ao medo, isto é, se de fato esta emoção incidiria generalizadamente ou estaria ausente. Em função disto procuramos observar a reação destas crianças ao fogo, que demonstrou-se constituir uma certa expressão de medo aliada à curiosidade.

2B- Menino aparentemente bastante inteligente, aprecia muito atividades gráficas. Desenvolve especial ligação com uma

das terapêutas. É bastante inventivo sendo capaz de criar inúmeras situações lúdicas. Faz uso da linguagem com desenvoltura. Caracteriza-se pelo engajamento em engalfinhamentos, não apenas de tipo turbulento, mas também demonstra prazer em entrar em contato corporal, especialmente com coetâneos.

3B- Menina que forma uma diade muito estável com uma das professoras. Suas verbalizações são bastante pobres. Demonstra interesse pela atividade gráfica. Muito oralizada, está constantemente com objetos na boca. Demonstra especial interesse na manipulação de fendas corporais, como narinas, boca e ouvidos. Uma circunstância que cumpre notar é um comportamento que leva a cabo subitamente, trata-se de uma tentativa de introduzir nos olhos, especialmente dos terapeutas, objetos pontiagudos ou dedos. Chama a atenção a rapidez, quase automática com que ela procede este ato. Interessantemente, não parece haver uma conotação agressiva na sua expressão facial, ao contrário, sua expressão demonstra curiosidade como se quisesse explorar o que há por trás dessas duas pequenas esferas brilhantes. Por vezes, chega a atingir regiões como o nariz ou a testa perigosamente.

2- Resultados Cuantitativos:

O gráfico 1 mostra a distribuição das interações do tipo brincadeira turbulenta e agressão nos dois grupos de sujeitos-focais (meninos e meninas). Deve-se levar em conta que aí estão apresentados os resultados brutos, havendo diferenças no tamanho de cada grupo (7 meninos e 4 meninas). Assim, para o cálculo estatístico, foi utilizada a média de interações por sujeito, em cada um dos grupos.

Os resultados demonstram uma tendência dos meninos a se engajarem mais em interações, quer brincadeira turbulenta, quer agressão, do que as meninas ($X = 3,22$, $gl = 1$, $p < 0,1$).

Analisando-se cada tipo de interação, percebe-se que, na brincadeira turbulenta, não há uma diferença significativa quanto ao sexo, isto é, meninos e meninas brincam igualmente (na média), de forma turbulenta. ($X = 0,01$, $gl = 1$, $p > 0,05$). Já com relação à agressão, os meninos se destacam, envolvendo-se em episódios agressivos significativamente mais do que as meninas ($X = 8,24$, $gl = 1$, $p < 0,05$).

Analisando-se apenas as interações dos meninos, não pudemos constatar uma diferença significativa entre interações agressivas e lúdicas, isto é, os meninos brincam turbulentamente tanto quanto se envolvem em interações agressivas ($X = 0,06$, $gl = 1$, $p > 0,05$). Realizando-se a mesma análise para as meninas, nota-se que estas envolvem-se significativamente mais em interações lúdicas do que agressivas ($X = 29,88$, $gl = 1$, $p < 0,05$).

BRINC. TURBULENTA X AGRESSAO

GRAFICO 1

Segundo Ember, C. (1981), os homens de fato parecem possuir um envolvimento corporal maior do que as mulheres, que por sua vez se caracterizam por mais movimentos faciais e expressivos. O dado parece confirmar-se na bibliografia (Korner, 1972; Freedman, 1972). Essa corporalização masculina poderia relacionar-se a seleção sexual. Pensando no modo de vida da coleta e caça, surge a hipótese de que as mulheres, especializadas na coleta e socialização das crianças possuíam um papel mais diretamente ligado à comunicação expressiva: enquanto que os homens, durante a atividade de caça, foram exigidos mais radicalmente na acuracidade corporal.

Com relação ao fato de encontrarmos uma maior frequência de episódios agressivos entre os meninos nos coloca diante de uma questão espinhosa, a associação entre agressão e masculinidade. Um estudo dirigido pela antropóloga Margaret Mead (1950) analisou quatro culturas, observando como a agressão é diferencialmente valorizada. Encontrou culturas onde a agressividade e a violência são atributos essencialmente femininos, chegando ao ponto de que uma mulher que não apresentasse uma disposição mais agressiva era considerada inadequada. É interessante que este perfil de feminilidade era constituído a partir da disposição dócil dos homens e não o contrário. Como diz:

" Vale a pena mencionar aqui a forma pela qual a situação do menino difere da menina em quase todas as culturas conhecidas. Quaisquer que sejam as disposições a respeito, a descendência ou posse de propriedades, e mesmo que esses arranjos exteriores formais se

reflitam nas relações temperamentais entre os dois sexos, os valores de prestígio sempre se ligam às ocupações masculinas, se não inteiramente às custas das ocupações femininas, pelo menos em larga proporção." (pág. 287)

Apesar de uma forte oposição, notadamente dos culturalistas, há toda uma vertente de pesquisas que apontam para a agressão física como um evento essencialmente masculino. Maccoby & Jacklin (1974), Rohner, R., (1976) confirmam a hipótese em estudos com adultos de várias culturas. Usando dados de cento e uma culturas, este último encontrou que em 71% delas os meninos agredem mais que as meninas. Van Caneghem, D. (1980) corrobora essas pesquisas interculturais apresentando várias hipóteses explicativas, que vão desde o cromossomo Y (hipótese criticada por Gould, S., 1987) até a apreensão psicanalítica do problema, passando pela hipótese androgênica (Phoenix, 1974; Hutt, 1972 e Moyer, 1974).

Essa diferença aparece, segundo Whiting & Whiting (1975) a partir do quarto ano de vida. É sugestivo que Freud (1905) tenha situado próximo desta idade um momento chave da constituição da identidade sexual, o complexo de Édipo.

O mesmo predomínio masculino quanto à agressão é encontrado entre os animais. Bowlby, J. (1973) descreve o movimento agressivo entre primatas, inclusive os que vivem no solo, da seguinte forma: os machos mais velhos atacam e fêmeas e jovens fogem.

Quanto à brincadeira turbulenta, o fato de não haver diferença sexual significativa vai de encontro ao estudo clássico de Blurton Jones, N. (1972) a respeito, no qual igualmente não viu diferença associada ao sexo na brincadeira turbulenta. No entanto, as pesquisas ainda se encontram longe de serem conclusivas. Smith, P. (1984) aponta um predomínio da brincadeira turbulenta entre os meninos e faz comparecer fortes argumentos interculturais. De treze culturas analisadas, só uma (no Quênia) apresenta as meninas como mais turbulentas.

Entre primatas, a diferença a favor dos machos como mais turbulentos também é significativa. Em macacos-aranha, (Bizari, L. - no prelo) existe uma clara preferência pela brincadeira turbulenta entre os filhotes machos enquanto que as fêmeas parecem substituir isso pela brincadeira de mamãe. O dado é confirmado por Carvalho, A.M. (1986) para primatas em geral. Aliás, a brincadeira com contato físico, predominantemente em machos, foi observada por Young, Goy e Phoenix (1964) para macacos Rhesus; Phoenix, Goy e Resko (1968) para *Macaca nemestrina* e por Harlow & Harlow (1965) para chimpanzés.

Harlow (1978) apresenta ainda uma diferença que situa a maior frequência da brincadeira turbulenta nos primatas e nos homens, em geral.

BRINC. TURBULENTA X AGRESSAO

GRAFICO 2

No gráfico 2 apresenta-se a frequência de brincadeira turbulenta e de agressão por sujeito-focal. Os sujeitos estão numerados de acordo com a instituição na qual foram observados, desta forma, "3A" significa um menino número três da instituição A. No caso desta instituição, nos números de 1 a 5 encontramos os meninos e de 6 a 8, as meninas. Na instituição B, 1 e 2 são meninos e 3 é uma menina.

Há, como se nota pela apreensão geral do gráfico, grandes diferenças individuais. Não obstante, recorrendo ao Coeficiente de Correlação de Spearman onde não encontramos uma correlação entre a frequência de brincadeira turbulenta e agressão por sujeito ($R_s = 0,096$, $p > 0,05$), isto é, as crianças que se envolvem em brincadeiras turbulentas não necessariamente se envolvem em incidentes agressivos. Igualmente não significa que há uma relação inversa entre a ocorrência dos comportamentos.

Esta relação também não foi encontrada subdividindo-se a análise para meninos e meninas ($R_s = 0,08$ $p > 0,05$ para os meninos e $R_s = -0,179$, $p > 0,05$ para as meninas).

Para melhor visualização do que demonstrou o gráfico 2, remetemos ao anexo 1 onde se encontra representada graficamente a curva de Spearman.

Blurton Jones (1972), em estudo acima comentado, encontrou correlação negativa entre o número de categorias de brincadeira turbulenta e agressão, para as crianças mais velhas. Afirma ainda que:

" Isto significa que, se a brincadeira turbulenta representa uma forma diferente de expressar a 'agressividade', os indivíduos tendem a especializar-se na sua forma de agressão, e níveis altos de uma forma de agressão não predizem níveis altos de outra." (pág. 112)

Neste trecho, há uma assimilação da brincadeira turbulenta à agressão, aproximação que deve ser realizada com cuidado, a nosso entender. Sugere ainda, três outros fatores que poderiam explicar essa correlação negativa:

a) crianças que gastam mais tempo em brincadeiras turbulentas têm menos tempo para brincar com objetos, situação por excelência desencadeadora da agressão (McGrew, 1969);

b) crianças mais agressivas parecem ter menos relações amistosas de qualquer tipo, inclusive a turbulenta. No entanto, dados de suas observações sugerem que crianças com baixos escores na categoria de comportamento social também apresentam baixos escores na brincadeira turbulenta e na agressão;

c) a "agressividade" da criança é gasta através da brincadeira turbulenta (teoria mais popular).

Todas as hipóteses acima levantadas, relacionam de alguma forma a brincadeira turbulenta e a agressão, o que não pode ser verificado neste estudo. Pode-se atribuir essa diferença a pelo menos duas causas (hipotéticas):

a) a idade dos sujeitos (bem mais elevada que a dos sujeitos pré-escolares de Blurton Jones);

b) o tipo de distúrbio que afeta os sujeitos de nosso estudo, em comparação com as crianças ditas "normais" de Blurton Jones).

BRINC. TURB. NOS MENINOS

GRAFICO 3

LEGENDA:

BRINCADEIRA TURBULENTA:

- BTP - perseguição
- BTV - contato físico violento
- BTL - luta simulada
- BTLS - luta simulada sem contato físico
- BTC - engalfinhamento amistoso
- PBT - proposta para engajamento em brincadeira turbulenta

AGRESSAO NOS MENINOS

GRAFICO 4

LEGENDA:

AGRESSAO:

- AF - agressao fisica
- AV - agressao verbal
- AN - tentativa de agressao nao consumada
- AA - ameaca e fuga
- AO - agressao com objeto
- AC - ameaca
- AGAC - agressao acidental

BRINC. TURB. NAS MENINAS

GRAFICO 5

LEGENDA:

BRINCADEIRA TURBULENTA:

- BTP - perseguição
- BTV - contato físico violento
- BTL - luta simulada
- BTLS - luta simulada sem contato físico
- BTC - engalfinhamento amistoso
- PBT - proposta para engajamento em brincadeira turbulenta

AGRESSAO NAS MENINAS

GRAFICO 6

LEGENDA:

AGRESSAO:

- AF - agressao fisica
- AV - agressao verbal
- AN - tentativa de agressao nao consumada
- AA - ameaca e fuga
- AO - agressao com objeto
- AC - ameaca
- AGAC - agressao acidental

Nos gráficos 3, 4, 5 e 6 apresenta-se os modos de distribuição da agressão (4 e 6) e brincadeira turbulenta (3 e 5), para meninos e meninas.

Analisaremos os gráficos 3 e 5 primeiramente, por ambos tratarem dos diferentes tipos de brincadeira turbulenta, diferindo apenas quanto ao sexo. Em seguida, será feita uma descrição dos dados referentes à agressão, também com comparações sexuais, nos gráficos 4 e 6.

No gráfico 3, nota-se uma distribuição desigual dos vários tipos de brincadeira turbulenta entre os meninos ($X = 30,22$, $gl = 5$, $p < 0,05$). O sentido desta desigualdade favorece o engalfinhamento amistoso (31,9%) seguido pela luta simulada (16,1%), contato físico violento (21,7%) e a perseguição (14,5%). Os menos frequentes foram a luta simulada sem contato físico e a proposta para engajamento em brincadeira turbulenta (ambos com 2,9%).

O gráfico 5 mostra que também há uma distribuição desigual dos tipos de brincadeira turbulenta entre as meninas ($X = 45,71$, $gl = 5$, $p < 0,05$). O sentido dessa desigualdade apresenta por ordem de predominância o contato físico violento (52,63%), engalfinhamento amistoso (26,31%), a luta simulada (13,15%) e a perseguição (5,26%). Os menos frequentes foram a luta simulada sem contato físico (2,63%) e a proposta para engajamento em brincadeira turbulenta (0,0%).

modos de brincadeira turbulenta entre meninos e meninas, nota-se que nas três categorias menos preferidas há uma coincidência. Quanto às três mais frequentes, há uma diferença qualitativa entre as preferências de meninos e de meninas.

As preferências seletivas das categorias podem ser decorrentes das próprias categorias criadas, uma vez que algumas podem ser, de alguma forma, mais abrangentes que outras. Essa idéia parece explicar o fato das três categorias preferidas pelos meninos serem as mesmas preferidas pelas meninas, com uma variação apenas no posto. Assim, vale analisar os dados comparativamente, e não isolados em cada um de seus grupos.

A diferença mais significativa é o fato das meninas preferirem o contato físico violento, enquanto que os meninos preferem o engalfinhamento amistoso, aparentemente uma forma mais branda de brincadeira turbulenta. Segundo Smith, P (1984), a brincadeira turbulenta inicialmente se manifesta sob forma de luta, por volta dos sete anos (ápice da brincadeira turbulenta), quando a criança passa 13,3 % do seu tempo livre nesta atividade, há uma equiparação da brincadeira de perseguição com a brincadeira de luta simulada. Assim, se levarmos em conta este estudo para a análise dos resultados apresentados por nossos sujeitos, nossas meninas têm o seu perfil juvenilizado.

O gráfico 4 analisa os tipos de agressão preferidos por

meninos, mostrando uma distribuição desigual ($X = 137,61$, $gl=6$, $p < 0,05$). Há preferência pela agressão física (59,72%), seguida pela agressão verbal (22,22%), tentativa de agressão não consumada (15,78%), agressão acidental (7,89%) e agressão com objeto (5,26%). Os dois modos menos presentes, que tiveram a mesma frequência (2,63%) são respectivamente ameaça e ameaça e fuga.

O gráfico 6 mostra que há uma baixa frequência de agressão entre as meninas acarretando numa diferença não significativa na sua distribuição ($X = 8,67$, $gl=6$, $p > 0,05$). As duas únicas categorias presentes foram a agressão física e a ameaça.

De certa forma esses dados recebem uma vaga confirmação em estudos, comentados por Caneghem, D. (1980), que postulam a existência de um suposto fator G para a agressão, fator este que submetido à análise fatorial não se mostrou significativo a não ser no caso da psicose, para o qual são esperadas mais agressões motrizes do que verbais ou estocásticas (premeditadas).

No entanto, segundo Carvalho, A. M. (1986) as categorias mais frequentes de agressão, entre crianças de forma geral, são a física e a verbal. As ameaças também foram bastante incidentes em seu estudo, diferenciando-se do nosso, onde a ameaça e a ameaça e fuga foram as categorias menos presentes entre nossos meninos.

Evolucao da BT e da AG

GRAFICO 7

O gráfico 7 mostra a evolução dos comportamentos estudados, analisando seu imbricamento, isto é, como eles parecem estar associados.

Do total de interações (182) 12,08% evoluíram de um para outro comportamento. Quanto ao sentido da evolução, 14,01% das brincadeiras turbulentas ($n=107$) terminaram por evocar uma agressão; 9,33% das agressões ($n=75$) evoluíram para uma brincadeira turbulenta. Apesar de haver uma diferença entre o caminho das evoluções (mais de brincadeira turbulenta para agressão do que de agressão para brincadeira turbulenta), esta não é uma diferença significativa ($X = 9,21$, $gl=1$, $p < 0,1$). Não obstante, há uma tendência. Confirma-se desta forma, uma proximidade comportamental do ponto de vista quantitativo, além da temporal.

Dividindo-se a análise do total de incidentes que evoluíram quer para a brincadeira turbulenta, quer para a agressão, notamos que nas que evoluíram para a agressão, os meninos foram responsáveis por uma parcela maior. Das 15 brincadeiras turbulentas que evoluíram para agressão, 12 foram episódios entre meninos e 3 entre meninas. A frequência de brincadeira turbulenta que evoluem para a agressão constitui, pois, uma tendência entre os meninos ($X = 0,37$, $gl=1$, $p < 0,1$).

Analisando-se a evolução da agressão para a brincadeira turbulenta ($n=7$), há um dado interessante: todas estas evoluções, que correspondem a 9,33% do total, ocorrem entre meninos (100%).

Blurton Jones (1976) não notou nenhum indicio de evoluções em seu estudo com pré-escolares. Talvez a diferença seja relativa à idade dos sujeitos observados.

Carvalho, A.M. (1986), afirma ser a evolução da brincadeira turbulenta o motivo menos frequente da agressão ; ou seja, a agressão é causada por diversos desencadeadores, sendo a brincadeira turbulenta o menos frequente deles.

O modo agonístico visa o encerramento da interação (Chance, M., 1974), assim, pode-se dizer que dificilmente este deva evoluir, ao passo que o modo hedônico, no qual incluímos a brincadeira turbulenta, é controlado pelo contato, e pela manutenção da diade. Qualquer falha na comunicação entre os parceiros pode acarretar na evolução desta para a agressão. No entanto, entre nossos sujeitos, as evoluções foram pouco frequentes, podendo-se atribuir a isso, uma boa comunicação entre os parceiros, ou uma dificuldade de manutenção da diade resistente a alterações qualitativas da interação tanto lúdicas quanto agressivas.

Smith, P. (1984) relata que 38% das mães acreditam que a brincadeira turbulenta torne a criança agressiva, como se uma evoluísse a partir da outra. Essa parece ser a crença popular que está por trás de certos ditados como:

" Brincadeira de mão, brincadeira de vilão" ou

" Brincadeira de mão, o Diabo põe a mão"

No entanto, devido aos dados apresentados, essa parece ser uma crença infundada.

Diferenciação entre os sexos

Agente e Alvo

GRAFICO 8

No gráfico 8, analisamos o sexo dos parceiros, que podem ocupar os papéis de agente e de alvo na brincadeira turbulenta e na agressão, reunidas sob forma de um total de interações ($n = 178$). Do total, 4 interações ocorreram sem que se pudesse localizar um parceiro privilegiado. Estas interações foram excluídas do gráfico por ocorrerem sempre entre o sujeito focal e um grupo de crianças.

Vale notar que um número muito pequeno de episódios envolviam um grupo de crianças, a grande maioria destes ocorria numa diáde, demonstrando uma facilidade de nossos sujeitos a relacionarem-se preferencialmente desta maneira.

Houve uma preferência dos meninos por parceiros do mesmo sexo (65,69%) seguida por uma preferência por adultos (21,89%) e pelas meninas (12,42%). Esta diferença é estatisticamente significativa, uma vez que as porcentagens são mais extremas do as apresentadas pelas meninas (que ainda assim são significativamente diferentes).

Entre as meninas, houve igualmente uma preferência por elementos do mesmo sexo (51,21%), seguida pela preferência por meninos (31,70%), e por adultos (17,07%) ($X = 7,21$, $gl=2$, $p < 0,05$).

De todas as interações em que o parceiro era um menino, e ocupava o papel de agente, 90,74% tinham como alvo um sujeito focal menino e 9,25%, um sujeito focal menina.

De todas as interações em que havia um parceiro como agente menina, o alvo era sempre um sujeito focal menino.

De todas as interações em que o parceiro era um menino no papel de alvo, 83,67% tinham como agentes sujeitos focais meninos, e 16,32%, sujeitos focais meninas.

Das interações com parceiros meninas no papel de alvo, 38,23% foram de sujeito focal menino no papel de agente, e 61,76%, de sujeitos focais meninas no papel de agente.

Das interações em que o parceiro era um adulto no papel de alvo, 75,86% foram de sujeitos focais meninos, e 24,13%, de meninas.

Em todas as interações em que o adulto ocupava o papel de agente, o alvo foi constituído por um sujeito focal menino.

Pesquisas interculturais realizadas por Omark et alii (1975) entre americanos, suíços e etíopes, mostraram uma nítida preferência por parceiros de mesmo sexo, na brincadeira de forma geral. Poderíamos atribuir a preferência por parceiros de mesmo sexo a uma especificidade quanto ao tipo de brincadeira preferido por cada sexo, como vimos anteriormente (gráfico 1), ou ainda a uma identificação com o parceiro de mesmo sexo. É interessante que a idade de nossos sujeitos coincide com o período que Freud, em 1905, denominou período de latência, durante o qual haveria uma espécie de extase da libido. A dessexualização

fenomenicamente constatada depoe contra certas leituras desenvolvimentistas da Psicanálise que vêem no psicótico um sujeito estacionado no momento pré-edipiano, ou seja anterior ao período de latência.

A relação com o adulto é mais significativa entre os meninos do que entre as meninas, ocupando o segundo lugar na ordem de preferência destes e o terceiro e último na ordem de preferências destas. Este resultado pode ser comparado com as observações de Konner (1981), entre crianças Zhun/Zwasi do Kalahari, pois estas desenvolvem tanto brincadeira turbulenta quanto agressão com adultos preferencialmente. As meninas de nosso grupo destoam do encontrado nesta cultura. Talvez tal fato se dê, devido a baixa oferta de adultos nas instituições observadas, se comparada com a oferta de adultos entre os Zhun/Zwasi; e a uma diferença sexual no modo de lidar com a separação. Segundo Bowlby (1973), as meninas desistem mais rapidamente da tentativa de contato com sua figura de apego, que escassa, no caso, acabou sendo monopolizada pelos meninos, que são mais inconformados com relação a separações.

AGENTE X ALVO

FREQUENCIAS TOTAIS

GRAFICO 9

AGENTE x ALVO

GRAFICO 10

Nos gráficos 9 a 14, analisar-se-á as posições dos sujeitos focais como agente ou como alvo.

O gráfico 9 apresenta os totais das frequências dos sujeitos focais na posição de agente ou alvo, dividindo-se a análise para meninos e meninas. Não há diferença significativa entre a frequência dos meninos como agente ou como alvo ($X = 1,6$, $gl = 1$, $p > 0,05$), no entanto, as meninas são significativamente mais agentes do que alvos ($X = 23,44$, $gl = 1$, $p < 0,05$).

No gráfico 10, apresenta-se a frequência por criança de episódios onde ocupam o lugar de agente ou de alvo. Nota-se aí, novamente (como no gráfico 2), grandes diferenças individuais. No anexo 2, apresenta-se a curva da correlação de Spearman relativa ao gráfico 10. Nela, se observa que não há uma correlação entre a frequência de localização do sujeito como agente ou como alvo ($R_s = 0,075$, $p > 0,05$), isto é, os postos ocupados pelos sujeitos como agente independem dos postos ocupados por estes como alvo.

BRINCADEIRA TURBULENTA

AGENTE X ALVO

GRAFICO 11

Brincadeira Turbulenta

frequencia do suj como agente ou alvo

GRAFICO 12

Fazendo-se uma análise discriminativa entre brincadeira turbulenta e agressão, construiu-se os gráficos 11 e 12 para a brincadeira turbulenta e 13 e 14 para a agressão.

No gráfico 11 são apresentados os totais de episódios de brincadeira turbulenta especificando o papel (agente ou alvo), relacionando-os aos sexos. Dai, se conclui que na brincadeira turbulenta, os meninos são indistintamente agentes e alvos ($X = 0,01$, $gl=1$, $p > 0,05$). No entanto, as meninas são bem mais agentes do que alvos nas interações lúdicas ($X = 23,68$, $gl = 1$, $p < 0,05$).

De todas as brincadeiras turbulentas onde os sujeitos focais ocupavam o papel de agente, estes eram indistintamente meninos ou meninas ($X = 2,51$, $gl = 1$, $p > 0,05$). O mesmo ocorreu para a brincadeira turbulenta quando os sujeitos focais se colocavam como alvos ($X = 1,14$, $gl = 1$, $p > 0,05$).

Pode-se concluir que, na brincadeira turbulenta, não há diferenças importantes entre o papel de alvo e agente entre os sexos, com exceção de uma preferência das meninas pelo papel de agente. Isso pode ser decorrente da grande mobilidade de papéis inerentes à brincadeira turbulenta. Na bibliografia, este é um dos aspectos diferenciadores da brincadeira turbulenta em relação à agressão (ver definições observacionais), segundo esta, há uma frequente inversão de papéis, responsável talvez pela indiferenciação acima apontada.

No gráfico 12, apresentou-se estes mesmos dados particularizando-os para cada sujeito, em suas posições (agente e alvo). No anexo 3, observa-se a curva de Spearman, onde novamente não há correlação entre as posições de alvo e de agente com relação a brincadeira turbulenta ($R_s = 0,01$, $p > 0,05$).

No gráfico 13, são apresentados os totais de episódios de agressão, especificando-se o papel de agente ou alvo e relacionando-os ao sexo.

Nos episódios agressivos, em que os meninos se envolvem, há uma tendência destes ocuparem o lugar de agentes ($X = 3,56$, $gl = 1$, $p < 0,1$).

Nas agressões das meninas, não há uma preferência significativa por qualquer papel, agente ou alvo ($X = 0,33$, $gl = 1$, $p > 0,05$).

Ainda com relação a este gráfico, há uma preferência clara nas agressões, de que estas se configurem tendo por agentes os meninos ($X = 5,02$, $gl = 1$, $p < 0,05$), no entanto, tomando-se os alvos, há apenas uma tendência de que estes meninos ocupem esta posição ($X = 3,31$, $gl = 1$, $p < 0,1$).

A preferência, na agressão, dos meninos ocuparem o papel de agentes vai de encontro a uma certa formulação que encontramos em alguns autores da Psicanálise. Já Freud, S. (1918) relacionava a passividade ao feminino e a atividade ao masculino, mas é sem dúvida em Dolto, F. (1971) que isso se particulariza nos modos de agressão. Segundo ela, há um predomínio do sadismo no rapaz e do masoquismo na menina. Nota-se que são duas posições dialeticamente relacionadas. No entanto, nossos dados referentes às posições ocupadas pelas meninas na agressão, não mostram uma diferenciação clara por nenhum dos dois papéis possíveis.

No gráfico 14, novamente apresentam-se os dados anteriormente discutidos, desta vez dividindo-os por sujeito focal. No anexo 4, apresenta-se a curva de Spearman referente a esta análise, onde pode-se notar uma correlação positiva entre os postos de agente e alvo ($R_s = 0,57$, $p < 0,05$), ou seja, aquelas crianças que agredem mais, são também mais frequentemente alvos de agressão. Aplicando-se o mesmo teste de correlação a esses dados, separados por sexo, podemos notar que não há correlação entre os postos de agente e alvo nas agressões entre meninas ($R_s = 0,7$, $p > 0,07$), ou seja, as meninas que mais agredem não são necessariamente as mais agredidas. Talvez tal resultado se deva ao pequeno número de episódios agressivos entre essas. Deve-se considerar os resultados relativos à agressão entre as meninas com parcimônia. Entre os meninos, tomando-os em separado, também não há correlação ($R_s = 0,28$, $p > 0,05$). A correlação só aparece quando se aumenta o número total de sujeitos.

Segundo Hinde (1966), os elementos dominantes de um grupo envolvem-se relativamente menos em incidentes agonísticos. Parecem exercer sua autoridade de forma ritual, demarcações territoriais, exhibições corporais, etc; raramente recorrendo a combates efetivos. De fato, a representação grupal de um indivíduo como agressivo parece induzir aumento de sua agressividade. Crianças que agredem muito não ocupam, a nosso entender, uma posição social elevada, e ao tentar através da agressão melhorar o seu status acaba por ser mais mal vista ainda, ocupando cada vez mais os postos menores na hierarquia do grupo.

AGRESSAO AGENTE X ALVO

GRAFICO 13

Agressao frequencia do suj como agente ou alvo

GRAFICO 14

Interferencia dos Adultos

GRAFICO 15

O gráfico 15 mostra a frequência de episódios de brincadeira turbulenta e agressão nos quais houve interferência de adultos. 100% dessas interferências ocorreram em interações em que o sujeito focal era um menino. É interessante que essas intervenções dos adultos se dirigiam indistintamente a episódios de agressão e de brincadeira turbulenta ($X = 0,06$, $gl = 1$, $p > 0,05$). Ressaltamos que não houve interferência por parte dos adultos nas interações tanto turbulentas quanto agressivas das meninas.

A atitude diferencial dos adultos com relação às interações infantis, especialmente as de tipo agressivo vem sendo acentuada na bibliografia; Brower, P. & Elliot, R. (citado por Mergargee & Hokanson - 1970) relatam que os adultos intervêm significativamente mais nas agressões de meninos do que nas de meninas. Especialmente as agressões físicas entre meninos são coibidas por adultos (Korner, 1974; Maccoby & Jacklins, 1974 e Moss; 1974).

Por outro lado os adultos, tanto pais quanto professores, parecem ser mais permissivos na brincadeira turbulenta dos meninos do que na das meninas (Smith, P. - 1984).

Há outro dado que nos chama a atenção, segundo Lewis e Weintraub (1974) as meninas parecem agredir mais os adultos que os meninos.

Pelos dados que obtivemos fica delineada uma certa inabilidade dos adultos para julgar um episódio como agressivo ou turbulento. Intervindo indistintamente em um e outro episódio a atitude do adulto sugere uma espécie de "docilização" do corpo que não leva em conta poderosas motivações da criança. Uma idéia que talvez mereça maior atenção se refere ao fato de que a educação, principalmente a de pré-escolares, vem se constituindo uma tarefa essencialmente feminina. Uma boa indicação para iniciar uma investigação crítica da brincadeira turbulenta e da agressão pode ser encontrada em Smith, P (1984), especialmente no capítulo que aborda a ideologização dos estudos sobre o assunto.

Paradoxalmente, parecem ser os pais os que mais se engajam em brincadeira turbulenta, segundo apontam pesquisas como as de Lamb (1985) e Clark & Stewart (1978), com crianças de três e dois anos. Pais seguram mais, balançam mais e frequentemente estimulam mais as crianças do que as mães. As mães parecem se dirigir às brincadeiras verbais, observando-se mais sorrisos e beijos nesta interação.

Os pais podem desempenhar papéis complementares na tríade mãe-pai-criança para a socialização do bebê, facilitando a autonomia e estimulando a ativação corporal da criança. As pesquisas de Elbesfeldt (1967) sugerem que os pais interagem duas vezes mais do que as mães com os filhos do que com as filhas. As mães, por sua vez não se diferenciam neste aspecto.

O dado parece ser recíproco, segundo Lamb (1977); os

meninos preferem os pais para a brincadeira turbulenta, e as meninas, as mães.

IDADE DO AGENTE E DO ALVO MENINOS

GRAFICO 16

IDADE DO AGENTE E DO ALVO MENINAS

GRAFICO 17

Os gráficos 16 a 21 analisam a idade dos parceiros nas interações de meninos e meninas.

Os gráficos 16 e 17 apresentam a idade dos parceiros independentemente do tipo de interação estabelecida. Segundo estes, pode-se dizer que, com relação aos meninos, há uma diferença significativa na escolha do parceiro de acordo com a sua idade ($X = 27,31$, $gl = 3$, $p < 0,05$, para sujeito focal agente, e $X = 22,23$, $gl = 3$, $p < 0,05$, para sujeito focal alvo). Assim, os meninos (gráfico 16) preferem ter por alvo de suas interações os coetâneos, depois os menores, os maiores e por fim os adultos. Como agentes de suas interações, os meninos preferem igualmente coetâneos, seguidos pelos adultos, menores e maiores. Em ambos os casos, o parceiro dos meninos são os coetâneos, sendo os maiores, os menos procurados como parceiro.

Já as meninas (gráfico 17) tiveram como alvo de todas as suas interações (100%) um coetâneo. Também se confirma a preferência por coetâneos quando a menina é o alvo da interação ($X = 40$, $gl = 3$, $p < 0,05$). A ordem de preferência quanto a idade, quando as meninas ocupam o papel de alvo é: coetâneos, adultos, menores e maiores. Quando se analisa os dados sem estabelecer uma diferença entre as posições ocupadas (agente ou alvo) pelos parceiros, nota-se que a ordem de preferência dos meninos e meninas é igual, qual seja: coetâneos, adultos, menores e por fim maiores.

IDADE DO AGENTE E DO ALVO MENINOS BRINCADEIRA TURBULENTA

GRAFICO 18

IDADE DO AGENTE E DO ALVO MENINOS AGRESSAO

GRAFICO 19

Os gráficos 18 a 21 apresenta os dados já analisados no gráfico 16, levando-se em conta o tipo de interação estabelecida (brincadeira turbulenta e agressão).

O gráfico 18 apresenta a idade dos parceiros de meninos na brincadeira turbulenta, e o 19, na agressão.

Na brincadeira turbulenta, considerando-se a posição de alvo, configura-se uma preferência decrescente por coetâneos, menores, adultos e maiores (agentes) ($X = 16,09$, $gl = 3$, $p < 0,05$). No entanto, com relação à idade do alvo, a ordem de preferência aparece como uma tendência ($X = 7,18$, $gl = 3$, $p < 0,1$). Neste caso, a ordem de preferência obtida é: coetâneo, adulto, menor e maior. Numa análise global, acerca da preferência dos meninos na brincadeira turbulenta, a sequência encontrada é: coetâneos, menores, adultos e maiores ($X = 20,22$, $gl = 3$, $p < 0,05$).

Com relação à agressão, a ordem de preferência dos meninos é: Coetâneos, adultos, maiores e menores ($X = 37,35$, $gl = 3$, $p < 0,05$), independentemente da posição ocupada pelo parceiro. Quando o parceiro era agente a ordem de preferência foi: coetâneo, adulto, menor e maior ($X = 19,90$, $gl = 3$, $p < 0,05$).

Apresentamos agora uma tabela que simplifica a leitura dos resultados relativos a ordem de preferência quanto a idade do parceiro considerando se os meninos:

BRINCADEIRA TURBULENTA

Parceiro	1	2	3	4
agente	coet.	menor	adulto	maior
* alvo	coet.	adulto	menor	maior
total	coet.	menor	adulto	maior

AGRESSÃO

Parceiro	1	2	3	4
agente	coet.	adulto	maior	menor
alvo	coet.	adulto	menor	maior
total	coet.	adulto	maior	menor

* tendência

Pode-se notar uma clara preferência pelos coetâneos em todos os grupos da tabela apresentada, além disso na brincadeira turbulenta há um desprezo pelo parceiro de maior idade. Na agressão o adulto encontra-se sempre na segunda posição com relação ao parceiro privilegiado, assim como no caso do adulto como alvo na brincadeira turbulenta. Ainda com relação a agressão pode-se notar uma variação dos dois últimos postos entre um parceiro maior e um menor.

IDADE DO AGENTE E DO ALVO MENINAS BRINCADEIRA TURBULENTA

GRAFICO 20

IDADE DO AGENTE E DO ALVO MENINAS AGRESSAO

GRAFICO 21

No gráfico 20 apresenta-se a relação entre idade do parceiro nas interações de meninas, considerando-se o tipo de interação agressiva ou brincadeira turbulenta.

Pode-se notar uma distribuição desigual na escolha dos parceiros ($X = 50,21$, $gl=3$, $p < 0,05$), as meninas preferem, para brincar turbulentamente parceiros coetâneos seguidos por adultos, crianças menores e por fim maiores. Quando o parceiro é agente há uma preferência significativa pelo coetâneo e nenhum episódio com parceiros de outras idades, maiores ou menores, ($X = 12,0$, $gl=3$, $p < 0,05$). Quando o parceiro é um alvo nota-se ainda uma preferência pelos coetâneos, seguido pelos adultos, parceiros menores e pelos maiores.

Com relação a agressão, o gráfico 21 apresenta uma diferença não significativa na preferência de parceiros. Uma ordem sugerida pelos resultados seria: coetâneos, maiores, menores e adultos, tendo os dois últimos uma frequência nula ($X = 3,67$, $gl=3$, $p > 0,05$). No único episódio em que os sujeitos focais foram alvo, o agente era coetâneo. Nos dois episódios em que os parceiros foram alvos um deles era maior e o outro coetâneo. Talvez os resultados não significativos nas comparações das interações agressivas deva-se a baixa frequência destes entre as meninas. Para uma análise geral dos dados referentes a esses dois gráficos, construiu-se uma tabela que facilita a leitura da comparação.

BRINCADEIRA TURBULENTA

parceiro	1	2	3	4
agente	coet.	-	-	-
alvo	coet.	adulto	menor	maior
total	coet.	adulto	menor	maior

AGRESSÃO

parceiro	1	2	3	4
# agente	coet.	-	-	-
# alvo	maior/coet.	-	-	-
# total	coet.	maior	-	-

não significativos

Pode-se notar novamente (vide tabela anterior) uma preferência pelos coetâneos como parceiros tanto da agressão como da brincadeira turbulenta, independentemente dos papéis ocupados pelo parceiro. Além disso, os três outros postos aparecem sem uma diferença clara. Cumpre lembrar que, com relação a agressão pouco pode-se falar acerca da idade dos parceiros, uma vez que comparações mostraram-se não significativos.

Segundo Carvalho, A.M. (comunicação pessoal) a sequência das preferências de parceiros, durante o desenvolvimento seria algo próximo de:

- a) adultos;
- b) com mais velhos e mais novos;
- c) com coetâneos.

É importante lembrar que havia, de modo geral, parceiros dos três tipos nos ambientes que observamos. A preferência por coetâneos, inclusive com constituição de díades (veja-se análise qualitativa) não se diferencia do esperado para a faixa de idade em questão.

Resultados com primatas como o macaco aranha (Bizari, L. - no prelo) também indicam uma progressão contínua rumo a estabilização das relações com coetâneos.

Partes do corpo na BT e na AG agente meninos

GRAFICO 22

Partes do corpo na BT e na AG agente meninas

GRAFICO 23

Os gráficos 22 a 25 trazem os resultados apresentados com relação às partes do corpo envolvidas nas interações lúdicas ou agressivas discriminadas pelos sexos e pela posição do sujeito focal na interação.

O gráfico 22 mostra as partes do corpo utilizadas pelos meninos nas brincadeiras turbulentas e agressões nas quais se engajam, como agentes. Há uma diferença significativa na escolha das partes utilizadas. Na brincadeira turbulenta, assim como na agressão, os meninos utilizam preferencialmente as mãos ($X=186,39$, $gl=11$, $p<0,05$ e $X=340,36$, $gl=11$, $p<0,05$, respectivamente). No entanto, as partes do corpo utilizadas com a segunda maior frequência divergem: na brincadeira turbulenta, o segundo lugar é ocupado pela cabeça e pelo braço; na agressão este segundo lugar é ocupado pelos pés. Outro ponto que nos pareceu relevante é que na brincadeira turbulenta praticamente todas as outras partes do corpo (tendo a barriga como única exceção) foram utilizadas, enquanto que na agressão nenhuma outra esteve presente.

No gráfico 23 vemos as partes do corpo utilizadas pelas meninas na brincadeira turbulenta e na agressão, estando elas na posição de agentes. Novamente, pode-se notar uma clara preferência pela utilização das mãos tanto para a brincadeira turbulenta quanto para a agressão ($X=282,72$, $gl=11$, $p<0,05$ e $X=33,00$, $gl=11$, $p<0,05$, respectivamente). No entanto outras quatro partes do corpo enquanto que nenhuma mais o foi na agressão.

Partes do corpo na BT e na AG alvo meninos

GRAFICO 24

Partes do corpo na BT e na AG alvo meninas

GRAFICO 25

No gráfico 24, encontra-se a análise das partes do corpo utilizadas pelos meninos na brincadeira turbulenta e na agressão, encontrando-se estes na posição de alvo. Ainda aqui há uma escolha diferencial da parte do corpo a ser atingida tanto na brincadeira turbulenta quanto na agressão ($X=29,78$, $gl=11$, $p<0,05$; $X=37,79$, $gl=11$, $p<0,05$ respectivamente). A cabeça é o alvo preferido tanto na brincadeira turbulenta quanto na agressão, e os pés, o traseiro e os genitais os menos visados.

Na brincadeira turbulenta, parece haver uma preferência pela parte superior do corpo, ao passo que na agressão não há uma concentração das partes do corpo visadas.

Apresentamos aqui uma tabela que facilita a apreensão dos dados relativos às preferências acima discutidas:

BRINCADEIRA TURBULENTE		AGRESSÃO
1	cabeça/ tórax	cabeça
2	braço	costas
3	mãos	braços/pernas
4	barriga	mãos/barriga
5	ombro	pescoço
6	pernas/pescoço	tórax/traseiro/ombro
7	costas	pés/genitais
8	pés	-
9	traseiro	-
10	genitais	-

No gráfico 25 analisamos a preferência por partes do corpo na brincadeira turbulenta e na agressão por meninas encontrando-se na posição de alvo. Pode-se notar uma distribuição desigual nas frequências das partes do corpo atingidas na brincadeira turbulenta, mas esta tendência não é significativa com relação a agressão ($X=53,40$, $gl=11$, $p<0,05$ e $X=9$, $gl=11$, $p>0,05$). A preferência pela cabeça no caso dos meninos (vide gráfico 24), não se confirmou no caso das meninas, pelo contrário, registramos apenas um episódio de agressão onde o alvo foi a cabeça. No entanto a preferência pelas costas na brincadeira turbulenta parece referir-se a uma brincadeira específica de determinada menina, que representa uma parcela significativa da amostra em questão (sujeito 8A).

Apresentamos a seguir uma tabela que ilustra melhor as preferências por partes do corpo, apenas para a brincadeira turbulenta (a agressão não foi significativa):

BRINCADEIRA TURBULENTE

1	costas
2	traseiro
3	barriga
4	mão
5	braço
6	tórax
7	pescoço/ombro
8	perna
9	cabeça/genitais/pés

Os anexos 6 a 15 dizem respeito às partes do corpo utilizadas por cada sujeito.

Resumiríamos os resultados destas análises estabelecendo um perfil para a brincadeira turbulenta, que tende a se concentrar nas partes superiores do corpo e outro para a agressão que tende a se dispersar por diversas regiões corporais. Esta caracterização se assemelha a que registraram Otta, E.; Dunker, C. et alli (1988) para crianças de faixa etária semelhante.

Uma aproximação que nos ocorre diz respeito a uma coincidência razoável entre os animais de que a inibição evitadora da consecução final da agressão leve em conta partes superiores do corpo (pescoço entre os lobos etc.).

Vieira, M (1991) aponta que em Hamsters há uma nítida separação das regiões do corpo utilizadas. A brincadeira turbulenta envolve as partes anteriores do corpo dos animais envolvidos; e a agressão, as partes inferiores.

VI- Conclusão:

Análise Estrutural dos Resultados

"Assim, a debilidade dos membros infantis é inocente, mas não a alma das crianças. Vi e observei uma, cheia de inveja, que ainda não falava e já olhava, pálida, de rosto colérico, para o irmãozinho colado."

S. Agostinho - Confissões I capto. VII

1. Síntese dos Resultados:

Apresentaremos aqui resumidamente as indicações levantadas por nossa pesquisa com relação ao grupo estudado.

Os meninos interagem, tanto turbulentamente quanto agressivamente, mais que as meninas. Os meninos ainda brincam turbulentamente tanto quanto agriem. Entre as meninas houve uma supremacia clara da brincadeira turbulenta sobre a agressão. Há, no entanto, grandes diferenças individuais. Ao contrário do que o estilo de intervenções dos adultos parece indicar as crianças mais turbulentas não são as mais agressivas e vice-versa. O adulto intervém preferencialmente em interações entre meninos não discriminando quando se trata de uma agressão e quando se trata de uma brincadeira turbulenta. O tipo de relação preferencial é a diade, entre coetâneos do mesmo sexo.

Pudemos ainda constatar que na brincadeira turbulenta entre meninos estes preferiam o "engalfinhamento amistoso", seguido pela "luta simulada" e pelo "contato físico violento". Já entre meninas observou-se uma inusitada preferência pelo "contato

físico violento" seguida pelo "engalfinhamento amistoso" e pela "luta simulada". Já a agressão demonstrou-se muito pouco frequente entre as meninas, entre os meninos sobressaiu-se a "agressão física" seguida pela "agressão verbal" e pela "tentativa de agressão".

Quanto ao sentido da evolução dos comportamentos notamos que a brincadeira turbulenta evolui com muito maior intensidade para a agressão do que o contrário. Há diferenças individuais que dispõe sobre a condição de sujeito e de alvo na relação.

Quanto a idade notou-se uma preferência por coetâneos se tomarmos as interações em geral. Discriminando-se para os comportamento e para os sexos encontramos a seguinte distribuição. Na brincadeira turbulenta entre meninos a preferência é por coetâneos, seguida por crianças menores, pelos adultos e pelas maiores. Na agressão entre meninos a preferência foi por coetâneos, seguida por adultos, por crianças maiores e finalmente menores. Na brincadeira turbulenta entre as meninas a preferência foi por coetâneos seguida pelo adulto, pela criança menor e pela criança maior. Na agressão entre meninas a preferência foi por coetâneos seguida por crianças maiores.

Analisando as partes do corpo envolvidas preferencialmente em um e outro comportamento vimos que a brincadeira turbulenta entre meninos implicava o contato com a cabeça e com o tórax preferencialmente, seguidos pelos braços, mãos, barriga, ombro, pernas e pescoço e costas. Na agressão

entre meninos a preferência se estabeleceu em torno da cabeça, seguida pelas costas, braços e pernas, mãos e barriga e pescoço.

Na brincadeira turbulenta entre as meninas as costas foram o alvo principal, seguida pelo traseiro, barriga, mãos e braços e tórax.

2. A Função do Corpo na Psicose:

Se há uma questão na psicose infantil esta pode passar pelo seguinte: o que é um corpo? Observamos que entre nossos sujeitos o corpo parece constituir antes de tudo um objeto. Um objeto instrumental de oferecimento ao outro.

Inúmeras vezes constatamos crianças que brincavam com o corpo de um companheiro, manipulando-o, explorando-o, como se de fato ele constituísse uma "coisa". Tocando ritualisticamente e até machucando o próprio corpo essas crianças nos chamaram a atenção por um lado devido a repetição de peculiares movimentos e por outro pela parcialização do corpo em suas relações.

Perguntar por um corpo não diz respeito ao que fazer com ele mas sim a como garanti-lo no tempo (repetição) e no espaço (parcialização). **Corpus** segundo a concepção de Aristóteles (Física) alude a um todo, a um uno. É esse uno que se tem por referência quando se fala tão exaustivamente em "desintegração" ou "fragmentação" esquizofrênica, ou ainda em "cisão" psicótica.

A partir da separação entre a ordem da imagem e a ordem do símbolo postulamos que esta unidade ao qual o corpo teóricamente responde só pode ser dada a nível da imagem e da percepção se formos o problema de forma mais geral. É na articulação do espaço e do tempo que nos surge a ideia de um espaço contínuo, isto é, de que não há vazios no mundo físico.

Nossas observações sugerem que esta não é uma noção tão clara assim para a criança psicótica. Pensemos na premissa visual do ser humano na sua infância, é necessário que num dado momento ele deduza a existência de algo que não pode ver, que está além da imagem, para que daí possa ascender ao símbolo. Isto é, como dar conta das invisibilidades do corpo, de suas cesuras, seus buracos que indicam não o seu interior mas essencialmente uma descontinuidade espacial, um momento de ruptura da imagem.

A cabeça apareceu em nossa pesquisa como a parte mais requisitada, tanto na agressão quanto na brincadeira turbulenta. Não seria ela a região primordial de concentração dessas fendas, como os olhos, a boca, ouvidos e narinas ?

Ora, para constituir-se a si mesmo como um todo é necessário que a criança tenha a noção de si a partir do outro, ou a partir de um outro como espelho pois a partir de si a criança só tem acesso a parcialidades perceptivas (não podemos ver nosso corpo todo ao mesmo tempo). As imagens do próprio corpo precisam ser reunidas por um ponto qualquer externo ao sujeito.

Note-se que tal idéia se referenda por exemplo no tema básico da alucinação paranoica; ser observado, ser seguido pelo olhar do outro e mesmo ser perseguido por ele.

Mas o que ocorre com a criança no seu olhar ? Nossa observação faz supor que se trata de um olhar que não olha. Notadamente na brincadeira turbulenta o olhar da criança parece

perdido, desfocado de seu parceiro, é um olhar que por visar o todo não alcança nada. Na agressão, ao contrário, o olhar visa uma parte precisa do corpo. Trata-se de um olhar que decompõe, que parcializa. Visando capturar o ponto de passagem entre o visível e o invisível tanto o olhar da brincadeira turbulenta quanto o da agressão se perde numa escopia infinita.

Entendemos que na psicose a passagem do modo primário da linguagem (por imagens) ao modo secundário (por símbolos) encontra-se comprometida. Como diz Lacan (1985):

"O sujeito por não poder restabelecer de maneira alguma o pacto do sujeito com o outro, por não poder fazer uma mediação simbólica qualquer entre o que é novo e ele próprio, entra em outro modo de mediação, completamente diferente do primeiro, substituindo a mediação simbólica por um formigamento, por uma proliferação imaginária..." (p.104)

3. O Averso do Corpo:

Um movimento que observamos com razoável frequência entre os sujeitos dessa pesquisa poderia ser denominado de exploração das fendas corporais. Não apenas na boca, mas no nariz e no ouvido era comum ver uma criança introduzir e retirar objetos. Sua expressão nesses momentos era de júbilo ou de curiosidade diante do desaparecimento e do aparecimento do objeto. Mesmo júbilo observado por Piaget (1978) na criança diante do reencontro de um objeto momentaneamente obstruído por um anteparo.

A agressão visa sempre uma parte específica do corpo, a brincadeira turbulenta, ao contrário, parece tomar o corpo como um todo. Reencontramos aqui, a idéia de Chance (1974) de que o modo agonístico está sob a égide do corte (cut off) e o modo hedonístico, do contato. Note-se que o modo de brincadeira turbulenta mais frequente foi o que denominamos "engalfinhamento amistoso", que compreende uma interface generalizada entre os corpos dos parceiros; quando rolam pelo chão por exemplo.

Assim como na questão do olhar, de novo a brincadeira turbulenta se relaciona ao todo corporal e a agressão à parte. O ritual de desaparecimento põe em jogo a incorporação de uma parte no lugar daquilo que falta ao corpo, em imagem, para fazê-lo todo. A curiosidade sobre as bordas corporais pode aludir à seguinte pergunta: o que vai no lugar disso que não posso ver? O júbilo está presente no momento da passagem; não quando o objeto,

por exemplo, está dentro da boca ou fora dela. O júbilo unificador exige a repetição da experiência. Reencontramos aqui a concepção de que o brincar corresponde a "movimentos de passagem do ser" precursores da simbolização.

Na psicose infantil, esses objetos correspondem portanto a um avesso do corpo, ou seja, a imagem daquilo que lhe falta. A essência deles diz respeito ao circuito escópico, pois onde não é o corpo todo do que se trata mas formas fundamentais neles inscritas; lembremo-nos da mancha do Carapau, estudado por Lorenz (1966) ou da estampagem (conforme Manning, 1979). A questão relativa a esse objeto-mancha diz respeito tanto ao tempo (ponto crítico do imprinting) quanto ao espaço (gestalt específica).

As diferenças individuais podem ser explicadas por essa oscilação entre o oferecimento como objeto e o exercício temporal das passagens. Por outro lado, o equilíbrio geral na frequência dos dois comportamentos entre os meninos, por exemplo, sugere que esses dois modos estão sincronizados no grupo.

A repetição e a parcialização formulam dois princípios de um sistema de signos comportamentais. A repetição fornece a temporalidade na ordem do significante e a gramática na ordem do significado. A parcialização fornece a espacialização na ordem do significante e a semântica na ordem do significado. Na brincadeira turbulenta, encontramos a repetição; na agressão, a parcialização.

4- A Repetição:

Observamos que muitas crianças de nossa pesquisa permaneciam na repetição contínua de uma única atividade, como o balançar, ou a movimentação estereotipada dos dedos, ou o espalhamento dos brinquedos, ou a divisão *ad infinitum* de um pedaço de papel ou de planta. Tratava-se de uma repetição automática, aparentemente incontrolável e contemplativa. Interessantemente, essas mesmas crianças tinham uma atitude peculiar com relação aos comportamentos estudados. Todas elas, brincavam muito pouco turbulentamente, e quando agrediam, o faziam de modo característico. Repentinamente, iniciavam uma ação motora muito violenta e intensa; nesses momentos dificilmente eram acalmadas. Além disso, eram crianças que falavam pouco.

A repetição, inscrita na temporalidade, produz um júbilo na passagem entre o antes e o depois, entre a ida e a volta do balanço, que faz alternâncias na imagem, não na sua representação. Eram crianças para as quais não havia como se.

É interessante lembrar que a brincadeira turbulenta típica dos bosquimanos estudados por Konner (1981) era evocada primordialmente por um indivíduo que se fingia de animal. Ela era mesmo instigada, pela metaforização da imagem ("como se eu fosse um animal") a um momento criativo.

Na psicose infantil, ao contrário, a semântica do comportamento não é essencialmente poética como se demonstrou ser

para os bosquimanos; e sim, a repetição de um mesmo e estando o júbilo na igualdade e não na diferença entre a imagem e o símbolo, entre a presença e a ausência.

Neste modo de repetição, encontramos o olhar da fascinação, o olhar que não olha da brincadeira turbulenta. Não hesitaríamos em dizer que estas atividades de repetição são um deslocamento da função significante da brincadeira turbulenta; daí os dois tempos da repetição, onde o corpo é primeiro objeto que passa pela experiência do tempo permitindo o reencontro entre eles, júbilo e fascinação. Comparemos os significantes corporais dos comportamentos demonstrando como essas atividades de repetição são correlatos da brincadeira turbulenta:

Agressão	Brincadeira Turbulenta	Repetição
1- Olhar fixo	ausente ou muito diminuída	olhar disperso perdido
2- Repentina/pontual		retorna sempre no mesmo tempo
3-Incontrolável		absolutamente controlável
4-Independente de contexto		produz seu próprio contexto
5-Executada rapidamente de um só golpe		executada em dois tempos "antes/depois"
6-Expressão de angústia		expressão de júbilo

Há, portanto, uma oposição ponto a ponto entre agressão e repetição e ao mesmo tempo uma diminuição ou ausência de

brincadeira turbulenta. O perfil encontrado em nossa pesquisa indica que crianças psicóticas (assim como as crianças destas idades em geral, descritas fartamente) preferem coetâneos, do mesmo sexo, em configuração de diade. Trata-se de uma relação em espelho, subsidiária do processo de simbolização. A brincadeira turbulenta surge depois da agressão na ontogenia, ou seja, a imagem é necessariamente anterior a sua simbolização. Isso explica também porque tanto na bibliografia (Carvalho 1986) quanto em nossa pesquisa a brincadeira turbulenta evolui para a agressão e não o contrário. O processo turbulento enquanto incipiente simbolizador é frágil, implicando o acesso a uma gramática das significações do agir (do fingir a mentira) a agressão por sua parte demanda apenas mais imagens.

5. A Parcialização:

Vimos que a agressão, no contexto do imaginário visa resgatar no outro a parte de si mesmo alienada. Conforme Lacan (1985):

“... a tensão agressiva desse eu ao outro está absolutamente integrada a toda espécie de funcionamento imaginário do homem.”

Se na brincadeira turbulenta a repetição visava a hipérbole da presença do objeto a agressão se dirigirá a hipérbole do desaparecimento. A agressão é a iminência do desaparecimento. Encontra-se justificada a divisão proposta por Cabas (1988) e discutida no capítulo II acerca das psicoses de ausência e psicoses de presença. Nas primeiras há um deslocamento da brincadeira turbulenta, nas segunda da agressão.

O tema do desaparecimento e da ausência tem uma referência também em temas da psicose adulta, principalmente esquizofrênica, onde se encontra a iminência de dissolução do corpo e da alma além de fantasias escatológicas e apocalípticas. Pensemos num dos motivos clássicos da psicose qual seja a idéia de que o corpo está sendo transformado numa máquina. O delírio “tecnológico” demonstra como nossa cultura oferece elementos para a enunciação de uma dialética entre as partes da máquina e aquilo que a configura, a repetição. O que mais além de uma máquina pode ser desmontado, feito em pedaços, parcializado. E o que mais além de uma máquina expressa a idéia de uma repetição pura, formal, sem sentido.

A relação entre a agressão e a constituição do objeto, na sua face espacial pode ser exemplificada no antigo paradoxo proposto por Zenão de Eléia para refutar a tese aristotélica acerca do movimento. Nele Aquiles (notável corredor) e uma tartaruga (símbolo da morosidade) travam uma corrida onde o herói grego concede dez metros de vantagem ao quelônio. A partir dessa vantagem torna-se impossível a Aquiles alcançar a tartaruga pois quando este alcançar a posição de partida dela ela terá andado um pouco além, e quando ele alcança essa nova posição novamente a tartaruga terá se locomovido. Pelo paradigma de que existem infinitos pontos entre dois pontos é impossível a ultrapassagem. O fato é que há um limite perceptivo entre presença e ausência.

Observamos que entre nossas crianças algumas tinham sua frequência de agressão diminuída e ao mesmo tempo mantinham níveis razoáveis de brincadeira turbulenta. Uma delas se notabilizava por dividir os pedaços do seu lanche antes de comê-los, outra parecia ter um especial apreço por quebrar janelas e vidros em geral, olhando depois disso com expressão de júbilo para os pedaços. Esta mesma criança certa vez toma uma garrafa e joga-a ao chão espatifando-a. Em seguida calca o pé em cima de um dos cacos com uma expressão de júbilo produzindo um profundo corte. Uma semana depois repete a operação servindo-se de uma porcelana. Uma outra criança se via acometida por uma fascinação pela caneta do observador. De maneira geral, e isso foi apresentado por outros pesquisadores, é comum na psicose a existência de objetos fetichizados, que assumem uma importância "mágica".

Neste grupo encontramos uma incidência da brincadeira turbulenta diferente da mais comum. Aqui ela primava por ser coletiva (o perfil é em forma de diade) ou de perseguição.

Tomemos os significantes comportamentais, e vemos que eles dizem respeito a uma espacialidade, ao mesmo tempo que sua significação parece ser semântica (aspecto mágico ou sagrado do objeto). Comparemos a incidência da brincadeira turbulenta com essa atividade que chamamos de parcialização:

Brincadeira Turbulenta	Agressão	Parcialização
coletiva	ausente ou diminuída	individual/solitária
olhar dividido/disperso		olhar fixo/discriminativo
ausência de diade estável		apego mágico ao objeto
expressão de prazer/fascinação		expressão de dor/prazer

Novamente podemos deduzir um deslocamento da agressão para a parcialização, assim como vimos um deslocamento da brincadeira para a repetição. Na parcialização há uma supremacia do processo semântico, o objeto sem articulação; e por outro da espacialização.

Portanto nossa hipótese de que há um predomínio da linguagem icônica na psicose e que no interior dessa o comportamento se estrutura como se estrutura essa linguagem, numa dialética de ausência e presença e numa oposição entre seus significantes comportamentais, fica parcialmente demonstrada..pa

VII- Referências Bibliográficas:

- Altman, J. (1974), " Observational Study of Behaviour Sampling Methods" in Behaviour, 49, 227 -267
- Almeida, A.M. e Castro, M. F. (1981) " Incidentes Agressivos na Pré-Escola" in Rev. Psicologia, 7 (2) 51-83.
- Almeida, A.M. (1986), Brincar juntos, natureza e função da interação entre crianças", in Etologia de Animais e Homens, Edicon SP Ed. César Ades - 1989
- Aristóteles (1973) Metafísica e Física, in Coleção Os Pensadores, Abril Cultural, S.P.
- Basaglia, F. (1973) - "A Instituição da Violência" in Revista Tempo Brasileiro n35
- Bates, E. (1979); The Emergence of Symbols: Cognition and Communication in Infance, Academy Press, NY
- Bateson & Martin (1986), "Measuring Behaviour" capto 4 in Recording Methods Cambridge Univ. Press - Cambridge

- Beiser, M.; Bur, W.; Ravel, J.L. e Collomb, H. (1973) "Illnesses of the spirit among the Serer of Senegal. American Journal of Psychiatry, 130, 881-886.
- Benedict, R. (1934) Patterns of Culture, Houghton Mifflin, Boston.
- Berger, P. e Luckmann, T., (1973) A Construção Social da Realidade, Vozes ed, R.J.
- Bizari, L., & Otta, E. (no prelo) "Desenvolvimento de Independência em Filhotes de Macaco Aranha" Revista do IPUSP
- Bleuler, E. (1975); Psiquiatria, Guanabara Koogan ed. R.J.
- Blurton Jones, N. (1967); "An Ethological study of some aspects of social behaviour of children in nursery school" in Primate Ethology Ed. Desmond Morris Weidenfeld and Nicolson Londres
- Blurton Jones, N. (1972), Categorias de Interação Criança-Criança In Estudos Etológicos do Comportamento Humano Ed. Pioneira SP 1981

- Boas, F. (1904), The History of Antropology, in Science 20
- Bolwby, J. (1984) Apego, ed. Martins Fontes, S.P.
- Bracinha Vieira, A. Psiquiatria e Etologia, Dissertação de Doutoramento, Lisboa s/d.
- Burton-Bradley, B.G. (1975) Stone Age Crisis: A Psychiatric Appraisal, Vanderbilt, Nashville.
- Cabas, A. G. (1980) A Função do Falo na Loucura, Papirus SP 1988
- Caneghem, D.V. (1978), Agressividade e Combatividade, Zahar - RJ 1980
- Cardoso, S. (1988) "O Olhar Viajante do Etnólogo" in. O Olhar, Companhia das Letras, S.P.
- Carnap, R. (1966) Philosophical Foundations of Physics, an Introduction to the Philosophy of Science Basic Books
- Carstairs, G.M. & Kapur, R.L. (1976) the Great Universe of Kota: Stress, Change and Mental Disorder in an Indian Village Berkley, L.A.

- Cawte, J. (1972) Cruel, poor and brutal nations: The assessment of mental health in an Australian Aboriginal community. Honolulu: University of Hawaii Press.

- Chance, M. (1974) Sociedades Hedônicas e Sociedades Agonísticas entre os Primatas in Col. Por uma Antropologia Fundamental - A Unidade do Homem Vol III Ed. Cultrix e EDUSP SP 1978

- Chauvin, R. (1965) Techniques de Combat chez les Animaux. Hachette Paris

- Clarke & Stewart (1978); "And daddy makes three: the fathers import on mother and child" in Child Development, 1978, 49, 466-478.

- Clérambault, G.G. de, (1973); Psychoses à Base d'Automatisme. Paris, Masson Edit..

- Darwin, C. (1872), A Origem das Espécies, Itatiaia ed., S.P.
 (1858), The Expression of Emotions in Man and Animals
 (1874), The Descend of Man, and Selection in Relation to Sex , in Darwin - Textos Fundamentais Paidós - B.A. 1987

- Deleuze, G. (1985) Diferença e Repetição, Escuta - PA
 (1976) Para Ler Kant, Francisco Alves

- Devereux, G. (1973), Ensaos de Etnopsiquiatria General, Barral Ed., Barcelona.

- Dienske, H. et alli (1987); A biologically meaningful classification in child psychiatry that is based upon ethological methods in Ethology and Sociobiology, vol8 n33

- Di Pietro, J.A. (1981) " Rough and Tumble Play: a Function of Gender". in Developmental Psychology , 17, 50-58.

- Dolto, F. (1971) Psicoanálisis y Pediatría Siglo Veintiuno (Ed.) B.A. 1974

- Ducrot, O. e Todorov, T. (1972); Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem. Perspectiva 1989 SP

- Edgerton, R.B.(1966) " Conception of Psychosis in Four East African Societies" American Antropologist. 1966, 68,408-425

- Eibl-Eibesfeldt, I. (1974) " The Mith of Agression-Free Hunter and Gatherer Society" in Holloway, R (ed.) Primate Agression , Territorialy and Xenophobia, N.Y. Academic Press, 435-457.

- (1967) Concepts of Ethology and their significance in the study of human

behaviour in Early Behaviour: Comparative and Developmental Approaches, Stevenson, Hess, Rheingold Eds, N.Y. Wiley

- Ember, C.R. (1981); "A Cross-Cultural Perspective on Sex Differences" in Handbook of Cross-Cultural Human Development, Edited by Munroe, R.H., et alli, Garland STPM Press, N.Y. London

- Ey, H. (1954); Etudes Psychiatriques, Paris, Desclee Brower.

- Feirman, J.R. (1987); The Ethology of Psychiatric Populations: An Introduction; Ethology and Sociobiology vol 8 n33 suplement

- Ferguson, T. J. ; Rule, B.G. (1988) "Children Evaluations of Retaliatory Agression" in Child Development, 59, 961-968.

- Ferrater Mora, J. (1982); Dicionário de Filosofia; Dom Quixote, ed., Lisboa.

- Field, M.J. (1960) Search for securitus: An ethnoopsychiatric study of rural Guana. Chicago: North Western University Press.

- Foucault, M. (1961); História da Loucura, Perspectiva ed. S.P. s.d.

(1966); As Palavras e as Coisas, Martins Fontes ed., S.P. 1987

- Frayze-Pereira, J.A. (1985) O Que é Loucura, Brasiliense ed. S.P.
- Freedman, D.G. (1972); Genetic variations on the hominid theme: individual, sex and ethnics differences" in F.J. Monks, W.W. Hartrup et alli Determinants of Behavioural Development N.Y. Academic Press, p. 121-142
- Freud, S. (1905) - Tres Ensaos de Teoria Sexual - Vol 7
 (1911)- Puntualizaciones Psicoanaliticas sobre un Caso de Paranoia (Dementia Paranoides) Descrito Autobiograficamente - Vol 12
 (1893) - Estudos sobre la Histeria - Vol 2
 (1918) - De la História de una Neurose Infantil
 - El Hombre de los Lobos - Vol 17
 (1922) Mas Alla del Principio de Placer - Vol 18
 (1925) El Malestar en la Cultura - Vol 21
 (1914) Toten e Tabu - Vol 14
 (1905) El Chiste y su Relacion con el Inconsciente - Vol 7
 in Obras Completas - Amorrortu editores, Buenos Aires (1988)

- Fry, D.P. (1987) "Diferences between Playfithing and Serious Fighting among Zapotec Children" in Ethology and Sociobiology, 4, 285-306.

- Gall, A. le (1972), Caracteriologia de la Infancia y de la Adolescencia. Editorial Luis Miracle, S.A. Barcelona.

- Géricault (1816); "O Alienado Cleptômano ou o Louco Assassino" Museu de Belas Artes Gand. in Coleção Genios da Pintura, Abril Cultural 1973

- Goffman, E. (1961); Manicômios, Prisões e Conventos, Coleção Debates, Perspectiva ed., S.P.

- Gould, S.J. (1987); Darwin e os Enigmas da Vida, Martins Fontes 1990

- Gross, K. (1901) "Play: Teasing and Love-Play" in Play- Its Role in Development and Evolution edited by Bruner, J.; Jolly, A. & Sylva, K. Penguinbooks, N.Y. - 1978

- Guatarri, F. (1989), As Três Ecologias, Papirus ed. S.P.-1990

- Guirado, M. (1987) Psicologia Institucional, E.P.U., S.P..

- Hall, E.T. (1959); The Silent Language. Double Day Anchor - N.Y.
- Habermas, J. (1968), Conhecimento e Interesse Guanabara, R.J. - 1987
- Hartup, W.W. (1974) "Agression in Childhood: Developmental Perspectives", in American Psychologist, 29, 336-341.
- Harlow, MacGrew & Thompson (1978); Psicologia, Brasiliense
- Harlow, H.F. & Harlow, M.H. (1965); "The Affectional Systems" in Behaviour of Nonhuman Primates Ed. Schrier et alli Londres Acad. Press
- Heidegger, M. (1973); "O que é Metafisica" (1929) in Os Pensadores, vol. XLV, Abril Cultural.
- Hinde, R.A. (1966); Animal Behaviour Londres e N.Y.: McGraw Hill
- Hjenslev, L. (1978); A Linguagem, Perspectiva, S.P.
- Hoof, J. (1976); "A Comparative Approach to the Phylogeny of Laughter and Smiling" in Bruner, J.S.; Jolly, A. e Silva, K. eds. Play: Its Role in Development and Evolution; Basic Books 130-139.

- Husserl, E. (1901); Investigações Lógicas, " VI Investigação: Elementos de uma Elucidação Fenomenológica do Conhecimento", in Os Pensadores, Nova Cultural, S.P. 1988

- Hutt, C. (1972); Males and Females Harmondsworth, England: Penguin Books

- Huxley, J (1984) Darwin, Salvat Ed. Barcelona

- Jaspers, K.(1973) Psicopatologia Geral, ed. Ateneu, R.J.

- Kant, E. (1786); Fundamentos da Metafísica dos Costumes ; Brasil ed..

- Kaplan, B. e Johnson, D. (1964) "The social meaning of Navajho psychopathology and psychoterapy". In, A.Kiev (Ed.) Magic, faith and healing. N.Y.: Free Press.

- Kiev, A (1968) Curanderismo: Mexican folk psychiatry. N.Y. :Free Press.

- Klein, M. (1969); Psicanálise da Criança, Mestre Jou, SP 1981

- Korner, A.F. (1974); "Methodological considerations in studying in studying sex differences in the behavioural functioning of newborns" in R.C.

Friedman,. R.M. Ricchard et alli, Sex Differences In Behaviour N.Y. John Eilley & Sons p. 197-208

- Kraepelin (1917) One Hundred Years of Psychiatry; Citadel ress, N.Y..

- Kretschmer, E. (1954) Constituição y Caráter, Barcelona, Labor

- Konner, M.J. (1981); "Etologia de um Povo que Vive da Caça e Coleta", in Blurton Jones, N. Estudos Etológicos do Comportamento da Criança, Pioneira ed., S.P.

- Kuhn, T.S. (1962); A Estrutura das Revoluções Científicas, Perspectiva Col Debates SP 1989

- Lacan, J. et alli (1989) A Querela dos Diagnósticos, Zahar ed, S.P.

Lantéri-Laura, G.; " O Empirismo e a Semiologia Psiquiátrica"

Wartel, R., " Em torno do DSM III" e " Diálogo sobre os Diagnósticos"

Samuel-Lajeunesse, B., "Em torno do DSM III"

- Lacan, J.; (1954) - O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise - O Seminário L.II Jorge Zahar

1987 R.J.

(1955) - As Psicoses - O Seminário L. III Jorge Zahar 1988 R.J.

(1949) - El Estadio del Espejo como Formador de la Funcion del Yo (Je) tal como se nos revela en la Experiencia Psicoanalitica in Escritos Siglo XXI B.A. 1988

(1950) - La Agressividad en Psicoanálisis in Escritos Siglo XXI B.A. 1988

- Laing, R.D. (1969); Self and Others, Pinguim Books, England.

1982

- Lamb, M.E. (1975); "Forgotten Contributions to Child Development", in Child Development, 1975, 18, 245-266

"Father-infant and mother-infant interaction in the first year of life" Child Development, 1977, 48, 161-181

- Lambo, T.A. (1964) "Patterns of psychiatric care in developing African Countries" in, A. Kiev (Ed.) Magic Faith and Healing Free Press N.Y.

- Laplanche, J. & Pontalis, J.B. (1986) Vocabulário de Psicanálise Martins Fontes, S.P.
p. 37

- Leakey, R. (1981); A Evolução da Humanidade, Melhoramentos ed.
S.P. 1982

- Lemert, E.M. (1967); Human deviance, social problems, and social control, Englewood Cliffs, Prentice Hall

- Lévi-Strauss, C. (1955) "A Estrutura dos Mitos"
(1949) "O Feiticeiro e sua Magia"
(1952) "A Noção de Estrutura em Etnologia
in, Antropologia Estrutural; Tempo Brasileiro
ed., 1989, R.J.
(1980) A Família: Origem & Evolução, Vila
Marta ed., P.A.

(1965) Tristes Trópicos, Plon Paris
(1962) O Pensamento Selvagem, Papirus 1990

- Lewis, M. e Weintraub, M. (1974) "Sex of Parent x Sex of Child:
Socioemotional Development" in Friedman et
alli Ed. Sex Differences in Behaviour N.Y.
John Wiley and Sons p. 165-189

- Linton, R. (1956); Culture and Mental Disorder, Springfield

- Lorenz, K. (1963) On Agression, Methuen e Co. London.
(1973) Os Oito Pecados Capitais do Homem Civilizado
Brasiliense SP 1988
(1987) The Ethology of Psychiatric Populations
in Ethology and Sociobiology vol 8 n33

suplement.

- Maccoby, E.E. & Jacklin, C.M. (1974); The Psychology of Sex Differences; Standford University Press
- Malinowsky, B. (1972) Los Argonautas del Pacifico Occidental, Planeta-Agostini, Barcelona
(1976) "O Problema do Significado em Linguagem Primitiva" in O Significado do Significado Ed. Ogden & Richards p. 295-330 Zahar
- Minkowsky, E. (1966); Traite de Psychopathologie, Paris PUF
- Manning, A. (1979); Introdução ao Comportamento Animal, Livros Técnicos e Científicos RJ
- Manonni, M. (1987); A Criança Retardada e a Mãe, Guanabara RJ
- Mauss, M. (1950); Sociologia e Antropologia, vol 1; E.P.U., São Paulo, 1974.
- McGrew, W. (1969); "An Ethological Study of Agonistic Behaviour in Preeschool Children" in Proc. Second Internat. Congre Primatol Ed. C.R. Carpenter, Basel: Karger

- McGuire, M.T. e Fairbanks, L.A. (1977) Ethological Psychiatry, Grune & Stratton, London.
- Mead, M. (1950); Sexo e Temperamento, Perspectiva, Coleção Debates SP 1988
- Mergagee-Hokanson (org.) (1976) A Dinâmica da Agressão, E.P.U. -EDUSP, S.P.
- Merleau-Ponty, M. (1990) Resumo de Cursos de Filosofia e Linguagem, Papirus ed., S.P.
- Montagu, A. (1978) A Natureza da Agressividade Humana, Zahar RJ
- Morgan, L.H. (1871); Systems of Consanguinity and Affinity of the Human Family.
- Morris, D. (1967); O Macaco Nu, Record RJ e SP
- Moyer, K.E. (1974) " Sex Differences in Aggression" in Friedman et alli Edit. Sex Differences in Behaviour N.Y.: John Wiley & Sons
- Murphy, J. (1981) " Abnormal Behavior in Traditional Societies: Labels, Explanations, and Social Reactions" in Handbook of Cross-Cultural Human Development, Garland ed., N.Y. - London.

- Neil, S.R. (1976) "Agressive and Non-Agressive Fighting in Twelve-to-Thirteen Year Old Pre-Adolescent Boys" in Journal of Child Psychology and Psychiatry, 17, 213-220.
- Omark, D.R. et alli (1975); "Formation of Dominance Hierarchies in Young Children" in Williams Edit. Psychological Anthropology The Hague: Molton, p.289-315
- Otta, E. ; Dunker, C.I.L. ; et alli (1988) "Brincadeira Turbulenta e Agressão - Limiars entre Brincadeira Turbulenta e Agressão" in Anais da XVIII Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto.
- Paim, I. (1978) Esquizofrenia, Ciências Humanas ed. ,S.P.
- Papousek, H. & Papousek, M. (1984); "Aprendizagem e Cognição no Dia a Dia de Crianças Pequenas" in Advances in the Study of Behavior, vol 14, 127-159.
- Parker, S. (1960); "The wittiko psychosis in the context of the Ojibwa personality and culture" American Anthropologist, 1960, 62, 603-623

- Pereira, I.S.J. (1951) Dicionário Grego Português, Apostolado da
Imprensa Porto
- Phoenix, C.H. et alli (1968); " Psychosexual Differentiation as
a Function of Androgenic Stimulations" in
Perspectives in Reproduction and Sexual
Behavior Ed. M. Diamond. Bloomington:
Indiana Univ. Press
- Phoenix, C.H. (1974) "Prenatal Testosterone in the Nonhuman
Primate and its Consequences for Behaviour"
in Friedman, R.M. et alli Edit. Sex
Differences in Behaviour N.Y.: John Wiley &
Sons p. 19-32
- Piaget, J. (1962); Play, Dreams and Imitation in Childhood
Norton N.Y.
- Piaget, J. (1974) citado por Smith, P. (1990).
- Piaget, J. (1978); A Formação do Símbolo na Criança; Zahar RJ
- Pierce, C.S. (1932); Gramática Especulativa: A ética da
Terminologia; in Col Os Pensadores, Abril
Cultural, 1973 SP

- Poirer, J. (1969) História da Etnologia, Cultrix-EDUSP, S.P., 1981.
- Prado Coelho, E. (1967); "Introdução ao Pensamento Cruel: Estruturas, Estruturalidade e Estruturalismos" in Estruturalismo: Antologia de Textos Teóricos, Martins Fontes, S.P.
- Price, R (1964); "Indigenous Yorubá psychiatry" in Kiev (Ed.) Magic, faith and healing, Free Press
- Reuchlin, M.; Clinique et Verification in Bulletin de Psychologie 1972-1973 XXVI, 10-11 Paris
- Rohner, R.P. (1986); "Sex Differences in Agression: Phylogenetic and enculturation perspectives", Ethos, 4, p.57-72.
- Rorty, R. (1979); A Filosofia e o Espelho da Natureza D. Quixote Lisboa - 1988
- Rosenham (1973); "On being Sane in Insane Places" in Science, 179, 250-258
- Rosset, C. (1973); A Anti Natureza - Elementos para uma Filosofia Trágica. Espaço e Tempo ed., R.J., 1989.

- Samuel-Lajeunesse et alli (1989) Em Torno do DSM III in A Querela dos Diagnósticos Jorge Zahar
- Sausurre, F. (1916); Curso de Linguística Geral, ed. Cultrix, 1975.
- Scheff, T.J. (1966); Being Mentally Ill: A sociological Theory Chicago, Aldine
- Scott, J.P. (1973); Comparative Psychology: A Modern Survey, Dewsbury e Rethlingshafer Eds. MacGraw-Hill
- Selby, H.A. (1974); Zapotec deviance: The convergence of Folk and modern sociology, Austin U.T.P.
- Silveira, A. (1966); Psicologia Fisiológica in Maternidade e Infancia; São Paulo 15 (1)
- Silverman, J. (1967); " Shamans and acute Schizofrenia" in American Antropologist, 69, 21-31
- Simon, P. et alli (1989); Em Torno do DSM III in A Querela dos Diagnósticos Jorge Zahar
- Smith, P (1989) Play in Animals and Men
- Smith & Lewis (1983) " Does Play Matter? - Functionary Aspects of Mind and Human Play" in, The Behavioral

and Brian Sciences, 5, 139-158.

- Sorenson, E.R. (1979) - "Early Tactile Communication and the Patterning of Human Organization: a New Guinea case study" in M. Bullowa (org.) Before Speech, Cambridge University Press.
- Spencer, H. (1878); The Principles of Psychology; Appleton N.Y.
- Spitz, R. (1965); The First Year of Life International University Press, N.Y..
- Strayer, F.F. e Strayer, J. (1976) - "An Ethological Analysis of Social Agonism and Dominance Relations among Preschool Children" in Child Development, 47, 980-989
- Szasz, T. (1974), O Mito da Doença Mental, Zahar ed., R.J.,
(1977); A Escravidão Psiquiátrica; Nova Fronteira, R.J., 1986.
- Tinbergen, N. (1951) - The Study of Instinct Londres, U.P.
- Tinbergen, N. & Tinbergen E.A. (1972); "Early Childhood Autism - an Ethological Approach Advances" in Ethology.

- Trevarthen (1984); Universal co-operative motives: how infants begin to know the language and culture of their parents in Jahoda e I.M. Lewis Eds Acquiring Culture: Cross Cultural Studies in Child Development. p. 37-90 London Cron & Helm

- Thyon, S. (1966); "Estruturologia" -in Prado Coelho, op cit.

- Vernant, J.P. (1989); As Origens do Pensamento Grego Bertrand SP

- Vieira, M.L. (1991); " Brincadeira Social em filhotes de Hamster"
 - Dissertação de Mestrado IPUSP

- Wartel, R. (1989); Diálogo sobre os Diagnósticos in A querela dos Diagnósticos Jorge Zahar R.J.

- Wilson, E.O. (1978); Da Natureza Humana; Querosz-EDUSP S.P.

- Winnicott, D. (1971); O Brincar e a Realidade; Imago R.J., 1975.
 (1952); Psicose e Cuidados Maternos, in Da Pediatria à Psicanálise. pág.375-387 Francisco Alves, 1988 R.J.

- Wittgenstein, L. (1958); Investigações Filosóficas in Col Os Pensadores Abril Cultural SP

- Whiting, B.B. & Whiting, J.W.M.(1975); Children of six Cultures: a Psycho-Cultural Analysis, Cambridge, Mas. : Harward Univ. Press

- Young, W.C., Goy, R.W. & Phoenix, C.H.(1964); "Hormones and Sexual Behaviour" in Science N.Y. 143, p.212-218

VIII- Anexos:

BRINC.TURBULENTA E AGRESSAO

CORRELACAO - SPEARMAN

— CRIANCAS

ANEXO 1

AGENTE X ALVO CORRELACAO - SPEARMAN

ANEXO 2

BRINC. TURB.- AGENTE X ALVO

CORRELACAO - SPEARMAN

— CRIANCAS

ANEXO 3

AGRESSAO - AGENTE X ALVO

CORRELACAO - SPEARMAN

ANEXO 4

PARTES DO CORPO/ SUJ.1A

NUMERO DE EPISODIOS

PARTES DO CORPO

AGENTE ALVO

ANEXO 5

209
215

PARTES DO CORPO / SUJ.2A

PARTES DO CORPO

AGENTE ALVO

ANEXO 6

PARTES DO CORPO/ SUJ.3A

AGENTE ALVO

ANEXO 7

PARTES DO CORPO / SUJ.4A

AGENTE ALVO

ANEXO 8

PARTES DO CORPO/ SUJ.5A

AGENTE ALVO

ANEXO 9

PARTES DO CORPO / SUJ.6A

AGENTE
 ALVO

ANEXO 10

PARTES DO CORPO/ SUJ.7A

AGENTE ALVO

ANEXO 11

PARTES DO CORPO/ SUJ.8A

AGENTE ALVO

ANEXO 12

PARTES DO CORPO / SUJ.1B

AGENTE ALVO

ANEXO 13

PARTES DO CORPO/ SUJ.2B

AGENTE
 ALVO

ANEXO 14

PARTES DO CORPO / SUJ.3B

AGENTE
 ALVO

ANEXO 15